

J. K. Friedrich Zöllner

Provas Científicas da Sobrevivência

(Física Transcendental)

*Friedrich Zöllner - An Account of Experimental Investigations from the
Scientific Treatises
Transcendental Physics
(1881)*



Claude Monet - A Zona Rural



**Demonstração de Investigações Experimentais
segundo os Tratados Científicos de**

Johann Karl Friedrich Zöllner

Professor de Astronomia e Física na Universidade de Leipzig, membro da Sociedade Real de Ciências, membro correspondente da Sociedade Real Astronômica de Londres e da Academia Imperial de Ciências Físicas e Naturais em Moscou. Membro honorário da Associação de Ciências Físicas em Frankfurt em Main, da Sociedade Científica

de Estudos Psíquicos, em Paris, e da Associação
Britânica de Espiritualistas de Londres.

* * *

Experiências sobre a Quarta Dimensão
provando a sobrevivência do Espírito.

Conteúdo resumido

Física Transcendental. Este é o título original desta obra. O principal objetivo de Zöllner neste trabalho científico foi demonstrar a sua teoria da *Quarta Dimensão*, baseando-se em suas pesquisas com os fenômenos mediúnicos.

Para atingir esse objetivo, o professor Zöllner comanda uma verdadeira equipe de pesquisadores notáveis, entre os quais encontramos Wilhelm Weber, Gustav Fechner, Wilhelm Wundt (fundador do primeiro laboratório de psicologia experimental do mundo) e outros professores da Universidade de Leipzig, na Alemanha, realizando pesquisas com o famoso perseguido e caluniado médium norte-americano Henry Slade.

A sua teoria dos seres quadridimensionais continuou questionável, porém suas pesquisas o levaram à demonstração da existência de seres em um mundo extrafísico. Por isso a obra acabou sendo adicionada ao importante conjunto de obras demonstrativas dos fenômenos espíritas.

Dessa forma, Zöllner tornou-se um dos importantes pesquisadores dos fenômenos mediúnicos, que demonstram a sobrevivência do ser psíquico diante da morte do corpo material.

Sumário

A quarta dimensão	6
Prefácio da edição inglesa	9
Dedicatória do autor a Sir William Crookes	17
I – Espaço de quatro dimensões. – Teoria do espaço segundo Gauss e Kant. – Aplicação prática dessa teoria em experiências com Henry Slade. – Verdadeiros nós produzidos numa corda com as extremidades à vista e lacradas juntas.	20
II – Experiências de magnetismo. – Fenômenos físicos. – Experiências de escrita sobre uma lousa.	32
III – Impressões permanentes de mãos e pés. – Tentativas de experiências químicas. – Vista anormal de Slade. – Impressões num espaço fechado de “três dimensões” aberto a seres de “quatro dimensões”.	46
IV – Condições para as investigações. – Homens de Ciência anticientíficos. – Resposta de Slade ao professor Barrett.	53
V – Nós em uma corda sem pontas. – Ulteriores experiências. – Materialização de mãos. – Aparecimento e desaparecimento de objetos. – Uma mesa desaparece e em seguida desce do teto em plena luz.	58
VI – Considerações teóricas. – Experiências projetadas para a prova da quarta dimensão. – O inesperado na Natureza e na vida. – Transcendência do destino em Schopenhauer.	69
VII – Diversos exemplos da chamada “passagem da matéria através da matéria”.	74
VIII – Fenômenos que se prestam a investigações. – A sua reprodução em diferentes épocas e lugares. – Experiências do Dr. Friese e do professor Wagner, confirmando as do autor.	87
IX – Teóricos: As quatro dimensões. – As experiências do Professor Mare. – Prosseguimento das experiências	

do autor e de Slade. – Moedas transferidas de caixas hermeticamente fechadas. – Clarividência.	98
X – Uma experiência para os cétricos. – Uma aposta. – Censura dos Espíritos. – Um resultado inesperado. – Objeções capciosas.	108
XI – Escrita através de uma mesa. – Uma prova decisiva da escrita em uma lousa, provando a ausência da participação direta de Slade.	115
XII – Uma falha no fio. – Um jato de água. – Fumaça. – Fogo por toda parte. – Explicação sobre a hipótese da quarta dimensão. – Uma sessão com luz fraca. – Movimentos de objetos. – Um corpo luminoso.	117
XIII – Fenômenos descritos por outros.	125
Apêndices	
Apêndice A – Testemunho de lorde Lindsay	131
Apêndice B – Testemunho de Samuel Bellachini, mágico da corte de Belim.....	133
Apêndice C – Admissões de John Mevil Maskelyne e outros prestidigitadores de profissão	134

A quarta dimensão

Este pequeno volume prova a sobrevivência espiritual do homem. É um dos livros mais extraordinários que já apareceram no mundo. Não apresenta argumentos teológicos, nem se apóia em textos sagrados. É um livro de ciência, relatando experiências científicas, realizadas por homens que são expoentes das ciências positivas, respeitados e estudados em todas as Universidades do mundo.

O autor é Zöllner. Bastaria este nome. Mas, além dele, temos Weber e Fechner, criadores da psicologia experimental, Wundt e Scheibner, Robert Hare e Reichenbach, Thiersch e Nicholas Wagner, e outros ainda, que completam a equipe de eminentes pesquisadores dos fenômenos aqui relatados. Quem ler este livro admirar-se-á de que as investigações desta ordem continuem esquecidas nos arquivos e não tenham sido desenvolvidas, em nosso século, até as suas últimas conseqüências. É espantosa a prova de alienação espiritual do homem moderno, que este episódio da História das Ciências nos oferece.

Zöllner defende a teoria do espaço quadridimensional, apoiado não apenas em importantes posições teóricas, mas também e sobretudo em experiências práticas, que podem ser repetidas por novos pesquisadores a qualquer momento. Defende-a como físico, professor da Universidade de Leipzig e um dos nomes mais elevados das ciências modernas. Prova, aliás, que as suas experiências foram repetidas por ele e por outros, em vários centros universitários da Europa, da América e da Ásia. Invalida, assim, *de maneira irrevogável*, a falsa alegação de que os fenômenos mediúnicos não podem ser repetidos, de acordo com as exigências do método científico.

Hoje, mais do que nunca, este livro precisa ser lido. O progresso científico o atualizou. Não se trata de um velho livro, mas de um livro novíssimo. Ainda agora, o professor José Fernandez, também físico eminente, catedrático das Universidades de Buenos Aires e La Plata, e parapsicólogo de renome internacional, lançou um livro com o título de *Mas allá de la cuarta dimensión*,

tratando deste mesmo assunto. E o professor Joseph Banks Rhine, pai da Parapsicologia moderna, depois de haver provado a existência de um *elemento extrafísico* no homem e no Universo, está investigando a sobrevivência espiritual, através da mais rigorosa metodologia científica. Bastariam esses dois fatos para mostrarem a atualidade e a oportunidade desta obra.

Zöllner demonstra, com as suas experiências aqui relatadas, que a Ciência já havia provado, no século passado, a sobrevivência do homem após a morte. E mostra-nos os motivos anticientíficos pelos quais essa prova foi rejeitada e asfixiada, e por fim recalçada no inconsciente do século atual, produzindo o trauma psíquico do materialismo, que nos leva à angústia e ao desespero das concepções sem perspectivas. A propósito, lembra as palavras famosas de Goethe: “A incredulidade se torna uma superstição invertida, para a cegueira do nosso tempo.”

A história das pesquisas psíquicas, ainda por escrever, tem neste livro o seu doloroso roteiro. Na dedicatória da obra, dirigindo-se a William Crookes, com o profundo respeito que o mestre inglês lhe merece, Zöllner acentua, com bravura e amargor: “Sobre vós também, ingratidão e ridículo foram lançados, com o máximo de liberalidade, pelos cegos, representantes da ciência moderna e pelas multidões mal orientadas pelos seus ensinamentos.”

A evolução da Física, alegam ainda agora esses mesmos “cegos”, arquivou todas as grandes pesquisas do passado. Entretanto, são os próprios físicos atuais, a partir de Einstein, os primeiros a reconhecerem que o desenvolvimento da Física Nuclear leva cada vez mais as pesquisas científicas para a desmaterialização da nossa concepção do mundo. Artur Compton chega a afirmar que, por trás da energia, já percebemos alguma coisa mais, que parece ser “pensamento”. E a Parapsicologia, segundo Rhine, Soal, Carington, Price e outros, abre as perspectivas de uma concepção psíquica. O Universo e o homem revelam a substância espiritual da sua natureza comum.

Vemos, assim, que não se pode invocar o progresso da Física para contestar este livro. Ele emerge do silêncio a que o relegaram, intacto na sua inteireza lógica e na sua pureza científica.

Porque a sua base é a *rocha dos fatos*, que as teorias, por mais elaboradas, não podem abalar. Este pequeno livro é suficiente por si só para mostrar a insanidade dos que pretendem, sob o pretexto da evolução científica, relegar ao passado, como artigos de museu, as investigações inacabadas sobre a questão da sobrevivência humana após a morte. Essas investigações atingiram uma tal culminância, como se vê nestas páginas, que terão de ser levadas seriamente em conta pelos investigadores atuais. Foi precisamente por isso que escolhemos este volume, para iniciar a nossa Coleção Científica, destinada a oferecer aos estudiosos o melhor e o mais sólido das bases científicas do Espiritismo: a Doutrina que avançou sobre o futuro do conhecimento humano.

A Editora.

Prefácio da edição inglesa

“Estas coisas, ó Asclépio, te parecerão verdade, se as compreenderes; porém, se as não entenderes, serão incríveis, pois entender é crer, mas não crer é não entender.”

FENÔMENOS DE DESMATERIALIZAÇÃO, esse o título do terceiro volume dos tratados científicos do professor Zöllner.

Certas partes do presente volume pertencem a obras anteriores em que fatos citados são postos em conexão com as opiniões, em Física, do autor.

Tão somente com o auxílio de algumas explicações, que o autor desenvolveu no correr da obra, o leitor fica com a tarefa de procurar compreender a teoria nova da quarta dimensão do espaço. O professor Zöllner baseia a sua hipótese, historicamente, nos escritos dos mais eminentes filósofos e matemáticos, porém não foi possível separá-la de certas idéias metafísicas ou de certos argumentos em que se acha envolvida. No primeiro capítulo, que é a reimpressão, com a permissão do Sr. Crookes, membro da Sociedade Real de Ciências de Londres, de um artigo do *Quartely Journal of Science*, de abril de 1878, acha-se um apanhado acerca da publicação do primeiro tratado do autor.

Quem escreve estas linhas espera que a atual versão dos fatos seja levada na devida consideração pelos leitores, que conhecem e apreciam, na devida forma, o valor intelectual e científico das principais testemunhas dos fenômenos aqui expostos. Para conhecimento do público em geral, fornecemos alguns dados a respeito das testemunhas a que nos referimos.

O professor Zöllner, em cuja casa muitos dos fenômenos ocorreram, nasceu em 1834. É professor de Física e Astronomia da Universidade de Leipzig e ocupa lugar proeminente entre os homens de ciência da Europa. Tem publicado muitas obras, entre elas: *Esboços de fotometria Universal dos Céus Estrelados*, *Natureza dos Corpos Celestes*, *A Natureza dos Cometas* e a presente obra.

Wilhelm Edward Weber, nascido em 1804, professor de Física, fundou com seu irmão a doutrina da *Vibração das Forças*. Publicou um volumoso tratado sobre a *Medição eletrodinâmica* (em quatro volumes, 1845/1854). Não há reputação científica mais elevada na Alemanha do que a de Weber.

Professor Scheibner, da Universidade de Leipzig, matemático de renome e distintíssimo.

Gustav Friedrich Fechner, nascido em 1801, é filósofo eminente, professor de Física na Universidade de Leipzig. Entre os seus trabalhos figuram: *A Alma das Plantas*, *Zen-Avesta*, *Coisas do Futuro*, *Elementos de Psicofísica*, *O Problema da Alma* e *A Vida Futura*.

Não é de admirar que o público testemunho de homens dessa estirpe causasse viva comoção e discussão na Alemanha.

A prevenção contra o movimento espírita é conhecida. No entanto o público há de habituar-se, com o tempo, a encarar os fenômenos como uma realidade e há de admiti-los como fenômenos físicos e científicos.

Se os nós em uma corda sem pontas, a ruptura do reposteiro do professor Zöllner, o desaparecimento de uma mesa pequena e a sua subsequente descida do teto, em uma casa particular à vista de todos, e com a imobilidade do médium Slade, devem ser atribuídos à sua intervenção consciente, não podemos deixar de conceder-lhe a primazia de descobertas científicas e de conhecimentos de segredos da Natureza de incontestável valor. Porém neste caso ele poderia, e seria do seu próprio interesse, reproduzir, sempre que lhe fosse pedido ou ele o desejasse, os fenômenos. Slade estaria imensamente rico por essas exhibições.

Porém o simples fato de nem sempre poder ele reproduzir os fenômenos, pelo menos a maior parte, prova a sua não-intervenção na realização deles. Acham-se esses mesmos fenômenos sujeitos a determinadas condições como o estado físico e moral do médium e até o dos circunstantes. Sabe-se muitas vezes do oferecimento de um cientista para verificar alguns fenômenos, daqueles chamados espíritos, uma vez que eles se reproduzam sob as condições por eles exigidas.

Na verdade, essas ofertas, muitas vezes filhas da boa vontade, procedem da suposição de que os fenômenos, para se desenvolverem, basta apenas a presença do médium. O próprio médium ignora as condições necessárias para o desenvolvimento do fenômeno. Como, pois, aceitar todas as condições que lhe queiram impor? Se por uma dessas pretensas precauções impedirem o desenvolvimento gradual do fenômeno, não acarretará isso um descrédito para o médium e para o próprio gênero de manifestações que se pretende investigar? A investigação sistemática deste assunto por homens de competência reconhecida se torna da mais alta conveniência, porém na posição de quem investiga um novo terreno científico sem imposição de condições experimentais e sem exigir um resultado imediato. A única coisa que os espíritos pedem é que, em desacordo com o que puderem colher nas suas investigações, não procurem influir, com a sua autoridade, para o descrédito desse novo ramo de conhecimento.

Aos jornalistas que pela imprensa continuamente procuram desmoralizar o Espiritismo, por meio de artigos denunciadores do *charlatanismo* de médiuns, não sabemos se merecida ou imerecidamente, só algumas palavras podemos dirigir.

Para o escritor destas linhas o Espiritismo não é loucura religiosa ou crença sectária, porém uma agregação de fatos provados, de valor incalculável para a ciência.

Os que assim encaram a matéria ficarão firmes na sua convicção, embora se provasse que todos os médiuns fossem patifes e muitos espíritos fossem os seus cúmplices. As precauções tomadas em nossas investigações foram sempre admitindo a possibilidade dessa hipótese. Em nenhuma das experiências relatadas ao público imperou a confiança pessoal no médium, não obstante muitas vezes existir essa confiança, principalmente quando as manifestações se realizaram em casas particulares e entre pessoas acima de toda a suspeita.

Quanto ao médium Henry Slade, em cuja companhia o professor Zöllner procedeu às suas investigações, todo o mundo sabe ou soube que há alguns anos atrás ele foi condenado pelo Tribunal de Justiça em Bow Street por “tentar por meios artificiosos” enganar o professor E. Ray Lankester, R. S. e outros. Foi

condenado pelo juiz Flowers a três meses de prisão com trabalho. Sendo a sentença apelada, o processo foi anulado por erro insanável.

Eis mais ou menos a resenha do processo. O professor Lankester teve duas sessões com Slade. Acreditando ele ter descoberto o modo empregado por Slade para obter escrita nas lousas, fez-se acompanhar pelo seu amigo o Dr. Donkin, cujo testemunho concordou com o seu. O *modus operandi*, segundo esses senhores, era o seguinte: Slade tomava uma ardósia e a conservava nas mãos. Antes de colocá-la sob a mesa, isto é, debaixo e de encontro à mesa com o pretexto de obter comunicações por escrito dos Espíritos, os investigadores ouviam na ocasião o ruído de escrita e percebiam um movimento do braço de Slade, que denunciava estar ele escrevendo na pedra, provavelmente segura entre os joelhos. Como obtivesse as comunicações com a pedra em diversas posições, acreditaram ter Slade colocado um pedaço de lápis na unha a fim de escrever. Por último afirmaram que assim que ouviram, numa das reuniões, o ruído de escrita, arrancaram a ardósia da mão de Slade e então encontraram aí a comunicação escrita.

Esse foi o ardil que empregou, segundo os seus acusadores, um homem que, se não é médium, é um dos mais notáveis prestidigitadores e ilusionistas do mundo e que foi condenado por “pretender alterar o curso das leis naturais”, segundo a frase do juiz.

Algumas palavras mais podemos ajuntar.

Antes da visita do professor Lankester, Slade esteve dois meses em Londres, de caminho para S. Petersburgo, aonde ia a convite de uma comissão da Imperial Universidade daquela cidade.

Durante esse tempo dava sessões públicas às quais assistiram não poucos literatos e cientistas. Devemos presumir que a impressão por ele produzida nos assistentes não foi a que confessaram os seus acusadores. Arrolados como testemunhas da acusação, apresentaram os nomes de muitas sem serem autorizados e entre eles o do Dr. V. B. Carpenter, membro da Sociedade Real

de Ciências. Só o Sr. R. M. Hutton, entre tantos cavalheiros, consentiu em depor no processo e o seu depoimento foi em tudo favorável ao acusado. Outras pessoas declararam não ter percebido nenhum ardil, embora desconfiassem.

Para a defesa propuseram convidar certo número de pessoas inteligentes e de preparo, a fim de examinarem os fenômenos e darem a sua opinião. O juiz só admitiu o depoimento de quatro dessas pessoas, sendo uma delas o eminente naturalista A. R. Wallace. O juiz qualificou o depoimento das testemunhas de esmagador para a acusação, mas apesar disso condenou o acusado “por pretender alterar o curso das leis conhecidas da Natureza”. Tentaram provar, com o prestidigitador Maskelyne, que a pequena mesa usada por Slade estava preparada. Esta tentativa gorou por completo, pois se verificou ser uma mesa redonda comum, velha e de uma só perna no centro.

A referida mesa acha-se atualmente na *Associação Britânica dos Espiritualistas de Londres*, onde pode ser examinada.

No começo do processo de Slade, quem escreve estas linhas era descrente, só se convenceu depois de haver assistido a diversas sessões de Slade e de ter visto que, embora inexplicáveis, os fenômenos se davam sem a intervenção consciente de Slade.

Assim que foi anulado o processo contra Slade, o professor Lankester tentou novo processo, “no interesse da Ciência”, dizia ele. O mesmo professor escreveu no *Times* um extenso artigo dizendo ter-se a *Associação Britânica* degradado a ponto de, em sessão e por proposta do professor Barrett, consentir que se julgasse o assunto digno de investigação. Durante o prosseguimento do novo processo, Slade ficou gravemente doente. Sentia, dizia ele, imensamente a injustiça que lhe faziam e, apesar dos reiterados pedidos dos amigos, se recusou a abandonar a Inglaterra.

Afinal, sobreveio-lhe uma febre cerebral, que quase lhe foi fatal, declarando os médicos que o prosseguimento do processo o mataria; só então consentiu ele em retirar-se para Haia na companhia do seu secretário, o Sr. Simmons, e de uma sobrinha.

Daquela cidade escreveu, por intermédio do secretário, ao seu acusador a seguinte carta:

“Sr. Professor C. R. Lankester

Estimado Senhor,

Já estando o Dr. Slade melhor da sua moléstia e a sua viagem a S. Petersburgo tendo sido transferida, a pedido dos amigos, até o outono próximo, deseja que a seguinte proposta lhe seja apresentada.

Ele se prontifica a voltar a Londres expressamente para convencê-lo da veracidade da escrita sobre a ardósia.

Dirigir-se-á à sua casa e sentar-se-á à sua própria mesa, usará de uma pedra e lápis por vós escolhidos ou, se o preferirdes, em casa dele podereis ser recebido.

Se aceitardes o presente convite, Slade pede-vos que guardeis o mais completo sigilo. Como ele nunca pode garantir o resultado a obter, vós lhe haveis de conceder seis sessões ou mais se julgardes conveniente. Vós não tereis despesa alguma. Vós vos comprometeis até uma semana depois da última sessão a não dar andamento nem consentir que dêem andamento a processos contra ele.

E, se no final, vos convencerdes de que a escrita é obtida por meios que excluam a idéia de qualquer embuste, desistireis de vez do mesmo processo.

Se, pelo contrário, não vos derdes por satisfeito, estareis em liberdade de prosseguirdes no processo contra nós, decorrida uma semana da nossa última sessão. Convém notar que Slade se prontifica a dirigir-se a vós sem testemunhas, confiando inteiramente na vossa boa fé.

Consciente da sua inocência, ele não guarda absolutamente rancor. O Sr. Slade acredita que vós assim procedestes por acreditardes haver má fé da parte dele, e isso por não terdes vós tido tempo de investigar convenientemente o fenômeno.

Se dentro de dez dias não tivermos recebido resposta vossa, veremos no vosso silêncio uma recusa ao nosso convite.

Tenho a honra de ser o vosso criado obediente.

Maio, 7 de 1877.

J. Simmons.”

Nunca responderam à carta.

Depois de um longo descanso no continente, Slade deu a série das notáveis sessões relatadas neste livro. Seguiu depois para S. Petersburgo. Voltando a Londres, lá esteve dois ou três dias, partindo em seguida para a Austrália, onde causou grande impressão. Voltou à América por S. Francisco e se acha novamente em Nova York. Durante as suas viagens, depois que deixou a Inglaterra, dizem ter ele sido afetado de uma paralisia parcial, conseqüência do abalo moral sofrido no decorrer do processo criminal.

Com Slade se dá a circunstância, que ainda não vi com nenhum outro médium, de poder fazer as sessões a qualquer hora do dia. É de esperar, em benefício da Ciência, que ele torne a visitar Londres. Nós que nos interessamos pela verdade das coisas, desejaríamos que promovessem, por pessoas de competência reconhecida, a investigação dos fenômenos à luz da Ciência. Acho-me tão crente nisto que creio facilmente se promoveria uma subscrição para trazer Slade à Inglaterra, a fim de pô-lo em contacto com uma comissão científica encarregada de examinar os fenômenos espíritas, tais como as *comunicações psicográficas* e outras, sob as condições que ele ofereceu ao professor Lankester.

Ninguém pode duvidar de que o processo contra Slade foi promovido unicamente com o fim de abafar o progresso do movimento espírita.

O professor Zöllner, na presente obra, usando da linguagem de um verdadeiro homem de Ciência, exprime a sua indignação pelo procedimento que na Inglaterra tiveram contra Slade. O tempo provará como foram injustos para com o médium e continuam a sê-lo para com muitos outros, mesmo na atualidade. Este volume é quase exclusivamente de testemunhos de pessoas competentíssimas que assistiram ao desenvolvimento dos fenômenos nele descritos. Que eles são de um alcance científico enorme, é indiscutível. Tudo o que se pede por enquanto é que julguem sem prevenção.

Recomendamos o pequeno volume intitulado *Psicografia* a quem desejar ler mais sobre as manifestações escritas. Quem ler e investigar verá, logo nos primeiros passos, que as manifestações espíritas e a prestidigitação são coisas muito diferentes.

A presente obra não tem valor literário, visto não só o autor como também o tradutor terem procurado ser o mais explícito possível na descrição dos fenômenos, sem se preocuparem absolutamente com a forma.

**Dedicatória do autor a
Sir William Crookes, membro da
Sociedade Real de Ciências de Londres**

Com o mais elevado sentimento de gratidão e reconhecimento pelos serviços prestados por vós a uma nova ciência, eu vos ofereço, respeitabilíssimo colega, o terceiro volume dos meus *Tratados Científicos*.

Por uma coincidência notável, as nossas investigações científicas se encontraram no mesmo terreno, fornecendo à humanidade admirada uma nova classe de *fenômenos físicos* que proclamam bem alto e de um modo não mais duvidoso a existência de um outro mundo material de seres inteligentes. Como dois solitários viajores que, alegres, se cumprimentam ao se encontrarem depois da dissipação de intenso nevoeiro, que encobria o cume a que aspiravam chegar, eu me rejubilo em vos ter encontrado, corajoso batalhador, neste novo campo científico.

Sobre vós também ingratidão e ridículo têm sido atirados, com a máxima liberalidade, pelos cegos representantes da ciência moderna e pelas multidões mal guiadas pelos seus ensinamentos.

Seja a vossa consolação a certeza de que o imortal esplendor com que os nomes de Newton e Faraday ilustram a história do povo inglês nunca poderá ser obscurecido, nem mesmo pelo declínio político dessa grande nação. Assim também o vosso nome sobreviverá na história da cultura intelectual, juntando um novo adorno aos mais com que a nação inglesa já ornou a raça humana.

A vossa coragem, a vossa admirável penetração nas investigações e a vossa incomparável perseverança vos erigirão um monumento nos corações agradecidos da posteridade, indestrutível como os mármores das estátuas de Westminster.

Aceitai, pois, a presente obra como sinal de agradecimento e simpatia, vertidos do coração honesto de um alemão.

Se algum dia o ideal da paz universal for realizado, será indiscutivelmente o resultado não de discursos e de agitações políticas, dos quais sempre a vaidade humana exige o seu tributo, mas sim do progresso dos conhecimentos científicos, pelo que teremos de agradecer a verdadeiros heróis como Copérnico, Galileu, Kepler, Newton, Faraday, Wilhelm Weber e vós!

Em primeiro lugar torna-se necessário que a verdade seja dita sem restrições, de modo a enfrentar, com toda a energia, as mentiras e a tirania, seja sob que aspecto for, que procurem impedir o progresso humano. Neste sentido, peço-vos que julgueis da luta que tenho sustentado contra as ofensas morais e científicas, não só no meu como também no vosso país.

Toda a polêmica, mesmo as mais justas, têm em si qualquer coisa de antipático, apresentando o aspecto de um sanguinolento campo de batalha. Mesmo nisso é o homem intimado a recordar-se positivamente das imperfeições e fraqueza da sua vida terrena.

A poesia e a história de todos os povos glorificam os campos de batalha saturados do sangue dos seus nobres filhos e, à sua volta, a primeira vem encontrar as cruces que marcam os túmulos dos heróis tombados, adornados de rosas e saudades no lugar onde um ano antes de digladiavam até à morte.

Assim para o futuro parecerá às gerações vindouras esse campo de batalha literário. Elas terão compreendido a necessidade moral da luta e, no esplendor matutino de uma nova era da cultura humana, se terá apagado da sua lembrança a parte antipática da minha polêmica.

A Inglaterra e a Alemanha sempre se hão de lembrar das palavras do vosso grande Sir David Brewster, que na sua *Vida de Newton* relembra a indestrutibilidade e a imortalidade das obras do gênio humano:

“Os empreendimentos humanos, como a fonte de que emanam, são indestrutíveis. Atos de legislação e feitos de guerra podem conferir aos seus autores grande celebridade, porém a glória que eles trazem é somente local e temporária e, enquanto são glorificados pela nação que eles beneficiam,

por outro lado são amaldiçoados pelo povo a quem arruinam ou escravizam.

Os labores da Ciência, pelo contrário, não acarretam má consequência alguma. São a dádiva generosa de grandes cérebros para todos os indivíduos da sua espécie e, quando bem acolhidos, se tornam o consolo da vida privada e o ornamento e fortaleza do bem-estar comum.”

Com estas consoladoras palavras de um dos vossos célebres patrícios, aceitai, meu distinto amigo, a presente obra como sinal da sincera estima do

Autor

Leipzig, 1º de outubro de 1879.

Fenômenos de Desmaterialização

Capítulo I

Espaço de quatro dimensões. – Teoria do espaço segundo Gauss e Kant. – Aplicação prática dessa teoria em experiências com Henry Slade. – Verdadeiros nós produzidos numa corda com as extremidades à vista e lacradas juntas.

(Ver Nota ao final do capítulo)

No primeiro *Tratado*, demonstra o autor que ambos, Newton e Faraday, advogavam a teoria da ação direta a distância através do vácuo, em oposição ao modo de pensar de muitos homens modernos de Ciência. No seu último *Tratado*, que é muitíssimo interessante, o autor descreve experiências por ele feitas em Leipzig, em dezembro de 1877, com o americano Henry Slade.¹

As experiências não foram mais do que aplicação prática da teoria do espaço de Gauss e Kant, que estes dois eminentes homens imaginavam poder conter mais de três dimensões. O autor fará o possível para dar aos leitores do *Quartely Journal of Science* uma idéia dessa teoria para a sua mais ampla explicação.

De acordo com Kant, Schopenhauer e Helmholtz, o autor encara a aplicação da lei da *causalidade* como uma função do intelecto humano dada ao homem *a priori*, isto é, antes de toda a experiência. A totalidade das experiências empíricas é comunicada ao intelecto pelos sentidos, ou seja, pelos órgãos que comunicam à idéia todas as impressões dos sentidos, que são recebidas na superfície dos nossos corpos. Essas impressões são para nós reais e a sua esfera de “duas dimensões” atua no nosso corpo, porém tão-somente na sua superfície. Somente por um processo inteligente nós alcançamos a concepção de um mundo de objetos de “três dimensões”. Que circunstâncias, perguntamos nós, insinuaram esse resultado ao nosso intelecto? Se uma crian-

ça contempla a mão, ela ficará com a sua imagem estampada na retina dos olhos.

A custo de muito tatear e pegar, a criança fica sabendo que a sua mão conserva a mesma forma e extensão através de todas as variantes de distâncias e posições sob as quais ela possa ser observada, não obstante a forma e a extensão do reflexo da imagem na retina mudarem constantemente com as diferentes posições da mão em relação aos olhos.

O problema apresenta-se do modo seguinte ao entendimento da criança: como conciliar na sua compreensão os dois fatos aparentemente contraditórios, a invariabilidade da forma do objeto e a variabilidade da sua aparência?

Isso só é possível no espaço de três dimensões, no qual, devido a distorções de perspectiva e suas mudanças, as variações de projeções podem conciliar-se com a imutabilidade da forma de um corpo. No estereoscópio, por exemplo, a reprodução da corporeidade, isto é, a terceira dimensão, imediatamente se forma na nossa imaginação quando o nosso cérebro tem de compreender a reprodução do mesmo objeto representado por suas figuras em tudo iguais. Conseqüentemente, a compreensão de um espaço de três dimensões se desenvolveu em nós por meio da lei da *causalidade*, que em nós surgiu *a priori*, e chegamos à conclusão da “terceira dimensão” de modo a poder explicar a aparente incompreensão dos fatos, de cuja existência a experiência diariamente nos convence.

Desde o momento em que observamos, no espaço de três dimensões, fatos contraditórios, isto é, fatos que nos forçariam a imputar a um corpo dois atributos ou duas qualidades, que até então julgávamos fatos contraditórios num corpo de três dimensões, nossa razão se veria forçada a procurar conciliar esses dois fatos.

Tal contradição existiria se, por exemplo, atribuíssemos ao mesmo objeto, simultaneamente, mutabilidade e imutabilidade, o mais geral atributo de um corpo sendo a quantidade da sua matéria ponderável. Conforme os nossos conhecimentos, julgamos este atributo inalterável. Tão depressa porém se nos apre-

sente um fenômeno, que nos prove a sua alterabilidade, nós nos veremos obrigados a adotar as conclusões, segundo a mudança, na quantidade da matéria, de acordo com a sua, até então, suposta imutabilidade.

Na página 235 o autor cita o célebre matemático Riemann,² que diz na sua obra *Sobre a Hipótese em que se fundou a Geometria*:

“Estes fatos só podem ser aceitos partindo-se das teorias atuais e desde que os fenômenos sejam confirmados pela experiência e dos quais Newton lançou os fundamentos segundo observamos atualmente. Forçados por fatos que não podemos explicar com teorias por nós até agora aceitas, gradualmente reformamos as nossas concepções.

Se ocorrem fenômenos que correspondem a teorias por nós aceitas, estas se robustecem e a nossa confiança nelas se acentua; se, porém, ocorrer algum fato com o qual não contamos ou segundo as nossas teorias é impossível, competenos remodelar essas mesmas teorias de modo a não continuarem os fatos freqüentemente observados em desacordo com as mesmas teorias. Desse modo a nossa concepção da Natureza vai paulatinamente tornando-se cada vez mais ampla e mais perfeita, subtraindo-se à lei das aparências.”

Procederei agora à aplicação no espaço, imediatamente superior, da teoria de torcer-se uma corda perfeitamente flexível.

Seja a , b a corda mostrando-nos, quando esticada, desenvolvimento no espaço de uma dimensão.

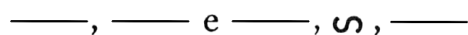
a ————— b

Se a corda dobrar-se de modo a conservarem-se todas as suas partes sempre no mesmo plano, teremos um desenvolvimento num “espaço de duas dimensões”. A corda desenvolverá a seguinte figura:

a ~~~~~ b

Desta forma, todas as suas partes, se as imaginarmos de diâmetro infinitamente limitado, podem ser consideradas como que descansando no mesmo plano, isto é, num espaço de “duas

dimensões”. Se a mesma corda tornar à figura primitiva de uma linha reta, de modo que durante essa operação todas as suas partes se conservem no mesmo plano, o fenômeno só poderá ser efetuado descrevendo-se com uma das extremidades num círculo de 360°. Para os seres cuja percepção só alcance as “duas dimensões”, estas operações com a corda corresponderiam ao que nós, seres que abrangemos três dimensões, chamamos nós numa corda. Agora se um ser que, devido à sua organização física, tiver a sua percepção limitada a duas dimensões do espaço pudesse, apesar de tudo, executar com a corda operações que só são possíveis no espaço de três dimensões, ele seria capaz de desfazer o nó de duas dimensões de um modo muito mais simples. Seria suficiente virar uma parte da corda de modo que depois da operação, quando todas as suas partes se achassem novamente no mesmo plano, a corda tivesse passado pelas seguintes posições:



Pela mesma operação, porém, num sentido inverso, o ser poderia novamente dar o nó sem ter de lançar mão do mesmo processo e durante o qual todas as partes da corda teriam que se conservar no espaço de duas dimensões.

Se estas considerações, por analogia, fossem aplicadas a um nó de três dimensões, facilmente se veria que tanto o amarrar como o desamarrar do nó só poderiam ser efetuados por um processo durante o qual as partes da corda descrevessem uma dupla curva como na figura abaixo:



Nós, seres do espaço de três dimensões, só poderemos atar ou desatar o nó movendo uma das extremidades, 360° num plano, que será “inclinado” para o que contiver a parte do nó de duas dimensões.

Porém, se entre nós houver alguém que por sua vontade possa efetuar movimento de quatro dimensões, este poderá atar e desatar os nós de um modo muito mais simples, por um processo análogo ao já descrito em relação aos nós de duas dimensões.

Não seria necessário nem mesmo provável que os seres tivessem consciência desse efeito de sua vontade. Toda a nossa concepção, em relação aos movimentos dos membros do nosso corpo, nós a obtivemos *unicamente* pela experiência. Tendo nós observado desde a infância que a um movimento qualquer dos nossos membros corresponde imediatamente uma mudança em nossa fisionomia, só desse modo conciliamos qualquer movimento do nosso ou de outro corpo com uma concepção correspondente a esse movimento.

Berkeley demonstrou essa verdade no ano de 1709 no seu *Essay Towards a New Theory of Vision* e no *A Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge* (1710). Nessa sua última obra ele observa, quanto às percepções da vista em relação às sensações do tato:

“Quando pela vista nós concebemos distância ou qualquer objeto a distância, a nossa mente não nos sugere a que distância o objeto está de nós, mas simplesmente nos adverte a sensação do tato a tal distância e em conseqüência de tal e tal ação.” (obra citada, vol. I, pág. 177.)

Litchemberg em 1799 pronunciou-se do mesmo modo quando disse:

“Apercebermo-nos de qualquer causa fora de nós é contradição; só podemos apercebermo-nos de qualquer causa *em nós*. O que sentimos é uma mera modificação de nós mesmos, por conseguinte *em nós*. Por serem essas modificações independentes de nós, procuramos a sua causa em coisas que estão *fora de nós* e dizemos que há causas *além de nós*. Deveríamos dizer *proeternos*, porém *proeter* substituímos pela preposição *extra*, o que é muito diverso, isto é, nós imaginamos estas causas no espaço fora de nós. Isto evidentemente não é percepção, porém parece ser qualquer *causa intimamente ligada ao nosso poder* sensitivo de percepção; é a forma sob a qual o *proeter* nos dá a *forma sensitiva*.”

A falta desta concepção necessariamente se fará sentir por nós se alguns indivíduos, e estes ocasionalmente e pela sua

vontade, forem capazes de produzir movimentos físicos para os quais uma *definição geométrico-matemática* do sistema de quatro dimensões impuser-se.

Creio ter sido Gauss o primeiro, partindo do princípio da *Geometria Situs*, a chamar a atenção para as “cordas flexíveis torcidas. “Nos manuscritos por ele deixados (*Gauss Werke*, vol. V, pág. 605) nós lemos o seguinte:

“Acerca da *Geometria Situs*, que Leibnitz previu e que a bem poucos matemáticos foi dado lançar um golpe de vista (Euler e Vandermonde), nós, decorridos 150 anos, conhecemos pouco mais de nada. Um dos principais problemas da *Geometria Situs* e da *Geometria Magnitudinis* será o de calcular o número de torceduras de duas cordas de pontas atadas.”

No meu primeiro tratado *Da Ação a Distância* discuti, em seus detalhes, a verdade descoberta por Kant e mais tarde aceita por Gauss e pelos apologistas da doutrina *antieuclediana*, a saber: que a nossa atual concepção do espaço à qual nos habituamos é devida à nossa experiência, isto é, se deriva de fatos empíricos, graças ao princípio causal, existindo *a priori* em nosso intelecto. Isto deve especialmente ser aplicado à nossa atual concepção do espaço de três dimensões. Se desde a nossa infância, diariamente, observássemos fenômenos para cuja explicação plausível necessitássemos de um espaço de quatro dimensões, sem contradição, isto é, de acordo com a razão, nós poderíamos ter formado a concepção do espaço de quatro dimensões. Segue-se que a existência real de um espaço de quatro dimensões só poderá ser aceita por experiência, isto é, pela observação dos fatos.

Já um grande passo se deu admitindo-se a possibilidade da compreensão de um espaço de quatro dimensões, não obstante, pelas razões acima expostas, não podermos formar idéia exata de sua disposição. Kant porém dá mais um passo. Da *possibilidade lógica* da existência de mais de três dimensões no espaço, ele infere a sua “muito provável existência” quando diz:

“Se há a possibilidade do desenvolvimento de outras dimensões do espaço, é também muito provável tê-las Deus desenvolvido em algum lugar, porquanto as suas obras têm toda a majestade e variedades concebíveis.

Pelo que fica dito, mostrei que diversos mundos, debaixo do ponto de vista *metafísico*, podem existir simultaneamente e justamente é esta circunstância a única que, segundo a minha convicção, nos autoriza a crer que de fato tais mundos existem.” (obras de Kant, vol. V, pág. 25.)

Podemos ainda mencionar as seguintes observações de Kant:

“Eu confesso que me acho muito inclinado a admitir a existência de seres imateriais no mundo e a classificar a minha própria alma nesta categoria de seres. Nós podemos admitir a existência de seres imateriais sem receio de sermos contestados, não obstante ao mesmo tempo sem a possibilidade de provarmos a sua existência pela razão.

Esses seres espirituais existirão no espaço, conservando-se porém penetráveis pelos seres materiais, porquanto a sua presença implicará uma força atuando no espaço, porém não um preenchimento do mesmo espaço, isto é, uma resistência causada pela consistência.

Pode-se aceitar como demonstrado ou poder-se-ia demonstrar se nós por algum tempo aprofundássemos o assunto; ou melhor ainda, será provado no futuro, não posso conceber onde e quando, que também nesta vida a alma humana se mantém em união indissolúvel com todos os seres do mundo espiritual; que neles produz efeitos e em troca deles recebe certas impressões sem todavia ter delas conhecimento, uma vez que tudo se conserve no estado normal.

Seria uma felicidade se tal sistema de estrutura do mundo espiritual pudesse ser deduzido de outra prova além da bastante hipotética concepção da natureza espiritual em geral; pudesse ela, porém, ao menos ser inferida ou então *conjeturada* como provável resultado de alguma observação geralmente admitida.” (Kant, vol. III, pág. 32.)

Já tive ocasião de discutir alguns fenômenos físicos que devem ser possíveis a seres do espaço de quatro dimensões, uma vez que sob certas circunstâncias estejam habilitados a reproduzi-los de modo visível no mundo material de três dimensões. Já discuti de modo mais ou menos longo o nó numa corda sem pontas para chegar à dedução precedente. Se uma corda tiver as suas extremidades atadas juntas e lacradas, um ser inteligente tendo o poder pela sua vontade de produzir nessa corda curvaturas e movimentos das quatro dimensões, deve poder, sem desfazer o laço, amarrar um ou mais nós nessa corda sem pontas. Essa experiência foi efetuada com bom êxito em Leipzig, em dezembro de 1877, às 11 horas da manhã do dia 17, em presença do Sr. Slade. A gravura junta (figura 1) mostra a corda com quatro nós, bem como a posição das minhas mãos,³ às quais a mão esquerda do Sr. Slade e, bem assim, as de um outro cavaleiro, estavam juntas. A parte lacrada da corda descansava pelos meus polegares e o resto da corda pendia no meu colo. Exprimi o desejo de que um nó fosse dado na corda e, no entanto, quatro nós em pouco tempo foram atados como se vê na gravura.

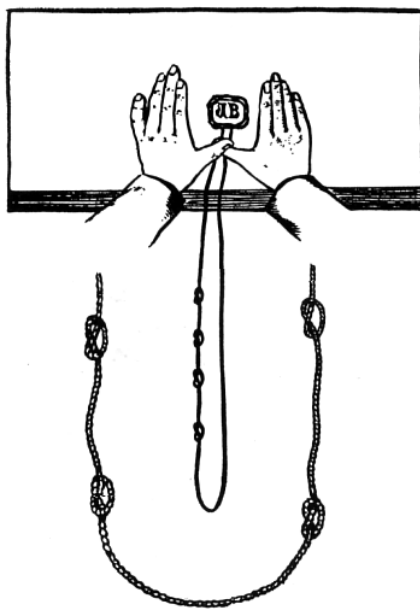


Figura 1

A corda de linho tinha de espessura cerca de 1 milímetro. O seu comprimento antes dos nós serem atados era de cerca de 148 centímetros; o seu comprimento, por conseguinte, depois de

dobrada, era de 74 centímetros. As suas pontas foram amarradas num nó comum e lacradas a um papel de modo que ficasse o nó apenas visível fora do lacre. Em seguida aparamos o papel em volta do lacre.

Procedi à elaboração do lacre de duas cordas e pus o meu sinete. Esta operação foi efetuada na noite de 16 de dezembro de 1877, às 9 horas, em minha casa e à vista de diversos amigos, não estando o Sr. Slade presente.

Duas cordas, em tudo idênticas às primeiras, foram lacradas por Wilhelm Weber, às 10:30 da manhã de 17 de dezembro. Com estas quatro cordas dirigi-me à casa de um dos meus amigos, na minha vizinhança, onde se acha o Sr. Slade hospedado, a fim de o termos completamente à nossa disposição e de seqüestrá-lo da curiosidade pública. A sessão se realizou no gabinete do meu amigo imediatamente após a minha chegada. Eu próprio escolhi uma das quatro cordas e com o fim de não consentir que ela saísse do meu poder a pendurei como precaução no pescoço, conservando sempre a parte lacrada para a frente.

Durante todo o tempo da sessão, o Sr. Slade, que se queixava de fortes dores de cabeça, conservava sempre as suas mãos à vista sobre a mesa e sempre na mesma posição. Ele parecia mesmo estar bastante distraído e completamente alheio ao que se passava.

Não posso manter a proposição de terem os nós sido atados por intervenção da sua *vontade consciente*, porém afirmo que se realizou o fenômeno sem *contacto visível* da parte de Slade. De acordo com notícias publicadas a respeito do assunto, parece-me ter esta experiência sido realizada em Viena também, na presença do Sr. Slade e revestida das mais severas precauções.

Àqueles que desejarem tomar conhecimento de outros fenômenos físicos reproduzidos em presença do Sr. Slade, aconselho a leitura de um livro que breve publicaremos, descrevendo fenômenos por mim obtidos em doze sessões com Slade e, como me acho autorizado a declarar, em presença dos meus colegas professor Fechner, Wilhelm Weber (o célebre electricista de Gottingen) e Scheibner (lente de matemática da Universidade de

Leipzig), que se convenceram plenamente da realidade dos fatos observados, excluindo por completo toda a possibilidade de embuste, impostura ou prestidigitação.

No final do meu *Tratado*, cujo manuscrito já se achava pronto no decorrer de agosto de 1877, chamo a atenção para a circunstância de poderem alguns fenômenos físicos, por uma *conclusão sintética a priori*, ser explicados pela generalizada concepção do espaço e a hipótese platônica da projeção, coincidindo com os fenômenos chamados espíritas, e com toda a cautela eu dissera:

“Àqueles dos meus leitores que se sentiram inclinados a ver em fenômenos espíritas uma confirmação empírica dos fenômenos acima deduzidos, quanto à sua possibilidade teórica, devo observar que, sob o ponto de vista do idealismo, se torna necessário, antes de tudo, fazer-se uma idéia do que é *realidade objetiva*.

Se tudo o que nós empreendemos é o fruto de uma concepção produzida por uma *causa desconhecida*, os característicos distintivos da *realidade objetiva* dos da *realidade subjetiva* (fantasmas), não podem ser procurados na Natureza, porém, somente em atributos acidentais daquele meio, produzindo concepções. Se causas para nós desconhecidas produzem simultaneamente em diversos indivíduos a mesma concepção, mudando somente quanto à diferença de posição dos observadores, nós atribuímos tais concepções a uma *causa real fora de nós*; não ocorrendo esta concepção, nós a atribuímos a uma causa dentro de nós e lhe damos o nome de *alucinação*.

Se os fenômenos espíritas pertencem à primeira ou à segunda categoria, não me atrevo a responder, nunca os tendo estudado. Por outro lado, não formo de mim próprio tão elevada opinião a ponto de afirmar que, achando-me em condições idênticas às de Crookes, Wallace e outros, não ficasse sujeito às mesmas impressões que eles (escrito em agosto de 1877).”

Esta opinião, quatro meses depois de escrita, recebia plena confirmação pela experiência já mencionada em companhia do

Sr. Slade. Procedendo às experiências, tomei todas as cautelas, a fim de distinguir o *fantasma subjetivo* do *fato objetivo* no mundo material e de efeitos duradouros, que a inteligência humana com a sua atual concepção do espaço não pode explicar.

Se, apesar da explicação dada, o fundamento deste fato, atribuído por mim a uma mais ampla acepção do espaço, for negado, só restará uma outra explicação, na verdade, hoje em dia muito em moda. A explicação basear-se-ia na presunção de que eu e os respeitáveis cidadãos de Leipzig, em cuja presença muitas cordas foram lacradas, éramos uns impostores e embusteiros ou não estávamos em pleno gozo das faculdades mentais a ponto de não percebermos que o Sr. Slade, antes de lacrarmos as extremidades da corda, tivesse atado os nós. A discussão dessa hipótese já não estaria na alçada da Ciência, mas na alçada da decência social.

Algumas experiências ainda mais surpreendentes provocadas por mim com o fim de mais amplamente fundamentar esta teoria do espaço tiveram excelente êxito, não obstante o Sr. Slade havê-las julgado impossíveis.

O meu leitor, simpático e inteligente, formará idéia da minha alegria diante desse resultado. A impressão causada pelo Sr. Slade em mim e em meus amigos foi a de um verdadeiro *gentleman* e a sentença contra ele pronunciada em Londres, por *impostura*, necessariamente provocou por ele a nossa simpatia moral, porquanto os vários fenômenos físicos por nós observados em sua presença nos deram a prova negativa de que ele em um só caso que fosse houvesse empregado qualquer ardil ou impostura.

O Sr. Slade, por conseguinte, a nosso ver, foi condenado innocentemente; foi uma vítima dos limitados conhecimentos dos seus acusadores e do juiz.

* * *

Nota sobre o Capítulo I

Este primeiro capítulo consta de um artigo que apareceu no *Quartely Journal of Science* em o número de abril de 1878 e aqui reproduzido com a permissão do Sr. William Crookes. Os fatos são da *Wissenchaftliche Abhandigen* de Zöllner, primeiro tomo,

publicada em 1878 com fotografias de Newton, Kant e Faraday e com 732 páginas.

Contém:

- 1 – Da ação a distância;
- 2 – Emil du Bois Raymond e os limites dos conhecimentos naturais;
- 3 – Leis de gravidade de Newton e a sua derivação. Efeitos estáticos da eletricidade;
- 4 – Leis de fricção e a sua dedução dos efeitos dinâmicos da eletricidade;
- 5 – Da existência de partículas elétricas em movimento em todos os corpos;
- 6 – Dedução da adesão e coesão das forças dinâmicas da eletricidade;
- 7-8-9 – Efeitos mecânicos, magnéticos e elétricos da luz e do calor radiante;
- 11-12 – Teoria da emissão elétrica e da sua aplicação cósmica;
- 13 – Demônios de Thomson e fantasmas de Platão.

Capítulo II

Experiências de magnetismo. – Fenômenos físicos. – Experiências de escrita sobre uma lousa.

Os fatos observados pelo Sr. Wallace e outros cavalheiros de nacionalidade inglesa, em presença do Sr. Slade, posso afirmar serem verdadeiros, baseados em uma investigação que durou mais de oito dias, procedida por mim em minha própria casa e em companhia do mesmo Sr. Slade. Como testemunha dos fenômenos, que passarei a relatar detalhadamente, acho-me amplamente autorizado a citar os nomes dos meus amigos os professores W. Weber, Fechner e W. Scheibner.

As 5 horas da tarde do dia 15 de novembro de 1877, chegou Slade pela primeira vez a Leipzig e se hospedou no hotel da Palmeira, recomendado por dois amigos meus e a cujo convite ele veio de Berlim.

Apesar de não ser estranho à literatura espírita, eu até agora me abstivera de ocupar-me pessoalmente dos seus fenômenos, porque em primeiro lugar achava estarem as investigações sendo estudadas por homens competentíssimos como Crookes e Wallace e em segundo lugar por achar-se o meu tempo inteiramente tomado pelos meus estudos de Física.

Não obstante estas razões, não havia motivo para recusar o convite de amigos meus, ao mesmo tempo perdendo tão boa ocasião, como a atual, de observar o Sr. Slade.

Por conseguinte, acompanhei os meus dois amigos numa visita àquele senhor na tarde da sua chegada, sem a mínima intenção de tomar parte, naquela ocasião, em uma sessão e muito menos provocar a sua realização.

Slade tinha vindo só a Leipzig. Ele deixara a sua sobrinha (filha da irmã da sua falecida mulher), sua filha e o seu secretário, pessoas estas que o acompanhavam nas suas viagens em Berlim, no hotel Kronprinz, sendo para mim, portanto, desconhecidas.

O Sr. Slade causou-me favorável impressão. O seu porte era modesto e reservado, a sua conversa calma e discreta. Só falava o inglês. A nossa conversa bem depressa versou acerca da acusação de Donkester e os seus modos e linguagem revelaram grande indignação pelo modo como procederam com ele na Inglaterra. Para mudar de assunto, perguntei-lhe se algum dia havia experimentado a sua influência sobre uma agulha magnética, pois me recordo que Fechner observara o fenômeno juntamente com Erdmann, falecido professor de Física na Universidade de Leipzig, com uma certa senhora Ruf, uma sensitiva que pelo Sr. Reichenbach fora apresentada àqueles senhores.

A fim de dar aqui aos meus leitores o interessante resultado dessa investigação, transcrevo um trecho de um pequeno panfleto de Fechner: *Recordações dos Últimos Dias da Ciência do Od e os seus Autores*, publicado há dois anos (Leipzig, Brechtkopf Hürthel, 1876) sob o cabeçalho:

Experiências com a Sra. Ruf

“Experiências magnéticas com uma sensitiva, por Fechner.

Sábado, 4 de julho de 1867. Hoje cedo fui surpreendido por uma visita do Sr. von Reichenbach. Apesar das minhas reiteradas recusas, por carta, de acompanhá-lo nas suas experiências, e isso depois de convencer-me da inutilidade dos meus esforços, a fim de receber dos meus colegas essa incumbência, e das experiências do *pendulum* terem dado em nada, ele me disse que viera do mesmo modo e até que trouxera uma sensitiva consigo, a fim de submeter as suas experiências à minha apreciação, sem todavia exigir de mim compromisso do meu público testemunho, naturalmente certo de que depois de convencido eu absolutamente não me recusaria a confirmar o que visse.

Recebi-o muito friamente, explicando-lhe ainda que desejava abster-me de tomar parte nas suas experiências, mesmo porque proveito algum lhe poderia advir disso; porém, como insistisse, fui em sua companhia para o hotel, onde ele me apresentou a sua *sensitiva*: uma mulher alta, porém algum

tanto magra, de 45 a 50 anos, que talvez em certo tempo tivesse sido bonita.

Vi uma mesa arrumada com todos os preparativos necessários: ímãs, enxofre, tubos metálicos, etc.. A sensitiva declarou-me que não se sentia bem e que a sua sensibilidade não se achava em pleno desenvolvimento.

Uma experiência dirigida pelo próprio Reichenbach, naquela ocasião, surpreendeu-me. Uma bússola comum com a competente agulha de algumas polegadas de comprimento foi colocada na mesa. Ele fez a sensitiva mover o dedo de um lado para o outro em frente a um dos pólos (não sobre o vidro, porém em frente à caixa) e no mesmo instante a agulha começou a oscilar, como se um pedaço de ferro estivesse sendo passado ante o mesmo pólo.

Essas oscilações eram bem perceptíveis e a experiência continuava, mesmo não estando Reichenbach perto da mesa e pela aproximação e afastamento do dedo em relação ao pólo. Fazendo eu a experiência, a bússola conservou-se imóvel. Reichenbach disse nesse dia ter-se o fenômeno produzido fracamente. Às vezes a sensitiva movia a agulha completamente à roda. Passei um exame em toda a extensão do dedo sob as unhas, fiz com que a sensitiva descobrisse o braço até o cotovelo, a fim de ver se constatava qualquer punção que denunciava a introdução de qualquer agulha ou pedaço de ferro sob a pele, porém em vão. Tencionei, não obstante isto, fazer um reexame.

Julho, 13. Desde a nossa última experiência, a sensitiva caiu em tal estado de *insensibilidade*, que Reichenbach, conforme ele mesmo me escreveu, pôde espetar-lhe agulhas nos membros sem que ela acusasse dor. Hoje cedo ele procurou-me e comunicou-me que a sensitiva ainda não se achava suficientemente restabelecida para a repetição da experiência com uma ferradura, ferro magnético ou pêndulo, porém que houvera recuperado a faculdade de desviar a agulha magnética, e me pedia que continuasse imediatamente com a experiência, pois não podia garantir por quanto tempo essas condições se prolongariam. Por isso o acompanhei. As experi-

ências magnéticas, às quais me restringi, foram tão completas, que confesso não pude fazer um juízo seguro das minhas impressões, não obstante ter prevenido a possibilidade de qualquer embuste.

Nas experiências precedentes a sensitiva sentava-se em frente à agulha; desta vez fí-la sentar-se do lado. Se a *sensitiva* tivesse tido debaixo das vestes um ímã, arдил que poderia ter empregado e que me foi insinuado por pessoa altamente colocada, esta nova posição da sensitiva o denunciaria imediatamente, tornando irregular a marcha do fenômeno, mas esse fato não se dava, oscilando a agulha somente quando a sensitiva lhe apontava com o dedo. Depois desta prova tal suspeita seria irracional. Durante as experiências procurei notar se a agulha denotava atração ou repulsão e o que apreendi foi que qualquer parte das mãos ou dos braços aproximada do pólo norte da agulha a atraía e ao pólo sul a repelia, notando-se que o braço esquerdo tinha atuação mais forte.

Esta circunstância provocou admiração a Reichenbach, que durante as experiências se conservou a tal distância da bússola, que de modo algum podia tornar-se suspeito. Quanto à sensitiva, não notei nela o menor movimento que me autorizasse a suspeitar que sob as vestes tivesse escondido algum ímã, pois se assim fosse forçosamente a agulha acompanharia os movimentos do corpo e, estacionando este, estacionaria a agulha. Em virtude, pois, das minhas recomendações, movia ela somente o dedo e a agulha sempre obedecia a esse movimento. E além disso ninguém suporá que a sensitiva espetasse agulhas em todos os seus dedos.

Julho, 14. Esta manhã, às 11:30 horas, repeti a experiência em companhia do professor Erdmann, que afinal aceitou ao meu convite. O resultado foi idêntico aos precedentes. As nossas precauções foram as mais severas.

Perguntei à sensitiva se sobre o seu corpo não tinha algum objeto de ferro e ela me respondeu negativamente, não nos lembrando nós então da sua crinolina.⁴ Hoje no entanto ela, *de moto próprio*, se lembrou que tinha consigo a sua crinoli-

na da qual se desembaraçou imediatamente, correndo então a experiência com a mesma exatidão dos dias precedentes. Além disso, Reichenbach nos declarou que a sensitiva se prontificava a submeter-se a uma experiência perante uma comissão de senhoras, despida das suas vestes.

P. S.: No dia seguinte a mulher achava-se tão adoentada, que Reichenbach se viu obrigado a dispensá-la, não se tendo ela restabelecido suficientemente para continuarmos as experiências. Recomendei-lhe que caso recuperasse a saúde e o poder magnético, se apresentasse a algum físico ou fisiologista profissional, a fim de submeter-se a algumas experiências, tornando-se assim uma pessoa célebre. Nunca mais ouvi falar nela.

Os resultados magnéticos obtidos com a Sra. Ruf são tão notáveis, que na impossibilidade até então da reprodução com outra pessoa, a dúvida sobre a sua veracidade deve ser admitida. Não haveria verdadeiramente decepção nessas investigações? Que Reichenbach era incapaz de qualquer decepção voluntária, todos que o conhecem de perto o admitem. Mesmo pela leitura dos seus escritos se vê que ele se achava extremamente impressionado com os fenômenos de tal maneira que excluía a possibilidade de qualquer artifício em apoio da sua convicção. A própria sensitiva excluía de si toda a possibilidade de embuste, o que se pode inferir da persuasão em que ela se achava de ser um mero instrumento nas mãos de Reichenbach. Porém, mesmo admitindo-se em qualquer dos dois a intenção de enganar, duvido muito que essa decepção pudesse resistir às precauções e à diversidade do *modus operandi* a que foram as experiências submetidas. Fossem as experiências continuadas, não duvido que outras precauções nos ocorressem, porém eu por mim me confesso convencido. Podem pensar ser alucinação da minha parte e de fato fiz por muitas vezes a mim mesmo essa pergunta; porém, o professor Erdmann, a quem depois do seu passamento não posso invocar como testemunha, se sentiu também convencido.”

Os fatos acima mencionados, testemunhados por duas pessoas que me merecem toda a fé (os professores Fechner e Erdmann), que provam a influência desenvolvida por uma criatura humana sobre uma bússola, são tão notáveis e se acham de tal maneira fora do campo de experiências até hoje efetuadas, que oferecem o mais elevado interesse aos verdadeiros investigadores dos fenômenos da Natureza, convidando-os a procederem a novas investigações com outros indivíduos, a fim de buscarem a confirmação dos fatos. Indaguei conseguintemente o Sr. Slade se ele alguma vez havia tentado desenvolver essa classe de fenômenos. Respondeu-me que no domingo último, 11 de novembro de 1877, tinha sido submetido à experiência por um professor de Berlim, de cujo nome não se recordava e que na ocasião a faculdade, que ele ignorava possuir, se havia manifestado. A notícia despertou-me o desejo de imediatamente tentar a experiência.

Contava eu com Fechner e Weber na noite seguinte (sexta-feira, 16 de dezembro) em uma pequena reunião que eu oferecia semanalmente a amigos meus e para a qual tinha convidado Slade. Expus a este que ficaríamos satisfeitos, mesmo que só conseguíssemos o desvio da agulha, porém em condições tais que por completo convencesse a todos os assistentes.

Slade prontificou-se imediatamente a acompanhar-me à minha casa com as testemunhas que eu escolhesse. Chegados que foram, trouxe uma esfera celeste que tinha na sua base uma bússola. A nosso convite, Slade passou a mão horizontalmente sobre o vidro que cobre a caixa que encerra a bússola. A agulha conservou-se imóvel. Daí concluí que Slade não trazia consigo imã algum escondido em si. Em uma segunda tentativa, imediatamente feita, a agulha foi agitada de tal modo, que revelava a presença de grande força magnética. A observação decidiu o meu juízo a respeito do caso. Achava-me em presença de um fato que confirmava as observações de Fechner e digno de futuras investigações.

Uma sessão se realizou imediatamente, tomando parte nela os professores Weber, Scheibner e eu. Enquanto procedíamos a experiências idênticas às já mencionadas, repentinamente foi ouvido um estampido igual ao da descarga de uma grande bateria

de Leyden. Virando-nos, com algum susto, vi a queda do repositório com a sua galeria partida em dois pedaços. Os fortes parafusos de madeira, de meia polegada de espessura, foram arrancados de cima e de baixo, sem contacto algum de Slade. As partes rompidas estavam à distância de dois metros de Slade, que lhes dava as costas.

Achando-se a cortina completamente destacada e estando as fibras da madeira paralela aos eixos dos argolões, também de madeira, a ação da ruptura repentina só poderia ocorrer por uma força atuando longitudinalmente. Esta manifestação de força mecânica, tão violenta quanto inesperada, nos causou muita admiração e perguntamos a Slade o que significava. Ele contentou-se em responder-nos com um movimento de ombros, dizendo que algumas vezes, embora raramente, os fenômenos se reproduziam em sua presença. Enquanto falava, e ainda de pé, colocou um pedaço de lápis sobre a mesa e o cobriu com a pedra, conservando a mão esquerda sobre ela. O ruído da escrita, na parte interna da pedra, se fez ouvir e quando Slade a virou, a seguinte frase achava-se escrita em inglês: *Perdoem-nos o que se deu, não era intenção nossa causar danos*. Nós nos admiramos ainda mais de haver-se reproduzido a escrita sob estas condições, pois observamos com bastante atenção que as mãos de Slade se conservavam completamente imóveis enquanto se produziam os escritos.

Na noite seguinte (sexta-feira, 16 de novembro de 1877), coloquei uma pequena mesa de jogar com quatro cadeiras em um aposento em que o Sr. Slade pela primeira vez entrava. Depois de Fechner, o professor Braune, Slade e eu nos termos sentado e colocado sobre a mesa as nossas mãos, tocando-se, ouvimos pancadas. Duas horas antes comprara eu uma ardósia nova e a marcara. Nela começou a escrita do modo usual. O meu canivete, que tinha emprestado a Slade, para cortar um pedaço de lápis, foi colocado sobre a ardósia e enquanto Slade colocava esta, parcialmente, sob a aba da mesa, o canivete foi repentinamente jogado à altura de um pé, caindo sobre a mesa, porém aberto. A experiência se repetiu por diversas vezes com o mesmo resultado. Para provar que o canivete não tinha sido projetado por movimento algum seu, Slade colocou sobre a pedra um pedaço

de lápis e para marcar-lhe o lugar traçou uma pequena cruz. Imediatamente após a projeção do canivete, Slade mostrou-nos a pedra e lá se achava o pedaço de lápis sobre a cruz que lhe servia de marca.

Um pedaço de lápis foi colocado entre as duas folhas de uma pedra bem limpa de fechar. Slade segurou a pedra sobre a cabeça do professor Braune. O rumor do lápis na ardósia bem depressa se fez ouvir e quando a pedra foi aberta uma longa comunicação se achou nela. Enquanto se desenvolvia o fenômeno, uma cama que se achava por detrás de um reposteiro repentinamente se afastou da parede cerca de meio metro, puxando a cortina para fora.

Slade achava-se de costas para a cama e a mais de dois metros de distância. O fenômeno nos pareceu tão extraordinário, que W. Weber e eu resolvemos oferecer a alguns dos nossos colegas a oportunidade de o verificarem. Para esse fim dirigimo-nos no dia seguinte ao professor C. Ludwig e o informamos dos fatos. O interesse que ele manifestou pelo assunto me animou a convidar dois outros amigos a virem no dia seguinte (domingo, 18 de novembro) à nossa casa e julgarem por si. Propus isso aos meus colegas os Srs. Geheimrath Thiersch, cirurgião, e Wundt, professor de Filosofia, com cuja escolha o Sr. Ludwig concordou.

No dia 18 de novembro, domingo, às 3 horas da tarde, esses cavalheiros se encontraram em minha casa. Eu na véspera comprara uma mesa de noqueira em casa de um marceneiro de nome I. G. Ritter e a colocara em lugar da mesa da nossa última sessão.

As pedras de escrever, singelas e de fechar, que colocamos à disposição de Slade, foram por nós compradas e marcadas. Estiveram presentes à sessão unicamente os Srs. Geheimrath Thiersch, C. C. Ludwig e o professor Wundt. Depois de uma sessão de meia hora, deixaram o gabinete. Dos fenômenos por eles observados, só mencionarei o que me foi relatado pelo Sr. Thiersch: uma experiência idêntica à que se deu com o meu canivete e ainda a seguinte: nas folhas de pedra de fechar que Slade segurava com a mão direita, em cima da mesa e à vista de todos, três frases foram escritas em inglês, francês e alemão,

cada uma com letra diferente. A pedra acha-se em meu poder e oferece ocasião para verificar-se se houve preparação prévia.

Deve-se ter em mente que os fatos aqui relatados de modo algum pressupõem terem os meus colegas formado idéia da *causa* dos fenômenos. Estou plenamente de acordo com a opinião do prestidigitador da corte imperial, o Sr. Bellachini, que diz:

“Declaro ser um ato de temeridade querer tirar conclusão definitiva dos fenômenos de mediunidade do americano Sr. Slade em uma única sessão (Apêndice B).”

Slade nesta mesma tarde voltou para Berlim. Tudo quanto observamos em sua presença nos pareceu tão interessante e digno de investigações futuras, que aceitamos com efusão a oferta do meu amigo o Sr. Oskar von Hoffmann de convidar Slade a fim de demorar-se por mais tempo em Leipzig como seu hóspede, resguardando-o da curiosidade pública e conservando-o inteiramente à nossa disposição para as investigações científicas. Slade veio pela segunda vez a Leipzig na segunda-feira, 10 de dezembro de 1877, e se hospedou em casa do meu amigo. Na manhã seguinte, às 11:30, veio à minha casa. Coloquei a já mencionada mesa de jogar num gabinete que tinha quatro grandes janelas. Os professores W. Weber e Scheibner, Slade e eu nos sentamos imediatamente em volta da mesa, que se achava no meio do aposento.

Weber ficou em frente a mim, Scheibner à minha esquerda e Slade à minha direita. As nossas mãos se achavam sobre a mesa e em contacto. Sem que pessoa alguma esperasse, uma grande campainha, que tinha sido colocada sob a mesa, começou a tocar e foi levantada com grande rapidez diante de nós numa distância de dez pés horizontalmente sobre o soalho. Por algum tempo durante o qual fenômenos já descritos se reproduziram, uma mesinha fixa no portal sobre um gonzo se moveu com tamanha impetuosidade que atirou uma cadeira ao chão com grande ruído. Esses objetos se achavam atrás de Slade à distância de cinco pés. Ao mesmo tempo e a igual distância uma pesada estante, cheia de livros, foi sacudida com violência. Uma pequena caixa de termômetro, feita de papel, desapareceu, o que foi verificado

quando Slade mostrou a pedra depois de retirá-la debaixo da mesa.

Aqui e no que se seguir não mencionarei as repetidas vezes que apareceram frases escritas nas pedras. W. Weber colocou sobre a mesa uma bússola fechada em vidro, cuja agulha podíamos todos observar, tendo nós as nossas mãos na mesa e unidas às de Slade. Decorridos cinco minutos, começou a agulha a agitar-se violentamente, descrevendo arcos de 40 a 60 graus, até que afinal virou completamente à roda.

Slade nesse momento se levantou e dirigiu-se à janela, esperando que os movimentos da agulha, que eram muito violentos, continuassem, o que aliás não se deu. Quando, porém, mesmo de pé, ele colocou junto às nossas as suas mãos, os movimentos da agulha recomeçaram, terminando por um movimento de rotação. Com o fim de procedermos a uma experiência com uma harmônica, fenômeno reproduzido em presença de Home (descrito por Crookes e Muggins), um dos meus amigos trouxe, além da campainha, uma harmônica. A campainha foi colocada sob a mesa, como pela manhã, e Slade segurou a harmônica pelo lado sem chaves, de modo que o lado com o teclado caía ao longo da mesa.

Enquanto a mão esquerda de Slade descansava na mesa, a direita segurava a parte superior da harmônica, que não tinha chaves; a harmônica de repente se pôs a tocar e a campainha a soar violentamente por conseguinte sem poder tocar o chão. Nesse ponto Slade deu a harmônica ao professor Scheibner e lhe pediu que a segurasse do modo que ele o tinha feito, sendo possível que em suas mãos ela tocasse sem o contacto de Slade. Apenas Scheibner segurou a harmônica, ela começou a tocar e a campainha a soar exatamente como antes. Animado pelo resultado, Slade renovou as tentativas até então infrutíferas de fazer com que aparecesse escrita numa pedra segura por outra pessoa e em que ele não tocasse. Para esse fim ele passou uma das nossas pedras para o professor Scheibner, pedindo-lhe que a segurasse com a mão esquerda sob a mesa, enquanto ele (Slade) a segurava com a sua direita, firme contra a borda da mesa. Entrementes Scheibner tinha a mão direita e Slade a esquerda sobre a mesa.

Depois de esperarem por algum tempo, Slade declarou que sentia um corpo úmido tocar-lhe a mão que segurava a pedra e ao mesmo tempo o professor Scheibner declarou sentir o contacto de um feltro úmido.

Shcibner então retirou a pedra, que se achava bastante umedecida na sua *parte superior*, tanto no centro como nas extremidades, em um diâmetro de duas ou três polegadas, como também as mãos de Scheibner e as de Slade que tinham sustido a pedra. Enquanto nos admirávamos dos fenômenos da umidade, apareceu uma pequena mão pardo-vermelha sobre a borda da mesa em frente a W. Weber e visível para todos nós, movendo-se com muita vivacidade em todas as direções, desaparecendo ao cabo de dois minutos. O fenômeno repetiu-se por diversas vezes.

Para certificar-me da elevação dos objetos acima do solo, suspendi uma bola de aço de cerca de três quartos de polegada de diâmetro por um retrós na parte interna de tubo cilíndrico de vidro da altura de um pé e do diâmetro de meio pé. A campainha assim formada foi colocada debaixo da mesa em lugar da outra. Bem depressa começou um alegre tinir de sons claros, produzidos pela bola de aço de encontro ao vidro.

O fenômeno só se poderia reproduzir pela elevação da campainha, livre de todo o contacto. No dia seguinte, 13 de dezembro, Slade propôs que observássemos nós mesmos os movimentos da campainha debaixo da mesa e deste modo nos certificássemos que os movimentos se realizavam sem o contacto da sua parte. Para esse fim sentamo-nos afastados da mesa cerca de um metro. Por meio de velas, colocadas convenientemente, podíamos observar tudo o que se passava embaixo da mesa. A campainha de vidro também foi aí colocada. Algum tempo depois a campainha, sem intervenção alguma de Slade, principiou a mover-se com vivacidade em sentido oblíquo à extremidade inferior, fazendo revolver a bola de aço contra o tubo de vidro. Naquela noite obtivemos escrita numa pedra de fechar, solidamente amarrada por uma corda e sem que pessoa alguma a tocasse. O resultado foi idêntico ao obtido em S. Petersburgo e relatado pelo jornal inglês *The Spiritualist* de 1º de março de

1878, que contém os seguintes parágrafos, sob o título *As Sessões do Dr. Slade com o Grão-Duque Constantino*:

“Na última quarta-feira o Dr. Slade, acompanhado do Sr. Aksakof e do professor Boutlerow, organizou uma sessão em presença do grão-duque Constantino. O duque os recebeu muito amavelmente e depois de alguns minutos de conversação as manifestações começaram com muito ardor. O duque sozinho segurava uma pedra e obteve uma comunicação escrita. O grão-duque anteriormente já revelara interessar-se pelos diversos ramos da ciência. Quando o tenente Maury se viu obrigado a fugir dos Estados Unidos durante a Guerra Civil, o duque reconheceu o valor das suas investigações sobre *geografia física dos mares e das correntes oceânicas* e por isso o acolheu e o hospedou na Rússia.

O Dr. Slade acha-se muito ocupado em S. Petersburgo e algumas vezes recebeu comunicações por escrito em seis línguas na mesma pedra.”

Os fatos supracitados são confirmados pelo testemunho público do Sr. Aksakof, imperial conselheiro privado:

“Eu, como testemunha, atesto que a escrita foi produzida em uma pedra que só o grão-duque segurava debaixo da mesa enquanto Slade conservava as mãos sobre a mesa e não tocava na pedra. Slade teve a honra de ser convidado ainda para duas sessões mais pelo grão-duque. *Aksakof*.”

A experiência supracitada, que se realizou com o grão-duque, nunca a consegui nas minhas sessões, não obstante o Sr. Slade com esse fim e por diversas vezes ter dado a pedra aos professores Weber e Scheibner. Em compensação a que se conseguiu na noite de 13 de dezembro comigo e com W. Weber ainda foi mais extraordinária. Duas pedras foram compradas por mim e marcadas. Amarramo-las juntas, tendo entre elas sido colocado um pedaço de lápis de pedra de cerca de três milímetros de diâmetro; depois as colocamos numa mesa de jogar de noqueira. Enquanto W. Weber, Slade e eu nos achávamos sentados à mesa e preocupados com a experiência da bússola, de repente começou a

escrita sem que ninguém tocasse na pedra. Quando nós as separamos se achavam numa delas as seguintes palavras:

“Nós nos achamos dispostos a abençoar todo aquele que se sente inclinado a investigar um assunto tão impopular como é o Espiritismo na atualidade. Porém não será assim para sempre e ele ocupará um lugar proeminente entre...(?) de todas as classes e espécies.”

A pedra tinha a marca H2 previamente colocada por mim. Aqui não se pode alegar prestidigitação ou preparo. Ainda mais: a campainha grande, que se achava colocada debaixo da mesa grande do lado oposto àquela em que me achava, foi colocada vagarosa e silenciosamente na minha mão esquerda que eu mantinha embaixo da mesa.

No lapso de todo esse tempo as mãos de Slade se achavam sobre a mesa e os seus pés para um lado e à nossa vista. Finalmente, o Sr. Slade propôs uma experiência que provasse definitivamente que as pedras não tinham preparação prévia. Ele tomou ao acaso uma pedra, colocou entre as suas folhas um pedaço de lápis do tamanho de uma ervilha, segurou-a metade embaixo da mesa de modo que as suas mãos pudessem ser observadas sempre e me perguntou o que queria que fosse escrito. Respondi-lhe: *Littrow, astrônomo*. O ruído da escrita imediatamente se fez ouvir e quando Slade retirou a pedra, as duas palavras se achavam distintamente traçadas em letras garrafais e separadas. Se Slade não escreveu as palavras naquele momento, considerando a posição de suas mãos e a disposição das letras, era impossível também estas palavras terem sido previamente escritas, pois a mim mesmo elas ocorreram inesperadamente.

Sexta-feira, 14 de dezembro, das 11:10 às 11:40. Hoje uma das pedras por mim escolhida foi colocada aberta debaixo da mesa com um pedaço de lápis.

Slade tinha as suas mãos sobre a mesa, ligadas às nossas; percebemos ruído de escrita e quando levantamos a pedra achava-se nela a seguinte frase: *A verdade suplantarà todo o erro*. Em seguida duas bússolas, uma maior e a outra menor, foram colocadas defronte de W. Weber, ambas completamente encerradas

em caixas de vidro. Como de costume, tocando-se, colocamos as nossas mãos na mesa.

Repentinamente a agulha da bússola menor oscilou violentamente até assumir um movimento de rotação, enquanto a maior apenas apresentava ligeiros indícios de agitação que pareciam provir de algum abalo da mesa. Uma vez que se achavam forças operando, deixamos de parte a sua origem, que tinha a faculdade de atuar sobre o magnetismo dos corpos. Propus a Slade que fizesse magnetizar permanentemente uma agulha de aço não magnética; ele a princípio hesitou, julgando ser a tentativa impossível.

No entanto aceitou ao meu convite. Apresentei-lhe em seguida um grande número de agulhas de crochê; W. Weber escolheu uma delas e depois de verificar não estar magnetizada, pois ambos os pólos da bússola eram atraídos por ela, entregou-a a Slade, que a colocou numa pedra. Este em seguida pôs a pedra embaixo da mesa como se se preparasse para receber uma comunicação escrita e após, talvez, quatro minutos, sendo de novo a pedra e a agulha depositadas sobre a mesa, se achava esta tão fortemente magnetizada numa das suas extremidades (e só nesta), que limalhas de ferro e agulha de coser se lhe aderiam com facilidade e faziam do mesmo modo a agulha de uma bússola girar totalmente à roda. O pólo desenvolvido foi Sul, pois o pólo Norte da bússola era atraído e o Sul repellido.

Ainda conservo esta agulha comigo, a qual pode ser experimentada a todo e qualquer tempo.

Capítulo III

Impressões permanentes de mãos e pés. – Tentativas de experiências químicas. – Vista anormal de Slade. – Impressões num espaço fechado de “três dimensões” aberto a seres de “quatro dimensões”.

Como quase sempre em todas as nossas sessões, os pés e as mãos do Sr. Slade se conservavam à vista de todos nós. Percebemos, como já o relatamos, o contacto de mãos debaixo da mesa e até vimos estas mãos rapidamente. Desejei obter uma prova convincente da existência delas. Para esse fim propus ao Sr. Slade colocar embaixo da mesa um vaso de louça raso, cheio de farinha de trigo, e que ele pedisse aos seus Espíritos que antes de nos tocarem pusessem as suas mãos na farinha.

Desse modo os traços visíveis do contacto ficariam impressos em nossas roupas e ao mesmo tempo as mãos e os pés de Slade poderiam ser examinados para se ver se tinham traços de farinha. Slade declarou-se, sem hesitar, pronto para a experiência. De fato, coloquei embaixo da mesa um vaso de porcelana cheio de farinha de trigo. Nós a princípio não contávamos muito com o completo êxito da experiência.

Pouco depois senti o meu joelho agarrado por mão possante embaixo da mesa durante alguns segundos e no momento em que eu comunicava isto aos mais e me preparava para me levantar, o vaso foi empurrado um metro debaixo da mesa. Nas minhas calças ficou, em farinha de trigo, a impressão de uma mão grande e forte e na farinha de trigo eram bem visíveis os traços de um polegar e quatro dedos com todas as linhas e dobras da pele em toda a sua nitidez.

Slade mostrou-se muito satisfeito com o resultado das experiências magnéticas, especialmente com a das agulhas de crochê, experiência essa muitas vezes por nós repetida. Em palavras calorosas ele mostrou o seu contentamento por haver conseguido interessar homens de Ciência sinceramente inclinados a aprofundar investigações com o fim de estudar o dom tão curioso que

possuía a ponto de com ele empregarem tanto tempo. Chegados a este ponto achei-me com coragem de iniciar experiências que eu propunha com o fim de apoiar a minha teoria de um espaço de *quatro dimensões*. Desde que a experiência magnética provou que sob a influência de forças que invisivelmente cercavam Slade, as correntes moleculares existentes em todos os corpos podiam ser desviadas, isto é, alteradas no seu curso, circunstância essa de que segundo as teorias de Ampère e Weber, principalmente, depende a magnetização dos corpos, eu nutria a esperança de que uma experiência sugerida no primeiro volume dos meus *Tratados Científicos* seria bem sucedida. Refiro-me à experiência que se segue:

“A conversão por meio da diversão de *quatro dimensões* das moléculas do ácido tartárico, que desvia o plano da luz polarizada para a direita, em ácido racêmico, que a desvia para a esquerda.”

Com esse fim preparei um sacarômetro de polarização simples, de Mitchell, cujo tubo continha uma solução de ácido tartárico. A diversão do plano de polarização atingiu 5 graus. Eu pretendia que o tubo de vidro (de 200 milímetros de comprimento e 15 de diâmetro exterior), cheio da solução, fosse colocado sobre a pedra, sendo esta então segura por Slade embaixo da mesa como no caso das agulhas de crochê que deviam ser magnetizadas, esperando depois da experiência encontrar o ácido tartárico mudado em ácido racêmico. Desejando em primeiro lugar fazer conhecer ao Sr. Slade a significação da experiência, comecei por explicar-lhe o aparelho, removendo o tubo e o efeito de dois prismas cruzados de Nichols.

Pedi-lhe que, sentado numa cadeira, fixasse os olhos no prisma anterior e olhasse pelo aparelho para o céu. Esta experiência realizou-se em minha casa na manhã de 14 de dezembro de 1877. Eu torcia vagarosamente os dois prismas e quando se achavam quase cruzados, perguntei a Slade se ele percebia obscurecer-se-lhe o campo visual.

Com grande surpresa minha respondeu-me negativamente. Supus que se tivesse enganado com a luz lateral; por conseguinte

dispus os prismas de modo que nem eu nem meus amigos podíamos ver coisa alguma. Slade continuou a assegurar-nos que não notava a menor mudança na claridade do céu e como prova nos leu um trecho em inglês colocado diante dos dois prismas cruzados, cobrindo o olho esquerdo com a mão. Não me dei, porém, por satisfeito com a prova. Na manhã seguinte, quando nos achávamos reunidos em minha casa, muni-me de dois grandes prismas de Nichols para a reprodução de maior campo visual, aparelhados de modo a girarem rentes um sobre o outro e munidos de um anteparo circular de tal maneira combinado com os prismas, que os objetos no exterior só poderiam ser vistos através dos prismas. Então lancei mão de um livro inglês: *Faraday como Descobridor*, de Tyndall, e sem que Slade visse sublinhei as seguintes palavras na página 81: “A explosão de energia que tinha enchido os quatro anos precedentes de uma soma tal de trabalhos experimentais ficou na história da Ciência sem paralelo.” Quando novamente fiz Slade observar através dos dois prismas, como no dia precedente, me disse ele não notar absolutamente diferença na claridade.

Pedi-lhe que me lesse o trecho sublinhado, conservando o livro afastado dele cerca de meio metro. Para a nossa imensa admiração ele leu o trecho com o maior desembaraço. Quando, dez minutos mais tarde, quis renovar a experiência, Slade informou-nos de que logo após a experiência da manhã notara uma *influência* qual atribuía a mudança no seu estado. Encontro certa afinidade entre o que se acaba de dar com Slade e o que se tinha dado em presença do professor Fechner com a sensitiva Sra. Ruf. Desistimos da projetada experiência com o ácido tartárico à vista da extraordinária prova que obtivemos. Eu tencionava levá-la a efeito mais tarde no prosseguimento das nossas investigações.

Reunimo-nos novamente em minha casa no sábado de 15 de dezembro de 1877, às 11 horas da manhã. Enquanto de pé tomávamos uma ligeira refeição no meu gabinete de trabalho e conversava com Slade perto da minha estante, à distância de uns vinte pés do fogão, sobre as experiências dos prismas cruzados de Nichols, a que Slade deu o nome de *clarividência*, caiu repen-

tinamente de cima um pedaço de carvão de pedra do tamanho de um punho.

Caso idêntico deu-se meia hora mais tarde quando o meu colega Scheibner, conversando com Slade, estava prestes a deixar a sala: um pedaço de lenha em vez de carvão caiu do forro.

Na manhã de 11 de dezembro, quando conversávamos, de pé, depois da nossa sessão, estando eu ao lado de Slade, o meu canivete, felizmente fechado, voou pelos ares e foi bater na testa do meu colega Scheibner com alguma violência, conservando-se ainda no dia seguinte a contusão visível. Por ocasião de dar-se este fato, achava-se Slade conversando comigo e de costas para o meu amigo e distante dele uns três metros, não podendo ele, portanto, ter atirado o canivete.

Menciono este fato de passagem apenas por parecer-me pertencer ele à classe dos fatos mencionados. As experiências, no entanto, que deixam após si uma impressão permanente como por exemplo a impressão no vaso com a farinha de tribo, me parecem muito mais importantes. Afixei meia folha de papel de carta comum em um pedaço de tábua de dimensões um pouco maiores; era a tampa de uma caixa que o Sr. Merz me havia remetido quatro dias antes de Munich com alguns prismas para espectroscópios. Tendo passado algum tempo o papel sobre uma lâmpada de querosene, sem chaminé, o enegreci e o coloquei embaixo da mesa em volta da qual W. Weber, Slade e eu nos sentamos. Esperando obter sobre o papel a impressão de uma mão, como na véspera, no vaso de farinha, nós nos ocupávamos com a experiência magnética.

De repente a tábua foi atirada abaixo da mesa a uma distância de um metro e ao levantá-la estava lá a impressão de um pé esquerdo descalço. Imediatamente pedi a Slade que se levantasse e me mostrasse os pés, ao que ele acedeu imediatamente. Depois de ter examinado as botinas, examinamos as meias com o fim de verificar se a elas aderira qualquer porção de tisna, porém sem resultado. Em seguida fizemo-lo colocar o pé num assento e verificamos medir o seu pé do calcanhar ao dedo grande 22,5 centímetros, enquanto a impressão deixada sobre o papel media 18,5 centímetros.

Dois dias depois, a 17 de dezembro, às 8 horas da noite, renovei a experiência, com a diferença de que em lugar de usarmos de uma tábua, coleí desta vez o papel sobre uma pedra que oferecia uma superfície de 14,5 x 22 centímetros. Antes da sessão em presença de testemunhas, enegreci o papel como já o explicamos. Foi então a pedra colocada sob a mesa, ficando para cima o papel tismado. Decorridos quatro minutos e depois de ouvirmos o sinal usual, levantamos a pedra e lá se achava a impressão do mesmo pé esquerdo que dias antes deixara a sua marca na tábua.

Fiz reproduzir a marca fotograficamente em escala reduzida.

Vim a saber mais tarde pelo meu colega, o conselheiro Thiersch, que o papel tismado para receber a impressão dos membros humanos já era usado para fins cirúrgicos. Na opinião do conselheiro Thiersch, que com o fim de comparar com a impressão obtida em presença de Slade, tirara outras, aquela por nós obtida era de um homem que trazia os pés muito comprimidos pelas pontas das botinas, de modo que, como muitas vezes acontece, ficava um dedo apertado entre dois outros.

Assim, um dos dedos não tocou o papel, quando o pé aí deixou a sua impressão. O Sr. Thiersch mostrou-me a impressão de um pé humano do qual só quatro dedos deixaram impressão sobre o papel. Para fixar essas impressões no papel basta passá-las por uma fraca solução alcoólica de goma-laca. Se alguém supuser que o Sr. Slade seria capaz, ele próprio, com o seu pé, de produzir essas impressões, devemos admitir:

- 1º) que ele tivesse podido descalçar e depois calçar as botinas sem o emprego das mãos, que todo o tempo estiveram sobre a mesa;
- 2º) que estava tão certo da posição do papel, que sem para ele olhar e logo na primeira tentativa acertasse com ele. Devemos ainda considerar a pequena superfície de uma pedra de escrever.

Que o pé de meia de Slade não tinha sido cortado, nós logo em seguida o verificamos. Isto foi insinuado por *homens de ciência* em Leipzig, que em observações de pouca monta por

mim feitas não trepidaram em aceitar a minha opinião com absoluta confiança e, no entanto, em observações sérias como esta, não hesitam em lembrar precauções elementaríssimas, que não poderiam deixar de ocorrer a qualquer neófito.

Para anular essas dúvidas (cujas explicações por eles dadas são ainda mais extraordinárias do que os próprios fatos), propus ao Sr. Slade uma experiência que de acordo com a teoria de quatro dimensões deveria reproduzir-se com facilidade. De fato, se os fenômenos por nós observados procedem de seres inteligentes, que ocupam no Espaço absoluto lugares que em direção à *quarta dimensão* estão próximos aos lugares ocupados por Slade e nós, no espaço de *três dimensões*, fechado por todos os lados, deve ser de tão fácil acesso para eles quanto para nós, seres do espaço de três dimensões. Esse espaço é uma superfície fechada por todos os lados por uma linha, uma figura de “duas dimensões”. Um ser do espaço de *duas dimensões* só pode conceber uma reta com uma única perpendicular no respectivo espaço de duas dimensões, a que pertence por natureza.

Nós, pelo contrário, sabemos que há infinitas perpendiculares para uma linha no espaço, as quais coletivamente formam o lugar *geométrico bidimensional* do plano perpendicular daquela linha reta. Por analogia, podemos conceber só uma perpendicular para um plano; um ser de *quatro dimensões* poderá conceber, no entanto, inúmeras perpendiculares para esse plano coletivamente formando o lugar de *três dimensões*: ficará na quarta dimensão a perpendicular àquele plano.

Pela nossa natureza como seres de *três dimensões*, não podemos conceber o equivalente dessas relações do espaço, embora por analogia possamos *idealmente* admitir a possibilidade da sua existência. A sua *existência real* só poderá ser deduzida de fatos observados. Com o fim de obter um fato observável, tomei uma ardósia de fechar e na ausência do Sr. Slade coleí de cada lado meia folha de papel de carta enegrecido pelo processo já indicado. Fechei a ardósia e disse ao Sr. Slade que se a minha teoria de seres inteligentes de *quatro dimensões* na Natureza fosse bem fundada, seria para eles fácil deixar do lado interno da ardósia fechada a impressão dos seus pés, resultado até agora somente

obtido em superfícies abertas. Slade riu-se e achou isso redondamente impossível; mesmo os *seus Espíritos*, a quem ele interrogou, pareceram muito perplexos ante a proposição, porém afinal responderam com a cautela costumada: “Podemos tentar”.

Para maior admiração minha, Slade consentiu que eu colocasse a ardósia fechada no meu colo, de modo que pudesse observá-la por todo o tempo. Estivemos na expectativa mais ou menos cinco minutos em plena luz do dia. As nossas mãos como de costume se achavam ligadas sobre a mesa. Em seguida por duas vezes consecutivas senti uma ligeira pressão sobre as minhas pernas sem ter percebido coisa alguma visível.

Três pancadas sobre a mesa anunciaram estar tudo pronto e abrindo a ardósia achamos na sua parte interna, de um lado a impressão de um pé direito e do lado oposto a de um pé esquerdo e de fato do mesmo pé que das vezes precedentes tinha produzido a impressão.

Os leitores devem imaginar como, depois disso, poderei tachar Slade de embusteiro e impostor. O espanto de Slade depois desse resultado ainda foi maior do que o meu.

Pensem o que pensarem da minha teoria em relação à existência de seres inteligentes no espaço de *quatro dimensões*, ela não será julgada inútil como um ponto de partida para as investigações no labirinto dos fenômenos espiritualistas.

Capítulo IV

Condições para as investigações. – Homens de Ciência anti-científicos. – Resposta de Slade ao professor Barrett.

Deixando de parte outros muitos fenômenos físicos como movimentos violentos de cadeiras e outros, por terem eles sido minuciosamente descritos por alguns pesquisadores, passo a discutir, tratando-se de fenômenos cujas causas ainda são desconhecidas, até que ponto podemos impor condições sob as quais desejamos que eles se reproduzam. Para a produção da eletricidade, na superfície dos corpos, torna-se necessário ar seco; uma atmosfera úmida faz abortar completamente o seu desenvolvimento. E por conseguinte aquela condição imprescindível não pode ser prescrita *a priori*. Isto nos foi revelado depois de demorado estudo de fenômenos que a Natureza oferece à nossa apreciação.

É justamente nesta circunstância que o investigador revela a sua perspicácia e penetração, isto é: sem perturbar o curso do fenômeno ele de tal modo dirige a sua observação, que completamente exclui toda a possibilidade de erro ou engano. Teriam os primeiros investigadores imposto condições às quedas dos meteoritos? Investigando novos horizontes científicos, devemos sempre ter em mente as palavras de Virchow, pronunciadas na última reunião de homens científicos em Munique no seu discurso *Sobre a Liberdade no Estado Moderno*:

“O que exatamente me orgulha é reconhecer a minha própria ignorância desde que, segundo penso, conheço mais ou menos quanto ignoro. Quando entro em novos terrenos científicos, sempre digo a mim mesmo: *Agora precisas novamente principiar a aprender.*”

Até que ponto o Sr. Virchow em pessoa faz uso dos preceitos de modéstia que ele recomenda aos mais, podemos fazer idéia pelas seguintes palavras do conselheiro Aksakof:

“As tentativas que promovi por intermédio do Sr. Witting, em Berlim, a fim de provocar um exame científico dos trabalhos de Slade pelos professores Helmholtz e Virchow, falharam, e aproveitarei a oportunidade para provar com um exemplo como acertava quando dizia que encontraríamos enorme oposição entre os sábios, mesmo sendo uma simples questão de exame de mediunidade, e isto simplesmente pela sua aversão a esta espécie de investigações.”

Virchow de fato está disposto a ver o Sr. Slade, porém com a condição deste último sujeitar-se a todas as suas exigências. Aqui temos um homem de ciência que não conhecendo ainda o “abc” do fenômeno que se propõe investigar já quer no início ditar condições! O primeiro passo, um passo em falso. Poderá o método ser adotado para o estudo de qualquer ciência natural?

E quais eram estas condições? O Sr. Slade consentiria em ser amarrado de pés e mãos e com uma sentinela a dois passos da mesa. Eis as condições de um sábio alemão de grande nomeada! Quanta falta de lógica e quanta incongruência! Admitamos que Slade se submetesse à exigência e a sessão fosse bem sucedida: o Sr. Virchow seria o primeiro e com ele toda a gente a dizer que o médium *não tinha sido amarrado, que a sentinela tinha observado mal* e que a extrema habilidade do mágico os desnorteara. Numa segunda sessão, o Sr. Virchow amarraria o médium de outro modo e nomearia duas sentinelas; os mesmos resultados e as mesmas conclusões. Na terceira sessão Slade seria amarrado ainda de outro modo, precauções mais engenhosas seriam tomadas – o mesmo resultado, as mesmas conclusões e assim até o infinito. O Sr. Slade fez bem em recusar as condições do Sr. Virchow, que, impondo-as, revelou a maior ignorância sobre o assunto que se propunha investigar.

A história dos diversos sistemas inventados para amarrar e torturar os médiuns encheria um grosso volume. O *Martirologio dos Médiuns* é um livro do futuro! O professor Virchow só precisa abrir o livro do coronel Olcott: *Pessoas do Outro Mundo*, pág. 39, para ver uma reprodução pitoresca do modo como os médiuns têm sido tratados e torturados em nome da Ciência.⁵ Lá se acha o médium Eddy, com todos os dedos das mãos amarra-

dos por cordões, pregados no chão. Os dedos de Eddy, em virtude das ligaduras a que tem sido submetido durante anos, se acham completamente deformados. E por acaso as ligaduras convenceram alguém? ⁶

As condições impostas pelo professor Virchow dariam o mesmo resultado. O grande mérito de Slade está em ter reduzido de muito as formalidades das suas sessões e de modo que para alguém convencer-se basta vê-lo munido apenas de bom senso e de percepção clara.

Dão-se realmente os fenômenos em plena claridade e lhe seguram as mãos e os pés e mesmo sem que toque os objetos sobre os quais os fenômenos de mediunidade devem desenvolver-se. Que mais querem? Não posso furtar-me ao desejo de reproduzir a carta repleta de bom senso e ombridade que o Sr. Slade enviou ao *Times* em Londres em resposta a alguns pontos que o professor Barrett enunciou em Duplin:

“Resposta do Dr. Slade a alguns pontos da carta do professor Barrett.

Londres, 22 de setembro de 1876.

Ilmo. Sr.

Na exposição do professor Barrett publicada hoje no *Times*, creio que ele se enganou, espero que sem intenção, quando diz:

Slade fracassou quando tentou reproduzir escrita direta numa ardósia fechada encerrada com um pedaço de lápis numa caixa lacrada.

Também fracassou quando lancei mão de uma caixa com passagem tortuosa para a introdução de pedaços de lápis, conforme convinha à sua fantasia, em experimentar obter uma frase escrita numa ardósia de fechar lacrada, porém o conseguiu quando o lacre foi retirado. Falhou novamente segundo um artigo do Spectator quando foi usado um cadeado de mola.

Em lugar de ter experimentado obter escrita numa pedra encaixotada do professor, recusei formalmente proceder à

experiência. Declarei-lhe que as não usaria e lhe expliquei o motivo.

Ele instou muito para que eu tentasse a experiência e colocou sobre a outra ardósia que eu usava e coloquei tudo embaixo da mesa. Como esperava, não obtive resultado algum. Ele chama a isso um fracasso. O Sr. Simmons conta que o professor Barrett, entrando na sala de visitas, lhe disse que o Dr. Slade se tinha recusado a usar as ardósias encaixotadas e que as tinha deixado ficar, esperando que ele (o Dr. Slade) mais tarde se resolvesse a tentar a experiência. Tendo eu pelo menos 15 anos de experiência na demonstração de vários fenômenos ocorridos em minha presença, posso arrogar-me o direito de saber quais as condições exigidas, ignorando porém como se reproduzem. Não me oponho a que tragam ardósias singulares de fechar, porém oponho-me ao uso de cadeados, caixa, lacres e outras providências. considero-me tão honesto e sério quanto aqueles que me procuram com o fim de investigar os fenômenos. Hei de continuar, pois, a opor-me ao uso de tão degradantes precauções, todas as vezes que me forem propostas. Chamo a sua atenção para o que o professor ainda escreve:

Tomando uma ardósia, limpa em ambos os lados, coloquei-a sobre um pedaço de lápis. Nesta posição a firmei com o meu cotovelo. Segurei uma das mãos de Slade; as pontas dos dedos da sua outra mão apenas tocavam a ardósia enquanto observava as mãos de Slade, que visivelmente não se moviam. Bastante admirado fiquei ouvindo um som de arranhar que se reproduzia aparentemente no lado inferior da ardósia; quando a levantamos vimos que o lado que se achava voltado para a mesa estava completamente coberto de letras.

Disse-me este ter obtido idêntico resultado em outras ocasiões. Ainda mais, um eminente amigo meu, cientista, obteve escrita em uma ardósia inteiramente nas suas mãos, estando as mãos de Slade sobre a mesa.

Sendo verdadeiro o que acima ficou dito pelo simples fato dessa escrita ter sido obtida em uma ardósia fechada, presta-

ria mais força a prova de ter sido ela executada por um agente de mim independente? Creio mais que os meus leitores concordarão comigo, que não.

Por outro lado, se assim acontecesse, esse fato só serviria de incentivo a outros, que só concorreriam para embaraçar a reprodução do fenômeno em vez de contentarem-se em observar os fenômenos como eles se apresentam. Na minha opinião, seria o mesmo que cortar o fio e depois pedir ao telegrafista que passasse o telegrama.

Como violar as condições que a prática me mostrou serem essenciais, nestas experiências, para obter-se um resultado positivo? Toda vez que alguém se me apresentar na qualidade de investigador da verdade, em vez de querer fazer-me passar por um impostor, terei o maior prazer de unir-me a ele, com o fim de irmos mais além nas nossas pesquisas.

De V. Senhoria, etc., etc.

Henry Slade.”

Pela carta transcrita em que o médium inglês tão atroz e injustamente caluniado chama a atenção *dos nossos sábios modernos*, de uma maneira tão delicada e positiva, para as primeiras regras experimentais em ciências naturais, pode por enquanto o leitor chegar a formar uma idéia do valor intelectual do homem que foi condenado a três meses de prisão com trabalho pela acusação de fraude contra ele requerida por um *novel sábio*.

Capítulo V

Nós em uma corda sem pontas. – Ulteriores experiências. – Materialização de mãos. – Aparecimento e desaparecimento de objetos. – Uma mesa desaparece e em seguida desce do teto em plena luz.

O fundamento dos fenômenos físicos acha-se no domínio dos físicos e se os homens do valor de W. Weber, Fechner e outros depois das mais completas investigações experimentais confirmam publicamente a realidade dos fatos, evidentemente será um ato de presunção por parte de pessoas alheias à Ciência, a seu bel-prazer, aceitarem como fatos possibilidades absurdas de embuste e assim sem mais indagações negarem a competência desses homens em investigações exatas.

Já descrevi pormenorizadamente as condições sob as quais os nós numa corda lacrada foram atados em presença de Slade e sem que pessoa alguma a tocasse. Toda possibilidade de terem sido os nós atados antes de terem as pontas da corda sido lacradas fica fora de toda a discussão. Deve interessar aos seus leitores saberem que quatro meses mais tarde a mesma experiência foi bem sucedida em Londres em presença de um outro médium. Sob o título *Notáveis Manifestações Físicas*, o Dr. Nichols publicou o seguinte em duas cartas ao *The Spiritualist* de Londres, em 12 e 19 de abril de 1878:

Notáveis manifestações físicas

Pode parecer-vos fastidioso repetir fatos e acumular testemunhos, porém este me parece o único meio de convencer os céticos. Além disso devemos admitir a possibilidade de cada vez que for publicado o *The Spiritualist*, ir ter pelo menos um exemplar às mãos de alguém que pela primeira vez veja esta folha.

Por esse motivo relatarei alguns fatos novos para mim, embora para vós e vossos leitores não encerrem novidades. Estando eu há dias ocupado em meu gabinete de trabalho, cerca de duas horas da tarde, veio a mim a governanta espa-

vorida, pedindo-me que quanto antes fosse à sala de visitas. Parecendo-me tratar-se de um caso urgente, corri escadas acima e achei a minha sala de visitas completamente revolvida.

As cadeiras e o meu pesado sofá achavam-se de pernas para o ar e o meu grande piano de armário completamente deitado sobre o soalho. As janelas estão a cerca de 4 metros do chão, ninguém durante a manhã tinha entrado naquele aposento; ninguém poderia ter vindo da rua para fazer aquela caçoada e com certeza ninguém de casa o fez. Da minha escrivaninha posso ouvir todos os passos na sala de visitas e estou convencido de que ente algum visível o poderia ter feito.

Foram necessários dois homens fortes para colocar novamente o piano onde antes se achava. O *bouleversement* parece-me ter ocorrido entre 1 e 2 horas, enquanto a minha família tomava o lanche. Com eles achavam-se o Sr. W. Eglington, o Sr. A. Colman e a Sra. Nichols.

Conta a Sra. Nichols que enquanto conversavam pancadas se faziam ouvir e a pesada mesa, coberta de pratos, sem que ninguém a tocasse, se levantou algumas polegadas acima do assoalho e assim se conservou enquanto verificavam que todos os seus pés se achavam suspensos. Tudo isso pode ser muito comum em presença de médiuns, porém o que se passou na sala de visitas em plena luz do dia, sem pessoa alguma perto, me parece novidade e fato notável.

Creio ter-lhe comunicado o fato de haverem sido cadeiras enfiadas nos braços de pessoas enquanto seguravam firmemente as mãos uma na outra. Isto é tão surpreendente como o que relata o astrônomo alemão em Leipzig: amarrar nós numa corda, cujas pontas se achavam previamente amarradas e lacradas juntas.

Vi as cadeiras enfiadas nos braços de diversas pessoas em quem deposito a maior confiança; porém quis certificar-me melhor; para isso, numa sessão recente amarrei os pulsos de duas pessoas com uma corda; no fim de três segundo acha-

va-se uma cadeira pendurada no braço de uma delas e a corda intacta.

Segurei então com firmeza a mão do Sr. Eglinton e num momento uma das minhas cadeiras austríacas ficou dependurada no meu braço. Isso sem dúvida é *matéria através da matéria*, porém se carne e osso atravessaram a madeira ou se por ela foram atravessados é o que não posso dizer.

No sábado, por combinação prévia, quatro de nós nos reunimos à noite. Eglinton, Colman, a Sra. Nichols e eu. Supondo poder obter alguma escrita ou desenho, coloquei uma folha de papel e um lápis sobre a mesa. Estávamos em uma pequena sala bem iluminada. Ouvimos um ligeiro ruído num canto; olhando, vimos uma cadeira leve, de fundo de palhinha, mover-se por si sobre duas pernas, balançando-se para diante e para trás e respondendo às nossas perguntas com os seus movimentos e finalmente se encaminhou para a mesa, se encostou aos meus joelhos carinhosamente e se portou em tudo como um ser dotado de locomoção e inteligência.

Foi um fato curiosíssimo esse presenciado por quatro pessoas durante 10 ou 15 minutos, sem possibilidade de ser levado à conta de artifício ou alucinação. Examinei a cadeira cuidadosamente, embora fosse isso desnecessário, pois não pode haver maquinismo possível que em tais circunstâncias pudesse produzir o fenômeno. Em seguida abaixamos o gás por alguns minutos, durante os quais ouvimos por determinado tempo o ruído de um lápis e quando demos força à luz achamos na folha de papel traçado o retrato de um amigo falecido e uma carta de mais de página com letra de uma querida filha nossa, cujo Espírito muitas vezes nos visita.

Até a presente data tenho de sua mão cinco desenhos e quatro cartas, não levando nenhum dos desenhos mais de dois minutos para ser traçado. Nenhum artista vivente poderia fazer um igual em dez ou vinte vezes mais tempo.

Os nossos leitores podem estimar saber que na noite de 7 de abril se reproduziu em minha casa na presença de seis pessoas, inclusive o Sr. Eglinton e o Sr. Colman, o prodígio

de se atarem nós em uma corda sem pontas, que tanto admirou o professor Zöllner.

Acho-me de posse da corda com as extremidades fortemente amarradas e lacradas num cartão de visitas meu e sobre o qual os dedos de todos os presentes descansavam enquanto cinco nós eram atados na parte central da corda.

Abril, 12 de 1878.”

Nós amarrados numa corda sem pontas

Ao editor de *The Spiritualist*, 19 de abril de 1878.

Ilmo Sr.

Sinto bastante não ter historiado tão minuciosamente como deveria a reprodução em Londres do admirável fenômeno de nós atados em uma corda sem pontas.

Permita-me, pois, dizer-lhe que depois de ter lido no *Daily Telegraph* a narração do professor Zöllner, perguntei ao *Esprito de meu amigo Joey* se ele poderia reproduzir a experiência. Respondeu-me: “Poderemos tentar”.

Cortei então 4 metros de barbante comum do que uso para amarrar embrulhos grandes de livros, uni as duas extremidades com um simples nó, passei-o por um buraco feito num meu cartão de visitas, lacrei o nó sobre o cartão e pedi a um cavalheiro presente que sobre o lacre imprimisse o seu sinete.

No cartão coloquei a minha assinatura e a data. Novamente examinei a corda e verifiquei não ter nó algum. Seis pessoas havia em volta da mesa pequena. O cartão lacrado foi colocado no centro da mesa e os presentes colocaram os seus dedos sobre ele, ficando o resto da corda pendurada até o chão. Essa posição foi mantida durante um minuto, quando ouvimos as pancadas, examinando nós e em seguida a corda.

As extremidades conservavam-se firmemente atadas e lacradas e cinco nós achavam-se atados na corda com um intervalo de um pé entre eles, não tendo a sua parte lacrada saído das minhas vistas um só instante.

Nenhum mortal poderia ter atado os nós e desafio todos os filósofos e *mágicos* da Europa que atem idênticos nós em idênticas circunstâncias. Eis um fato que se poderá provar em qualquer tribunal de justiça e que todas as dimensões do espaço não poderão explicar satisfatoriamente.

T. L. Nichols, médico”

Passo agora a relatar dentre inúmeras e bem sucedidas experiências com o Sr. Slade em Leipzig, de 4 a 10 de maio de 1878 as que em primeiro lugar apresentam uma modificação das experiências dos nós e que podem ser encaradas como uma confirmação experimental da realidade da existência de uma *quarta dimensão* do espaço.

Durante a sua terceira estadia em Leipzig, Slade novamente aceitou hospitalidade em casa do meu amigo O. von Hoffmann e aqui se demorou de 2 a 10 de maio. Com o fim de protegê-lo contra a indelicadeza do público *ilustrado* e do *iletrado*, assim como da imprensa e com o fim de impedir aqui a repetição da sua expulsão, pela polícia,⁷ a pedido do público, tivemos o cuidado, durante a sua segunda visita, de seqüestrá-lo inteiramente do público.

Quanto às experiências que se seguem, eu as descreverei em primeiro lugar para os *fisicistas*, isto é, para homens científicos, competentes, para compreender as minhas investigações e experiências físicas anteriores, às quais durante vinte anos dei publicidade em jornais científicos. Só estes poderão formar uma opinião independente. Julgando meus trabalhos anteriores, poderão avaliar a que ponto posso merecer-lhes confiança, como investigador em Física.

Quanto às pessoas a que, à vista dos meus trabalhos passados, possa inspirar confiança, me abstenho de descrever, com exagerada minúcia, desnecessária a homens científicos, as circunstâncias sob as quais foram observados os fenômenos que seguem. Suponhamos que, por exemplo, numa investigação física, como a dos fluidos elétricos, no desvio da bússola, algum fisicista querendo ridicularizar as minhas conclusões, sugerisse a hipótese de ter eu por exemplo deixado ficar sobre a mesa um canivete

magnético ou não considerasse as variações diárias do magnetismo terrestre, etc., eu responderia: tais suposições seriam cabíveis em relação a novatos em estudos de Física e para mim seria um insulto. Caso a insinuação proviesse de um colega eu julgaria abaixo da minha dignidade como fisicista respondê-la.⁸

Quanto à opinião de que precisamos impor as condições sob as quais deviam reproduzir-se os fenômenos, temos a ponderar que sendo este um terreno completamente novo para todos nós, como poderemos *a priori* impor condições para a reprodução dos seus fenômenos?

Chamamos ainda a atenção dos nossos leitores para a carta do Sr. Slade e para as observações do Sr. Aksakof ao Sr. Virchow, de Berlim, sobre os princípios primordiais de investigações exatas.

Depois deste preâmbulo necessário, passo a descrições de algumas investigações por mim idealizadas para confirmação da minha teoria do espaço.

As experiências já descritas (17 de dezembro de 1878) dos nós na corda sugerem duas explicações dependentes de espaços de três ou de quatro dimensões. Na primeira hipótese deve ter havido a chamada passagem da *matéria através da matéria* ou, em outras palavras: as moléculas que compõem a corda devem ter sido separadas em certos lugares e depois da passagem de determinada porção da corda novamente unida. Na segunda hipótese, a manipulação da corda estando de acordo com a minha teoria, sujeita às leis de uma região do espaço de quatro dimensões, tal separação e reunião molecular não se tornaria necessária. A corda passaria, no entanto, durante a operação por certo número de torceduras que se tornariam visíveis depois dos nós atados. Em dezembro esta circunstância não me tinha chamado a atenção e eu não examinara a direção e a espessura das torceduras. A seguinte experiência, porém, levada a efeito a 8 de maio deste ano, numa sessão que durou um quarto de hora, nos dá uma solução a favor da teoria do espaço de quatro dimensões sem a separação das moléculas.

A experiência foi feita do seguinte modo: cortei duas correias de um pedaço de couro mole de 44 centímetros de comprimento e de 5 a 10 milímetros de largura cada uma, com as suas pontas atadas como nas experiências com as cordas lacradas, etc.

As duas tiras de couro foram colocadas separadamente sobre a mesa. Colocaram-se as cadeiras umas defronte das outras e coloquei as minhas mãos nas tiras (figura 2). Slade sentou-se à minha esquerda e colocou a mão direita de leve sobre a minha, todo esse tempo, vendo as correias nas minhas mãos. Slade declarou ver luzes saindo dos meus dedos e sentir um sopro fresco sobre as suas mãos. Senti o sopro, porém não vi as luzes.

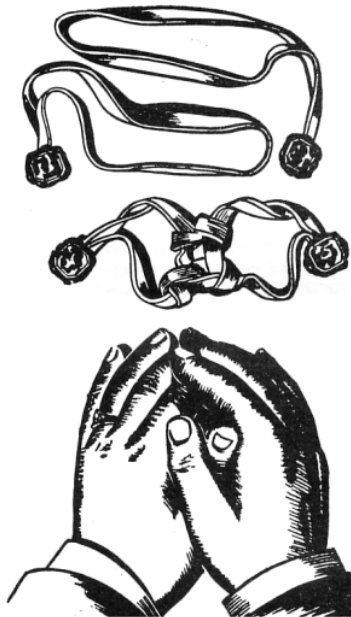


Figura 2

Logo em seguida, enquanto sentia ainda o sopro, percebi ligeiro movimento das tiras de couro debaixo das minhas mãos. Em seguida ouvimos três pancadas e removendo as minhas mãos achamos as duas correias atadas uma à outra. As torceduras do couro são distintamente visíveis na figura 2. As correias não estiveram debaixo das minhas mãos mais de três minutos. Muito satisfeitos, eu e os meus amigos durante muito tempo examinamos as duas tiras de couro. Em seguida segurei eu mesmo uma pedra de escrever debaixo da mesa com o fim de obter a reprodução obtida pelo grão-duque Constantino da Rússia. Enquanto

eu assim procedia, as mãos de Slade, sempre visíveis, se conservavam tranqüilamente na mesa.

Subitamente, apareceu ante os meus olhos, emergindo de sob a mesa, uma grande e robusta mão. Os dedos dessa mão se moviam com rapidez e pude observá-la com toda a atenção durante pelo menos dois minutos. A mão era pálida e de uma cor inclinada a um verde azeitona.

Enquanto eu observava Slade, a mesma mão, por um movimento rápido, agarrou com força o meu antebraço por mais de um minuto. Como a minha atenção estava toda voltada em examinar a mão, nada posso dizer a respeito do braço. A pressão que senti sobre o meu braço foi fortíssima e antes do desaparecimento da mão senti na mão que sustinha a pedra embaixo da mesa tão forte beliscão, que não pude deixar de gritar. Com esta manifestação encerrou-se a sessão.

Para completar a narração de fenômenos de mãos visíveis e tangíveis, que ocorreram no ano precedente em presença dos meus amigos e colegas Fechner, Weber e Scheibner, mencionarei mais o ocorrido na manhã de 15 de dezembro de 1877. Enquanto W. Weber e eu nos ocupávamos com Slade nas experiências magnéticas, o paletó de Weber foi desabotoado debaixo da mesa, o seu relógio de ouro tirado do bolso do colete e colocado delicadamente sobre a sua mão direita, que se achava sob a mesa.

Durante isso, que durou cerca de três minutos e foi descrito em todas as suas fases por Weber, as mãos de Slade se conservavam todo o tempo sob as nossas vistas.

Essa sessão se realizou em minha casa, no gabinete já descrito. Aqueles que procurarem explicar os fenômenos aqui narrados e observados por diversas pessoas de confiança, atribuindo-os a membros fabricados de borracha, etc., tratam do assunto muito superficialmente, pois além de procurarem explicar fenômenos que nunca presenciaram, provam ser de uma ingenuidade pasmosa.

Que tais membros tangíveis e visíveis podem, debaixo de certas condições, deixar visíveis impressões como por exemplo na

farinha de trigo e no papel tisanado, não pode haver a menor dúvida.

Creio ter ficado provado pelas experiências supramencionadas que fora do nosso mundo perceptível de três dimensões há seres organizados com todos os atributos de *corporeidade*, podendo mostrar-se e sumir no espaço de três dimensões, não nos sendo possível, devido à nossa atual percepção do espaço, responder satisfatoriamente de onde eles vêm nem para onde vão. Já relatei a desapareição e a reaparição de uma pequena caixa de papel de termômetro e também a aparição repentina de um pedaço de madeira e outro de carvão em lugares onde estes corpos não tinham sido por nós colocados.

Idêntico e mesmo mais extraordinário fenômeno sucedeu em Viena durante a estada de Slade. O barão von Hellenbach escreveu-me:

“A desapareição do livro foi muito superficialmente tratada no meu folheto, pois nele só me ocupei de fatos fora do alcance de Slade, prevenindo a ponderação de ele *tê-lo feito de algum modo*. O fato passou-se assim: Slade colocou sobre a ardósia em um ponto marcado o livro e um pedaço de lápis, pondo tudo embaixo da mesa. O livro desapareceu e tendo sido procurado por toda parte desceu por diversas vezes do teto até à mesa, passando entre os globos do candelabro de três luzes.

Em uma dessas vezes bateu em uma das correntes do candelabro. Projetado por uma das mãos debaixo da mesa, teria sido impossível descrever essa curva. Os braços de Slade estavam visíveis e tranqüilos e qualquer movimento das pernas seria notado. A experiência foi repetida por diversas vezes e a nossa atenção era a maior possível.

Considero como muito importante a reprodução do fenômeno em sua presença, porquanto se a ascendência e descendência do livro a meus pés provam a existência de uma força mecânica imperceptível – os nós numa corda sem pontas, a existência de um espaço de quatro dimensões, assim também a aparição e desapareição do livro podem provar

mais outra dimensão do espaço –, pode-se assim dizer, na nossa proximidade, e de um modo tão estupendo que na minha opinião não se pode duvidar de que a nossa aparente ilusão não é mais do que uma instrução tridimensional de um mundo polidimensional, a nós sugerido por uma organização desconhecida. Se nas suas investigações for feliz, peço-lhes que me comunique.

B. Hellenbach.”

Recebi a carta acima às 8 horas da manhã de 5 de maio. Sem mencioná-la a pessoa alguma, demonstrei na sessão desse dia o desejo de novamente observar, como em dezembro, a desaparecimento e a reaparição de qualquer corpo de uma maneira frisante.

Imediatamente Slade pediu a von Hoffmann que lhe desse um livro e este incontinenti lhe passou um da estante. Slade colocou-o sobre uma ardósia e pôs tudo debaixo da mesa, retirando logo em seguida a ardósia sem o livro. Procuramo-lo por toda parte, porém em vão: o livro desaparecera. Decorridos cinco minutos, retomamos novamente os nossos lugares. Apenas nos sentamos, o livro caiu do teto sobre a mesa, dando-me na queda uma pancada sobre a orelha direita com alguma violência.

A trajetória do livro pareceu-me ter sido oblíqua, procedendo de um ponto por cima e atrás das minhas costas. Durante essa ocorrência, Slade achava-se sentado e imóvel. Pouco antes ele asseverara, como de costume nestas manifestações físicas, que via luzes flutuando ou emanando dos corpos, apesar de nem eu nem meus amigos podermos perceber coisa alguma.

Na sessão do dia seguinte à claridade do dia devia eu presenciar outro fenômeno dessa ordem, ainda mais curioso. Como de costume, tinha-me sentado com Slade à mesa de jogar.

Defronte de mim estava como quase sempre uma pequena mesa redonda. A sua altura era de 77 centímetros, o seu diâmetro de 46 centímetros e o seu peso de 4,5 quilogramas. Depois de estarmos sentados durante um minuto, tocando-se as nossas mãos, a pequena mesa começou a oscilar vagarosamente, o que percebemos com facilidade.

O movimento pouco a pouco se tornou mais pronunciado e a mesa pequena aproximou-se da maior onde nos achávamos, acabando por desaparecer embaixo desta, tendo os seus pés virados em minha direção. Esperamos durante um minuto sem saber com o que podíamos contar.⁹

Slade preparava-se para, por meio da ardósia, perguntar aos seus *Espíritos* com o que deveríamos ainda contar, quando me ocorreu examinar a posição da mesa redonda que, pensava eu, podia achar-se por debaixo da outra. Para nossa surpresa, achamos o espaço embaixo da mesa maior vazio. Não achamos traços da mesa redonda em todo o aposento.

Contando com a sua reaparição, sentamo-nos novamente e esperamos cerca de 6 minutos, quando Slade declarou ver as costumadas luzes flutuarem no espaço. Não obstante nada poder ver, segui instintivamente o olhar de Slade; repentinamente vi, na altura de cinco pés, a até então invisível mesa, com as pernas viradas para cima, flutuando no ar e descendo em nossa direção.

Conquanto tivéssemos desviado as nossas cabeças, Slade para a esquerda e eu para a direita, com o fim de evitarmos o contacto da mesa, na sua descida, apanhei tão forte pancada que durante mais de quatro horas depois ainda sentia dores.

Capítulo VI

Considerações teóricas. – Experiências projetadas para a prova da quarta dimensão. – O inesperado na Natureza e na vida. – Transcendência do destino em Schopenhauer.

As precedentes observações de fatos ficam experimentalmente em contradição com o dogma da imutabilidade da quantidade da matéria no nosso mundo de três dimensões. O dogma da constância da substância não pode tirar sua existência dogmática da experiência, mas somente dos princípios da nossa razão, as inerentes na idéia, exatamente como na lei *a priori* da causalidade, isto é, antes de toda a prova, as quais impõem à nossa *razão* a tarefa de libertar o nosso *entendimento* de tal contradição entre os fatos observados e os princípios da nossa razão.

Já demonstrei minuciosamente no primeiro volume das minhas obras com que facilidade se pode resolver este problema, pela aceitação da quarta dimensão do espaço. A mesa, que durante seis minutos desapareceu, deve no entanto ter existido em *algum lugar* e a quantidade de substância que a compõe deve, de acordo com o citado *princípio da razão*, ter-se conservado sempre a mesma. Se a palavra “onde?” apenas designa um lugar e tendo sido empiricamente demonstrado que esse lugar não pode estar situado na região do espaço de três dimensões, perceptível para nós, segue-se que necessariamente até agora a resposta à pergunta “onde?” se tornou uma resposta *incompleta* e por conseguinte incapaz e necessitada de ampliação. E também como por esse meio a concepção da justa posição se desenvolve pelo recurso da quarta dimensão do espaço absoluto, o que por mim já foi minuciosamente demonstrado.

Também no meu tratado *Da Ação a Distância*, vol. I, pág. 269, demonstro que o “axioma da conservação da energia” mantém todo o seu valor para o espaço de quatro dimensões. Em outro lugar disse:

“Se se observar a distância de dois átomos e a intensidade da sua *interação* no nosso espaço de três dimensões, como

projeções de magnitudes similares de um espaço de quatro dimensões, uma mudança se operará na magnitude, forma e desenvolvimento da força cinética da projeção de três dimensões (o corpo material), simplesmente pela mudança das posições relativas do objeto de quatro dimensões sem que as suas propriedades sofram mudança alguma. O axioma da conservação constante de uma quantidade de energia conserva assim pleno valor para o espaço de quatro dimensões. Ainda mais, considerando-se melhor, é a base em que descansa a concepção do espaço para as ocorrências físicas.”

Às considerações desenvolvidas no princípio deste tratado com referência à *atual* ou *ideal* base do espaço, posso ajuntar as seguintes palavras de Riemann:

“O assunto dos postulados de Geometria em relação ao infinitamente pequeno está em conexão com o princípio íntimo das relações das massas no espaço. Neste assunto que bem se pode dizer pertence ainda à doutrina do espaço, a observação acima tem a seguinte aplicação: Numa discreta diversidade, o princípio das relações da matéria já se acha compreendido na concepção da diversidade, ao passo que numa diversidade contínua este princípio lhe deve vir *de fora*.

Desse modo, ou a realidade das leis segundo o espaço deve formar uma discreta diversidade ou o princípio das relações da matéria deve ser procurado, investigado *fora dela* em forças combinadas, atuando sobre ela. A decisão desse assunto só pode ser resolvida transcendendo a até agora concepção empírica do fenômeno, cujo princípio Newton estabeleceu gradualmente, modificando-o por fatos que a mesma lei não pode explicar. Investigações que, como a presente, ultrapassam a concepção ordinária, “concorrem para o progresso dessas idéias que de outro modo ficariam paralisadas devido às prevenções das tradições e assim impediriam o conhecimento da conexão das coisas. Isso leva-nos a terrenos de uma outra ciência, a Física, que a natureza do nosso assunto não nos permite investigar.”

As palavras de Riemann provam incontestavelmente que ele, como um dos esclarecidos fundadores da teoria da concepção do espaço *ampliado*, reconhecia como indispensável a aceitação do elemento *físico* deduzido de fatos observados.¹⁰

Prossigo na descrição de mais algumas experiências procedidas em companhia do Sr. Slade, confirmando e ampliando as experiências já conseguidas. De modo a excluir o mais possível o testemunho humano nestes fenômenos para nós inexplicáveis, procurei propor experiências que deixassem efeitos duradouros. Para conseguir este *desideratum*, imaginei:

1 – Duas argolas feitas de madeiras diferentes, sendo uma de carvalho e a outra de noqueira, torneada cada uma de um pedaço de madeira inteiriça. O diâmetro exterior das argolas era de 105 milímetros e o interior de 74.

Se introduzíssemos essas argolas uma na outra sem solução de continuidade, esse fato constituiria por si só um *milagre*. Por um exame microscópico se verificaria a continuidade das fibras e tendo sido escolhidas duas madeiras diversas não se poderia supor terem as argolas sido cortadas do mesmo pedaço de madeira. O fenômeno seria inexplicável pelos nossos atuais conhecimentos de física e constituiria consequentemente um milagre.

2 – Em certos produtos da Natureza a disposição das suas partes, obedecendo a uma determinada direção, como por exemplo as conchas dos caracóis torcidas para a direita ou para a esquerda, essa disposição poderá ser alterada por uma *torcedura de quatro dimensões*. Premuni-me de grande número dessas conchas e pelo menos duas de cada qualidade.

3 – De um pedaço de tripa seca (*gut*) cortei uma tira sem pontas da largura de 4 ou 5 milímetros e formando um círculo de 400 milímetros. O meu intuito era fazer dar um nó nessa corda e um exame microscópico revelaria se ela tinha sido cortada.

4 – De modo a demonstrar a chamada penetrabilidade da matéria, que faz parte de todas estas experiências, encomendei na fábrica de vidros do Sr. Götze desta cidade uma bola de vidro hermeticamente fechada e de cerca de 40 milímetros de diâmetro. De uma vela de composição cortei um pedaço que coubesse

exatamente no interior da bola. Indaguei do Sr. Götze se ele julgava possível fabricar-se uma bola como essa, encerrando no seu bojo a vela sem derretê-la pelo menos nas extremidades. Disse-me ele ser isso completamente impossível. Mesmo independentemente dessa opinião, creio não me arriscar a uma contradita afirmando que um pedaço de vela colocado no interior de uma bola de vidro seria à vista dos nossos limitadíssimos conhecimentos das leis naturais um milagre inexplicável.

Os preparos mencionados facilmente deixam antever os fenômenos que eu desejava obter em presença de Slade. Tendo-me convencido, em mais de trinta sessões efetuadas na presença de Slade, de que ele “absolutamente não fazia” as coisas misteriosas que presenciei, eu não podia *racionalmente* pedir-lhe que me *mostrasse* tal e tal fenômeno. Muito “menos razoável” me parece “impor condições” sob as quais os fenômenos para ele próprio inexplicáveis deveriam reproduzir-se.

Preferi, pois, proceder para com Slade e os fenômenos exatamente como tinha procedido para com a natureza durante as minhas investigações físicas ou nas previstas quedas dos meteoros, cujo acontecimento ocorreu quando a Terra cruzou a órbita do cometa de Biela em 27 de novembro de 1872.

Conservei-me calmo e na expectativa do que deveria acontecer, esperando que a Natureza livremente me desvendasse os seus segredos à medida que achasse conveniente, de modo que não cegasse os olhos do meu entendimento com o esplendor da sua majestade, recordando-me das palavras de Goethe:

*Impenetrável à luz flamejante do meio dia,
A Natureza não consente que se lhe rompa o véu.*

*E o que ela por sua livre vontade não quiser
Sem convite à vossa alma desvendar,
Vós não conseguireis arrancar com alavancas ou saca-
rolhas.*

E de fato não conhecemos melhor comparação para explicar o modo pelo qual o destino conduz o homem para a revelação inesperada e sucessiva dos mistérios da Natureza. Raras vezes

acontece o que nós de acordo com o nosso *pequeno saber* desejamos. Se, porém, no decurso de alguns anos examinamos o que se passou, reconhecemos, cheios de gratidão, a superioridade daquele que de conformidade com um plano sensato conduz os nossos destinos ao verdadeiro bem-estar da nossa natureza moral e a nossa vida a uma harmonia geral.

“*Volentem facta ducunt, volentem trahunt*”, diz um antigo provérbio freqüentemente citado por Schopenhauer. Que a concepção intelectual da conexão íntima do nosso destino não nasce somente de um idealismo colorido pelo otimismo, porém se impõe poderosamente mesmo a um pessimista de faculdades intelectuais bastante desenvolvidas, temos uma prova frisante no tratado de Schopenhauer: *Desígnios Aparentes do Destino dos Indivíduos*.

Capítulo VII

Diversos exemplos da chamada “passagem da matéria através da matéria”.

Depois desta digressão passo a descrever algumas modificações efetuadas em objetos “sem que fossem tocados por Slade.

Em 3 de maio deste ano, às 8:30 da noite, durante uma sessão em que eu e o Sr. von Hoffmann tomamos parte, se achavam sobre a mesa, além de outros objetos, dois dos já mencionados caracóis.

Eu comprara ambos nessa manhã a um mercador ambulante italiano, que negociava na feira de Leipzig. O caramujo menor encontrava-se facilmente aqui, o outro pertencia a uma espécie que, segundo o vendedor, se encontra nas praias do Mediterrâneo. Ele, a meu pedido escreveu o seu nome *Capo Turbus* (em latim *Caput Turbo*).

A abertura quase circular desse caramujo tinha um diâmetro de cerca de 43 milímetros, ao passo que o menor media apenas 32 milímetros na sua maior extensão. Nessa noite, sem intenção, pus o caramujo maior sobre o menor, ficando este totalmente coberto. Isto deu-se em uma sessão durante a qual se sucederam fenômenos totalmente diferentes.

Quando Slade, segundo o seu hábito, segurou embaixo da mesa uma lousa, ouviu-se imediatamente um ruído como o da queda de um corpo sólido sobre ela. Sendo retirada a lousa, sobre ela se achou o caramujo, que apenas um minuto antes estivera na mesa coberto pelo outro. Desde que esse fenômeno se tinha produzido sem o concurso das nossas mãos, aí estava o que se chama “penetração da matéria”, que tem sido tantas vezes observada e desta vez tão inesperadamente.

Logo depois de ter o Sr. Slade retirado a lousa de sob a mesa, segurei no caramujo com o fim de verificar qualquer alteração física que por acaso pudesse ter ocorrido. Surpreendeu-me achá-lo tão quente que quase se me tornou impossível conservá-lo entre os dedos. Passei-o imediatamente ao meu amigo, que

verificou essa extraordinária mudança de temperatura. Esta circunstância parece-me ser de certa importância em relação aos fenômenos que se seguem.

Às 7 horas da noite de 9 de maio, achava-me só com Slade no nosso gabinete. Os dois argolões de madeira e as já mencionadas tiras estavam ligados a um pedaço de categute¹¹ de um milímetro de espessura e de 1,05 metro de comprimento. As duas extremidades do categute foram amarradas juntas e depois lacradas exatamente como as cordas.

Depois de nos termos, Slade e eu, sentado à mesa, coloquei as mãos na extremidade lacrada do categute. Decorridos alguns minutos, Slade assegurou-me, como geralmente o fazia durante os fenômenos físicos, que estava vendo luzes e em seguida sentimos um cheiro de queimado como que procedendo de sob a mesa e fazendo lembrar o cheiro do ácido sulfúrico.

Logo depois ouvimos um ligeiro ruído que vinha da mesa próxima como de pedaços de madeira chocando-se. Quando indaguei se devíamos suspender a sessão, o mesmo som foi repetido por três vezes. Em seguida abandonamos os nossos lugares a fim de verificarmos a causa do ruído observado. Com imensa surpresa achamos os dois argolões de madeira, que minutos antes se achavam presos ao categute, circundando o pé da mesa pequena.

A figura 3 representa a disposição dos objetos no começo da sessão e a figura 4 no final da mesma.

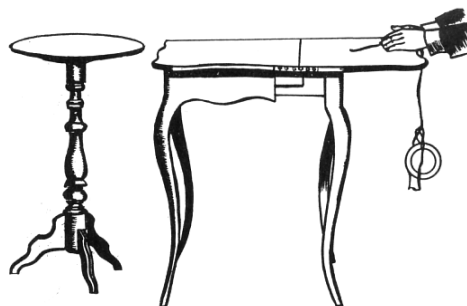


Figura 3

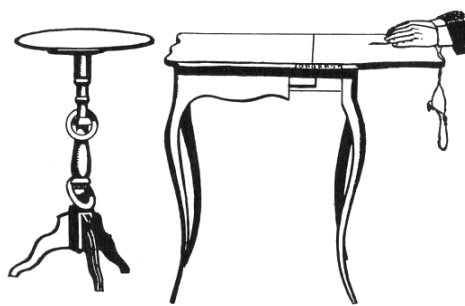


Figura 4

O categute achava-se amarrado em dois nós soltos e o pedaço de tripa dependurado sem alteração alguma, como na figura 6.

A figura 5 mostra a situação das argolas e da tripa em relação à corda no início da sessão, enquanto a figura 6 mostra a situação da tripa no final da mesma.

Muito satisfeito pelos resultados permanentes obtidos, chamei para o gabinete o meu amigo von Hoffmann e sua mulher; Slade caiu num dos seus transe habituais e me informou que os seres invisíveis que o cercavam lhe comunicavam que, segundo o meu desejo, tentaram dar os nós na corda de tripa, mas que se viram obrigados a abandonar o seu intento visto estar a corda em risco de derreter-se devido à elevada temperatura e que isso poderíamos verificar examinando um ponto branco que se achava na corda.



Figuras 5 e 6

Imediatamente depois da experiência fiquei de posse da tira de couro e assim que Slade me fez esta revelação procurei certificar-me. De fato lá se achava o ponto branco indicado e quando tomamos um pedaço da mesma corda e o submetemos à chama de uma vela o excesso de temperatura deu em resultado um idêntico ponto branco.

Esse fato, junto ao cheiro de queimado, notado durante a sessão e o aumento de temperatura verificado em outra experiência (a do caramujo) devem sempre ser recordados em futuras experiências de movimentos de quatro dimensões dos corpos.

Se de acordo com a citada alternativa de Riemann a “realidade regendo o espaço deve ser investigada nas forças operando no mesmo espaço”, também poderá tal aumento de temperatura ser produzido de igual modo pelo movimento de corpos condutores no campo magnético. Suponhamos que ignorássemos a indução magnética descoberta por Faraday e observássemos num espaço limitado pelos pólos de uma agulha eletromagnética, de outro modo imperceptível para nós, o aumento da temperatura em corpos condutores em movimentos rápidos; isto nos pareceria tão incompreensível e misterioso quanto o calor produzido em corpos terrestres como nos exemplos citados por mudança de lugares de quatro dimensões.

Sem dúvida um intelecto fortemente desenvolvido, que por princípios metafísicos, isto é, por princípios deduzidos pela razão, reconhecesse a necessidade e a significação geral da lei de Weber para toda a *interação* dos corpos separados pelo espaço, deveria ter inferido a existência *a priori* da indução magnética de Faraday. Este encararia a elevação de temperatura dos corpos condutores nos seus movimentos como uma conformação empírica das suas deduções *a priori* e desse modo inferiria a existência real de um eletromagnético, mesmo que nunca o tivesse visto nem tocado.

Pelo que ficou dito se vê que a minha investigação *projetada* não se efetuou como *esperei*. Por exemplo, as duas argolas de madeira não foram encadeadas; em vez disso, porém, em cinco minutos foram transportadas do categute lacrado para o pé da mesa redonda. Desde que o lacre não foi desfeito e o tabuleiro da mesa não foi removido, segue-se pela nossa atual concepção do espaço que ambos os argolões de madeira atravessaram primeiramente o categute e em seguida a perna da mesa. Se eu fizer a pergunta, qual das duas experiências aos olhos de um cético deve causar maior impressão, se a que eu projetava ou a que se efetuou; depois de refletirem, estou certo de que optarão pela última.

A prova fornecida pelas argolas encadeadas atuaria unicamente sobre o botânico microscopista, para quem eu teria de apelar para provar não terem as fibras de madeira sido alteradas. Quão inúteis, no entanto, se tornam esses testemunhos na atualidade quando, no dizer de Goethe, “a incredulidade se torna como uma superstição invertida para a cegueira do nosso tempo”. Vimos o modo pelo qual os literatos de Berlim trataram o testemunho de Bellachini.

Perguntarão por que em Leipzig foram as investigações com Slade coroadas de tão bom êxito, ao passo que na Rússia a dos nós, por exemplo, nem uma só vez foi conseguida, apesar de tão desejada. Se consideramos o desejo que Slade deveria ter para ver realizado um fenômeno tão simples e convincente, as pessoas imparciais devem mesmo por essa circunstância ver a prova mais forte de que o Sr. Slade não é um impostor, que por meio de manipulações bem engendradas dava ele próprio os nós. Pois tal

prestidigitador se esforçaria para cada vez mais aumentar a sua destreza de modo a poder enganar qualquer *sábio*. Como prova de não lhes ter ocorrido tão singela reflexão, sugerimos justamente considerarem o mau êxito da experiência na Rússia como prova de não nos ter Slade enganado em Leipzig. Recebi as seguintes linhas de um amigo cientista da Rússia a quem enviei o meu *Tratado*:

“22 de fevereiro de 1878.

Talvez possa a seguinte narração abrir os vossos olhos. Há dois dias, em consequência da vossa carta, amigos meus, cientistas, visitaram o Sr. Slade e lhe pediram que procedesse à sua vista à operação dos nós. A resposta do Sr. Slade foi: *Este fenômeno só consegui duas vezes (em Leipzig?). Atualmente a minha mediunidade não se acha bastante forte.*

Depois disso ainda encarais o fenômeno como prova da quarta dimensão?”

Por diversas vezes tem sido ponderado por que motivo sendo as frases que aparecem nas pedras do Sr. Slade comunicações de Espíritos, são na sua maior parte tão banais e até com erros ortográficos? Tendo um professor particular de filosofia de Berlim feito a observação, ponderei-lhe que qualquer comunicação ultrapassando o atual horizonte dos nossos conhecimentos deve necessariamente parecer-nos absurda e incompreensível e lhe citei as seguintes palavras de Litchemberg: *Se um anjo discutisse conosco filosofia, muitas das suas proposições, creio-o eu, nos haveriam de parecer como dois mais dois igual a treze.*

Longe de compreender-me, aquele novel filósofo perguntou-me muito sério e com uma expressão da mais alta curiosidade se “tais asserções apareceram algum dia nas lousas do Sr. Slade para confirmar a sua origem angélica?”. Tomado completamente de surpresa por tão ingênua pergunta, conservei o silêncio e o olhei admirado.

Ele já tinha escrito um livro sobre a teoria do espaço. Sem responder-lhe, pensei de mim para comigo: “Terás pouco que esperar; em breve descansarás como professor de Filosofia no seio de alguma famosa universidade alemã e então acontecerá

com os teus estudantes exatamente como aconteceria conosco se um anjo discursasse sobre filosofia”.

Litchemberg diz: “Estamos num mundo onde um tolo faz muitos tolos, porém um homem sensato só consegue fazer poucos homens sensatos. Justamente o fato de terem aqui em Leipzig sido coroadas de bom êxito as experiências em presença de Slade, como prova da minha teoria do espaço, encaro isto como prova da inteligência superior desses seres invisíveis que o cercam. Se sem me parecer pretensioso me incluo na classe dos seres inteligentes à qual os homens pertencemos, conhecidos sob o nome de *homo-sapiens*, mesmo assim quisera mais amplamente expor e mais detalhadamente explicar as minhas investigações filosóficas, porém somente àqueles a quem eu julgasse suficientemente instruídos.

Numa sociedade de democratas-sociais, ou de cientistas alemães ou ingleses, onde o Sr. Tyndall ou sir W. Thomson tão facilmente vendem os seus trabalhos, sim, mesmo na *Academia Britânica*, eu me absteria de falar das minhas investigações acerca da minha teoria do espaço.

Fora eu, porém, um dos invisíveis seres que flutuam em volta do Sr. Slade e fosse o meu médium convidado para um exame *científico* pelos acadêmicos de Berlim, ser-me-ia fácil escrever numa pedra as seguintes proposições: *Somos o joguete das nossas moléculas encefálicas* ou *O princípio vital na terra teve o seu início de germes contidos nas concavidades gélidas de uma pedra meteórica*.

Tais proposições seriam acolhidas com alegria pelo Sr. E. du Bois-Raymond e pelo Sr. Helmholtz como prova evidente da inteligência daqueles seres invisíveis e trariam naturalmente muita honra e glória ao médium. Como Espírito talvez eu fizesse esta caçoada como os acadêmicos de Berlim do mesmo modo que sir W. Thomson fez com a sua “gente sem ciência” num *meeting* de cientistas em Edimburgo há sete anos.

Porém, desde que no mundo superior dos Espíritos, a verdade é tida como uma coisa sagrada, da qual somente Espíritos inferiores caçoam, pela minha comunicação pela ardósia eu seria *réu*

de injúria à lei moral, de acordo com as leis da divina e eterna justiça, o que traria em tempo o seu castigo.¹² Não poderiam essas condições ter obstado aos invisíveis Espíritos de Slade a exposição de seus tesouros em outro lugar, o que aqui em Leipzig foi feito com tanta e tão surpreendente liberalidade?

Por último podemos notar de passagem uma circunstância que não tem tanta relação com as qualidades morais e intelectuais dos *Espíritos invisíveis*, como com as dos *médiuns visíveis* dos quais os Espíritos carecem para as suas manifestações.

Tem sido alegado, como característico desses *médiuns*, que não obstante os mais surpreendentes fenômenos ocorrerem em sua presença, eles, ainda assim, quando se oferece ocasião procuram enganar aos demais, empregando para isso meios materiais que com todo o cuidado ocultam.

Deve-se ter em mente o grande risco que corre quem assim procede e a completa diferença que se nota entre as manifestações de um *suposto médium*, isto é, de um charlatão e as manifestações verdadeiras de um *médium de fato*. O *médium charlatão* não passa de um *cleptomaniaco*. A mania é bem conhecida. Em Berlim, por exemplo, havia uma senhora da mais alta sociedade que tinha por hábito entrar em lojas de jóias e depois de fazer compras avultadas subtraía qualquer objeto por mais insignificante que fosse, porém logo que chegava à casa o devolvia infalivelmente.

Tem-se notado em mulheres grávidas essa perversão dos instintos irresponsáveis. Acrescentarei uma observação à descrição detalhada da manifestação física ocorrida durante a primeira visita de Slade em 16 de novembro de 1877 em minha residência e em presença dos meus colegas e amigos Weber e Scheibner; refiro-me à ruptura do reposteiro. Nesses fenômenos espíritas, que se realizam em presença de médiuns, o que sempre é mais discutido é o *modus operandi*.

Argumentam que os prestidigitadores alcançam idênticos efeitos em um teatro e no entanto não negam ser apenas uma questão de ligeireza e de aparelhos, embora ocultem aos espectadores o *modus operandi*. Esse argumento baseia-se na pressupo-

sição de que os recursos empregados pelos prestidigitadores se conservam dentro dos limites que de acordo com a experiência são prescritos aos seres humanos, em relação à sua organização física.

Se, por exemplo, um homem só tivesse que desenvolver um ato de prestidigitação que necessitasse da força de *dois cavalos*, o argumento não seria mais admissível desde que não houvesse um *modus operandi* capaz de produzir o resultado.

Em relação ao meu reposteiro, na manifestação já mencionada, felizmente posso apresentar argumentos convincentes. O material da galeria era pau de álamo. A fazenda do reposteiro nova e comprada havia apenas um ano. O corte dos dois pedaços de madeira, longitudinal, os quais foram simultaneamente quebrados, de cima para baixo, era de 3,142 m. De acordo com as experiências de Ettelwein,¹³ a força do puxão necessário para a ruptura longitudinal de tal pedaço de madeira seria de 4.579 quilos; desde que dois desses pedaços de madeira foram ao mesmo tempo partidos, para alcançar-se esse resultado seria necessário desenvolver-se uma força igual a 4.579 quilos x 2.

Para que se possa comparar o que se deu com a força humana, transcrevo literalmente o que se acha no *Dicionário de Física*, de Gehler, pág. 976 do vol. II:

“Os músculos da coxa conservam perpendicularmente o corpo, cujo peso pode calcular-se em 150 libras, e desde que há músculos que suportam 300 libras a mais, temos 450 libras.

Com o fim de mencionar alguns exemplos de força extraordinária, citarei a de um homem que conheci, o qual sem preparo algum carregava seis pés cúbicos renanos de trigo e em cima um homem.¹⁴

Subia com esse peso uma escada de oito degraus. Só o peso que ele suportava podia-se calcular em 450 libras e adicionando-se o peso do carregador segue-se que as suas pernas suportavam um peso de 600 libras. Há exemplos de força ainda mais extraordinária, desenvolvida pela tensão dos músculos das coxas, como o citado por Desaguliers, de um

homem que com as pernas rebentava uma corda que agüentava um peso de 1.800 libras, e este como outros suspendendo do chão por meio de uma tira de couro amarrada na cintura o peso de 1.900 libras com o simples esforço de retesar as pernas.

Já vi um hérules suspender 2.000 libras colocando-se dobrado debaixo de uma tábua sobre a qual o peso descansava, estabelecendo o centro de gravidade mais ou menos na altura da cintura, apoiando os braços nos joelhos e em seguida endireitando as pernas recurvadas.

Os músculos em jogo nesse caso são, entre todos os do corpo, os mais adequados a suportar o maior peso e desse modo numa pessoa estão habilitados a maior desenvolvimento de força do que nos ombros, ou de qualquer outro modo em que a espinha dorsal tenha de ficar em linha reta.

Conheci um homem que suspendia de cima de uma cadeira para cima de uma mesa, na ponta do dedo mínimo da mão direita e conservando sempre o braço estendido, um peso de 100 libras. Esse exemplo ainda não é dos mais admiráveis. Vi o hérules que suspendia as 2.000 libras agarrar com a mão direita uma barra que se achava fixa, perpendicularmente, e com o braço estendido conservar o corpo no ar em posição horizontal seguramente um minuto.”

Comparando o que fica dito com a força de 9.914 quilos necessários para romper o meu reposteiro, ver-se-á que o mesmo hérules para obter idêntico resultado teria necessidade de multiplicar a sua força quase por 10 e aplicá-la em posição favorável. Desde que a “força em desenvolvimento para o transporte de peso em um plano” é no cavalo igual a cinco vezes a força de um homem, para se desenvolver o efeito mecânico produzido em presença de Slade seriam preciso dois cavalos.¹⁵

É uma prova da lucidez de W. Weber e do alcance da sua teoria ter ele há trinta e dois anos passados imediatamente após a discussão analítica da sua teoria (vide os meus *Princípios de uma Teoria Eletrodinâmica da Matéria*) escrito o seguinte sobre a força catalítica na Natureza:

Esta força depende da quantidade das massas, da sua distância, velocidade relativa e mais da sua aceleração relativa, que lhe vem parte pelo movimento já desenvolvido e parte por forças desenvolvidas por outros corpos atuando sobre eles.

Parece-nos daí que a *interação* direta entre duas massas elétricas não depende exclusivamente das próprias massas e das relações mútuas, mas também da presença de terceiros corpos.

Agora é sabido que Berzelius já tinha previsto a dependência da interação direta de dois corpos da presença de terceiro corpo e designou a força procedendo desta combinação sob o nome de *força catalítica*.

Aceitando-se este nome, pode-se dizer que até os fenômenos elétricos procedem em parte de forças catalíticas. Esta prova das forças catalíticas em relação à eletricidade não é, rigorosamente falando, uma consequência dos princípios conhecidos da eletricidade. Assim poderia ser considerada se a estes estivesse intimamente ligada a noção de que somente as forças pelas quais as massas elétricas atuam diretamente em reciprocidade, a distância, fossem por essa causa determinadas.

É, no entanto, concebível que entre as forças compreendidas sob os princípios descobertos há algumas desenvolvidas diretamente pelas massas elétricas umas sobre as outras, que dependem, por conseguinte, no primeiro caso, de *médium interposto* e ainda de todos os corpos atuando sobre esse médium.

Estas forças, se o médium for retirado das nossas vistas, poderão com facilidade passar por forças catalíticas, não obstante de fato não o serem.

A concepção das forças catalíticas deve pelo menos na sua essência ser considerada modificada neste caso. Em outras palavras, sob a designação de força catalítica deve-se entender uma força exercida diretamente e que possa ser definida de acordo com uma regra geral por meio de um certo conhe-

cimento dos corpos a cuja influência o médium interposto se acha sujeito, embora “*sem ciência*”. As leis fundamentais conhecidas da eletricidade dão-nos uma regra geral para a determinação da força catalítica neste sentido.

Mesmo que se admitisse ser Slade um gigante e lhe atribuíssem a faculdade de mover-se tão rapidamente que os meus amigos Weber e Scheibner e eu não percebêssemos, poderão depois da exposição feita os *céticos racionais* pensar que o reposteiro poderia ter sido rompido por Slade?

Porém, para justificar o termo *racional*, mencionarei que no dia seguinte ao da sessão estiveram comigo um colega e mais dois amigos noutra sessão com o Sr. Slade. O meu colega, com o fim de apaziguar a sua *consciência científica*, sugeriu a possibilidade de ter o Sr. Slade trazido consigo uma *dinamite*, escondendo-a debaixo de algum móvel e em ocasião oportuna ter-lhe chegado fogo.

Essa explicação lembra a de um camponês da Pomerânia para explicar o movimento de uma locomotiva. Para atenuar de algum modo o terror que podia inspirar pela primeira vez o aparecimento de uma locomotiva, o pároco de uma aldeia de Pomerânia procurou fazer compreender a seus paroquianos o que era o vapor.

Quando assistiram à passagem da primeira locomotiva, todos sacudiram incredulamente a cabeça e um deles disse: “Não, padre, dentro há cavalos escondidos.”

Já observei no meu primeiro volume que no interior de todos os corpos há forças elétricas potencialmente latentes, que se fossem subitamente soltas poderiam produzir uma explosão, cujos efeitos seriam muito mais enérgicos do que os da dinamite. Eu já escrevi:

“Está provado que a energia elétrica existente em um miligrama de água (ou de qualquer outro corpo) poderia, se solta repentinamente, produzir o mesmo deslocamento que a explosão de uma carga de 16,7 quilos de pólvora, no maior dos canhões até agora existentes, pode imprimir a uma bala de 5,20 quilos.

Em presença de um médium, desenvolve-se o que se chama *força catalítica*,¹⁶ até agora de nós desconhecida e que uma vez desenvolvida converte em força ativa uma pequena parte da energia potencial armazenada em todos os corpos.

Há 50 anos passados não poderia um físico com impunidade afirmar publicamente a existência provável de “forças até agora desconhecidas para nós” sem sujeitar-se a ser enxovalhado por escritores anônimos, pelos “jornais sérios”, e isto se prova pelas seguintes palavras do então professor de Física da Universidade de Meidelberg no ano de 1829:

“Não poucos, e entre estes, conhecidos investigadores, têm chegado à conclusão da existência de diversas forças desconhecidas na Natureza e especialmente no homem. Certamente não se poderá *a priori* negar a possibilidade da sua existência, por cuja ação muitos fenômenos até agora desconhecidos do processo vegetal e animal podem ser explicados. Mas também deve-se recomendar a maior circunspeção e cuidado ao físico que se propuser investigar essa suposição.”

Da justiça destes conselhos, quando referentes a homens da eminência científica de Wilhelm Weber ou Fechner, especialmente por parte de *literatos e pretensos homens de ciência*, a posteridade julgará. Por enquanto nós nos consolaremos com as palavras dirigidas por Galileu a Kepler:

“Que idéia farás tu dos mais eminentes professores do Ginásio de Pádua, quando souberes que lhes oferecendo eu o telescópio, absolutamente não quiseram examinar nem os planetas nem a lua!? Tais homens encaram a filosofia como um livro igual à Eneida ou à Odisséia e crêem que a verdade não deve ser investigada na Natureza, mas simplesmente na comparação de textos. Como havias tu de rir quando em Piza o primeiro professor do Ginásio de lá tentou em presença do grão-duque arrancar com argumentos *lógicos*, como *exorcismos mágicos*, os planetas do firmamento!”

Kepler respondeu a Galileu:

“Coragem, Galileu, avante! Um pressentimento me diz que poucos dos eminentes matemáticos da Europa se afastarão de ti, TÃO GRANDE É O PODER DA VERDADE!”

Capítulo VIII

Fenômenos que se prestam a investigações. – A sua reprodução em diferentes épocas e lugares. – Experiências do Dr. Friese e do professor Wagner, confirmando as do autor.

Devo observar que os principais fenômenos por mim obtidos em companhia de Slade (e desses justamente os mais notáveis) já foram reproduzidos em presença de outros indivíduos com o dom da mediunidade e nas mais severas condições. Esta circunstância destrói por completo a alegação de ser o Sr. Slade um intrujão, baseada apenas no fato de ser ele um *médium profissional* e por conseguinte fazer disso um meio de vida como um mágico vulgar.

O característico dos fenômenos naturais é poder provar-se que ocorreram em diferentes épocas e locais. Desse modo fica provado que há certas *condições gerais* das quais dependem esses fenômenos. Não discutamos se as causas são *desconhecidas* ou não e se podemos de algum modo concorrer para elas. *A tarefa do investigador científico consiste justamente na descoberta e enumeração das condições sob as quais devem esses fenômenos naturais ocorrer.*

O método por meio do papel tismado por mim usado para demonstrar a impressão de membros humanos se tornou de uma utilidade indiscutível. O papel sujeito a esse processo torna-se como uma *câmara escura fotográfica*, que pode ser colocada nas imediações do médium com todas as *cautelas* sem que ele o saiba, de modo a tornar qualquer artil uma impossibilidade.

Por esse meio o Dr. Friese de Breslau, em uma sessão com uma família daquele lugar onde se achava uma senhora *médium*, obteve a impressão de uma mão sobre o papel tismado, colocado numa ardósia que estava sobre o fogão, coberta com um papel para protegê-la da poeira. A médium sonambulizada viu distintamente uma figura aproximar-se do fogão e colocar a mão na ardósia.

A operação foi descrita pela médium, embora o Dr. Friese e demais pessoas nada vissem. Imediatamente após o despertar da médium, foi retirada a ardósia do fogão e encontrada a impressão da mão conforme ela descrevera. A mais brilhante reprodução da minha experiência com papel tisonado foi a que se realizou no outono do ano passado com um médium *não profissional* em S. Petersburgo. O Dr. Nikolaus Wagner, professor de Zoologia e membro honorário da Universidade de S. Petersburgo, publicou em o número de julho do *Psychische Studien*,¹⁷ com uma fotolitografia, a impressão em apreço. Transcrevo literalmente o artigo para por ele também avaliar-se a oposição religiosa e eclesiástica que hoje, como no tempo de Galileu, procura impedir as investigações científicas:

“Reprodução de uma das experiências do professor Zöllner com médiuns particulares por Nikolaus Wagner, professor de Zoologia da Universidade de S. Petersburgo.

A reação contra o movimento espírita segue o seu curso com a mesma violência de toda a oposição fanática. Se a fé cega é o motivo do fanatismo religioso, também a direção desse sentimento em contrário é determinada por uma força igualmente ilógica: o *ceticismo cego*.

Em uma e outra a causa é a mesma: uma paixão excitada, resistindo a toda consideração calma e ajuizada. Não pode haver melhor prova ao que fica dito do que os ataques dos *sábios* contra aqueles dos seus colegas que tiveram a indisculpável temeridade de convencer-se da realidade dos fenômenos medianímicos e de publicar o resultado das suas investigações.

Até caírem em terreno espírita, os trabalhos e opiniões desses homens eram tidos como perfeitamente lógicos, acertados e satisfazendo plenamente às exigências, porém tão logo levem as suas investigações às regiões dos fenômenos medianímicos, encontram logo uma antipatia geral e isto mesmo antes de se pronunciarem favoráveis a eles. Impelido por esta antipatia todo o raciocínio cega-se; procuram argumentos tão ingênuos que se tornam absurdos. Em relação

aos *sábios* e ao meu colega o professor Zöllner, que ultimamente entrou em investigações no campo da mediunidade, temos a mais ampla certeza do que dissemos acima.

Convencido, pela realidade dos fatos, da mais completa *objetividade* dos fenômenos medianímicos, ele publicou o resultado das suas investigações. Como no caso, porém, das investigações de Crookes e de Boutlerow, foi ele também dado por suspeito e atribuíram tudo à prestidigitação bem executada e o nome de mais um investigador consciencioso foi avolumar a lista dos cientistas enganados pelos chamados charlatães.

Como todo o peso das acusações recai puramente na suposta fraude dos médiuns, não será supérfluo confiar eu à imprensa o resultado de algumas investigações análogas às de Zöllner, que obtive com um médium *não profissional*. Absolutamente não espero que esta narrativa, como centenas de outras anteriores a esta, faça a menor impressão na cegueira dos céticos, porém creio firmemente que servirá para reforçar a convicção daqueles que, não sendo fanáticos, não se recusam a convencer-se da verdade das coisas. Desde que a força da evidência depende principalmente da confiança que nos inspiram os médiuns e das pessoas que compõem a sessão, julgo essencial primeiramente considerar-se o fato e depois ilustrá-lo com algumas asserções históricas.

Instigada por escritos meus e do meu colega Boutlerow em certos periódicos russos, a família do engenheiro e químico E..., em companhia de alguns amigos íntimos, resolveu certificar-se da realidade dos fenômenos medianímicos. Deve-se notar que na família já se tinham revelado casos de mediunidade, mas foram atribuídos a diversas causas tais como a alucinação e outras.

Três senhores assiduamente tomavam parte nas sessões: a mulher do químico, Sofia E...; a sua irmã, A... M... e a sua amiga A... L..., que durante anos professava a mais sincera amizade pela Sra. E... Destas, as duas primeiras eram dotadas dos mais extraordinários dons de mediunidade. Todas as três se faziam notar pelo seu arraigado sentimento religioso

e qualquer embuste, mesmo para um bom fim, seria por elas reputado como um pecado gravíssimo.

As manifestações desde o seu início eram por elas encaradas como miraculosas, e disto tanto mais se persuadiam quanto mais os fenômenos se desenvolviam. A quarta senhora, que também constantemente se achava presente, era a senhorita Catarina L..., uma das maiores amigas de Sofia E..., esposa do químico. No começo das sessões esta nem em Deus acreditava. Todas as suas crenças eram materialistas. Ela sustentava os princípios do conhecido publicista russo o Sr. Pisaref como dogmas indiscutíveis. O poder das manifestações tornou-a indecisa e afinal destruiu por completo o seu ceticismo arraigado. Esse pequeno grupo foi formado com o firme propósito de demonstrar que as manifestações mediúnicas não eram mais que ampliações de fenômenos físicos já conhecidos.

Com esse fim, à volta da mesa de que se serviram e que se achava sobre descansos de vidro, foi corrido um arame, cujas pontas foram ligadas a um galvanômetro. Em lugar, porém, do esperado fenômeno físico, a mesa logo na primeira sessão pediu insistentemente o alfabeto e por meio de pancadas com os pés da mesa foi soletrada a seguinte frase:

- Eu sofro por não acreditar.
- A quem se refere isto?
- A Catarina L...
- Quem é você? – perguntou L...
- Eu sou a sua amiga, Olga N...

Essa amiga querida, também incrédula, tinha morrido havia um ano e por isso Catarina L... ficou muito admirada e comovida; pela comunicação dada pela mesa e que se referia a fatos só conhecidos de Catarina L... se convenceu ela da existência da alma da sua querida amiga, embora em outro mundo. Desde esse momento a projetada experiência física foi posta de parte, as comunicações tornaram-se cada vez mais claras e confirmaram cada vez mais a sua fé na existência de outro mundo. Esta crença em breve se tornou geral

entre todos. Para demonstrar o efeito moral do fenômeno sobre todos, transcrevo aqui um extrato do diário de Catarina L..., a mim comunicado depois da sua morte, que se deu algum tempo mais tarde.

Março, 29, 1876, 1:30 a.m.

Apenas nos tínhamos, S... e eu, retirado para dormir e deixado de conversar, ouvi umas pancadas na parede junto da minha cabeça. A princípio pensei ser alguém que subia a escada; passados, porém, alguns minutos, recomeçaram as pancadas com tal força que S... também as notou e me perguntou se eu havia batido. Então ocorreu-me a explicação do fato.

– Provavelmente a minha amiga Olga procura-me – disse eu.

Imediatamente soaram três pancadas seguidas e como que abafadas.

– É você, Olga? – perguntei em voz alta.

Três pancadas regulares responderam-me.

– Poderei dormir tranqüilamente esta noite?

Novamente três pancadas se fizeram ouvir.

30 de março, 6:45 da tarde.

– Por que você bateu ontem na parede, Olga?

– Espíritos maus quiseram impedi-la de ir à comunhão. A princípio você queria, depois desistiu do intento. Vim ontem, minha querida, preveni-la de que não deve obedecê-los. Não poderei vir durante uma semana. Tenho muitas ocupações. Na terça-feira a visitarei de novo.

– Se eu comungar virá ter comigo?

– Sim e lhe farei um presente.

– Que espécie de presente?

– Um que poderá mostrar a todos.

– Quer dar-mo no dia da comunhão?

– Sim, na igreja.

1º de abril.

Já me confessei. Após a comunhão tomei lugar entre os mais da igreja. Repentinamente veio ter às minhas mãos um ramo de rosas brancas e musgo, amarrado com o tão conhecido e querido cabelo da minha amiga. Era o presente prometido.

Assim que voltamos da igreja nos sentamos à mesa. A nossa amiga celestial já se achava entre nós. As suas primeiras palavras foram:

– Desejo a todos felicidade. Sinto-me feliz por vocês; e você está satisfeita com o presente?

– Sim, mas que significação tem?

– Puro amor, eternidade.

Não pude conter as lágrimas.

30 de abril, 10 horas.

Sofia E... estava sentada numa poltrona e de repente ficou sonambulizada. Fomos prevenidos pelo Espírito. Em seguida uma mão apareceu-nos. A nosso pedido, tocou as nossas e se aproximou dos olhos daqueles que não puderam vê-la distintamente.

Perguntei ao Espírito se lhe podia beijar a mão. Respondeu-me que iria pô-la entre a toalha e a mesa e que aí poderia beijá-la. Por duas vezes beijei a querida mão e me convenci da sua existência real. Era uma mão de vivente e flexível.

Dou esses detalhes para mostrar a amizade entre a falecida e as pessoas que compunham o grupo. Repito que o diário foi escrito unicamente para a própria autora e ela com certeza nunca pensou que trechos dele viessem um dia a ser impressos. As pessoas que tomavam parte nas sessões não se interessavam absolutamente pelo Espiritismo, porém unicamente pelos fenômenos que presenciavam. Todos os fenômenos medianímicos, tais como objetos em movimento, luzes, aparições de mãos e outros tantos mais reproduziram-se nas sessões. Frequentes vezes foram objetos trazidos para o nosso meio, como flores, cabelos e até fotografias de santos.

Durante uma sessão a mesa foi completamente coberta de flores.

Em outra ocasião a filha de Sofia E..., uma mocinha de 14 anos, recebeu uma perereca em substituição a outra que tinha morrido poucos dias antes. Esse animal se conservou em seu poder por alguns dias, desaparecendo depois. Em uma ocasião o Espírito de Olga declarou que pretendia materializar-se e disse ser Sofia E... a médium mais forte entre os presentes e que por seu intermédio se efetuaría o fenômeno.

Na noite designada pelo Espírito deitou-se a médium em um sofá e separada dos mais por uma cortina improvisada com um chale, ficando, porém, em parte visível. A sala achava-se fracamente iluminada. Depois de ter a médium adormecido, foi por diversas vezes elevada no ar, colocada no assoalho e outra vês colocada no sofá. Depois uma figura coberta com um véu se ergueu por detrás da cortina. sossegada e calma, passou por cima da cortina e se dirigiu para a mesa onde se achavam todos reunidos.

Aproximou-se de Catarina L..., abraçou-a, beijou-a, tocou-lhe no rosto com as mãos e, erguendo-se, desapareceu. Na sessão seguinte, que foi às escuras, o fenômeno se repetiu e Catarina L... foi coberta com um véu, que ela conservou.

Depois desses fenômenos as sessões quase cessaram. Admirados do que tinham assistido, todos supuseram ser um pecado continuar as sessões, tendo obtido tão irrecusáveis provas do outro mundo, não obstante não se recusarem a receber comunicações e conselhos; para esse fim usavam dos meios comuns como pancadas na mesa e a psicografia.

Isto durou cerca de um ano, até o inverno de 1877, quando eu, por acaso, me relacionei com a família do químico E... Desejando obter alguma prova da objetividade e da realidade dos fenômenos, pedi aos freqüentadores das sessões que me proporcionassem os meios de o fazer.

Obtive o seu completo consentimento, embora as opiniões de todos fossem abertamente contrárias às minhas. Quem mais achei contra mim foi Catarina L..., que como para

compensar o seu materialismo passado era agora ultra-ortodoxa e intransigente. Continuamente repetia-me que nenhum dos fenômenos me convenceriam por serem questão de fé e não de ciência.

Durante a primeira a sessão em que tomei parte, uma pequena mão se formou sobre a mesa, coberta por uma toalha. Em seguida, saiu ela debaixo da toalha, conservando-se na mesa por alguns minutos, depois, movendo-se vagarosamente, tocava os rostos daqueles que para ela se inclinavam. Este foi o único fenômeno de materialização e o único importante durante a série das sessões que duraram até o fim do inverno.

Catarina L... há muito tempo sofria de um catarro crônico, que na ocasião, agravando-se, se declarara em tísica. Ela ainda me fazia oposições de tal modo, que tivemos de desistir das sessões. Pouco depois, morria ela nos braços de Sofia E... entre as maiores provas de afeto e amizade. No outono de 1878 revolveram recomeçar as sessões.

Depois de obtida a permissão de Catarina L..., que observou que os fenômenos seriam recebidos com desconfiança, foram acrescentadas mais pessoas ao grupo; o engenheiro mecânico M... era dos mais assíduos e algumas vezes o médico L... tomava parte nas sessões. Logo na primeira sessão soubemos por meio de pancadas que podíamos tentar a experiência do professor Zöllner.

Sendo o fim desta publicação confirmar aquela notável experiência, não nos demoraremos na descrição de outros fenômenos mais ou menos notáveis por nós observados.

Tomamos uma lousa de fechar; na parte interna de cada lado fixamos com lacre um pedaço de papel tismado. A lousa foi então amarrada com um barbante e as pontas, como os ângulos da lousa, lacradas e sobre o lacre afixado o sinete do químico E... Por meio de pancadas, soubemos que a lousa deveria ficar sobre a mesa durante quatro sessões e então impressões seriam encontradas sobre o papel.

No decorrer do fenômeno a lousa principiou a mover-se por si, já de um a outro assistente, demorando-se por algum tempo entre as mãos de cada um.

Na terceira sessão pediram-nos que selássemos a lousa com sete lacres com a impressão do sinete do químico E... Perguntamos:

– Já há qualquer coisa na lousa?

Responderam-nos: – Não sabemos.

Perguntamos-lhes se podíamos abrir a lousa.

Responderam-nos: – Sim, podem.

Abrimos a lousa e achamos o papel completamente em branco. Fechamo-la novamente, amassamo-la e lacramo-la com sete selos. Eu levei o sinete comigo. Na sessão seguinte movimentos violentos da lousa novamente se fizeram ouvir e finalmente disseram-me que a colocasse sobre os meus joelhos. Assim o fiz e pus as mãos em cima da mesa. Durante alguns segundos a lousa se conservou imóvel e pouco depois pareceu-me perceber que alguém a tocava de leve. Em seguida fomos avisados por pancadas fortes que podíamos retirar as lousas. À nossa pergunta:

– Há alguma coisa nela?

Responderam-nos afirmativamente. Perguntamos-lhes se podíamos abrir a lousa. Responderam-nos:

– Sim, podem.

Riscamos um fósforo (a sala estava às escuras), abrimos a lousa e vimos uma impressão de cada lado; do direito a *impressão* era de uma mão e do esquerdo a de um pé.

As senhoras médiuns e o químico E... imediatamente reconheceram a mão de Catarina L..., que possuía características particulares. Era grande e larga em demasia para mulher e o dedo mínimo muito curvo para fora. O pé também muito grande não se pôde acomodar todo dentro da lousa e esta impressão era muito nítida, embora não tanto quanto a obtida por Zöllner.

Para maior certeza, esta impressão foi mostrada a um escultor que bem conhecia a mão da falecida e ele logo perguntou se a impressão era a mão de Catarina L... Ele supunha ter sido esta impressão obtida do seu falecimento. Todos os que têm assistido a fenômenos medianímicos sabem que muitas vezes promessas feitas durante as sessões não chegam a realizar-se. Não tendo certeza da realização do fenômeno, preparamos a lousa sem esmero, não espalhamos o papel por igual sobre a lousa e não o enegrecemos convenientemente.

Se quando possível evitar o sinete e abrir a lousa, seria impossível imitar a impressão da mão. E com que fim prático? Todos os que tomaram parte na sessão eram “crentes”; todos igualmente se interessavam pela experiência; nenhum era tão “depravado” a ponto de querer proporcionar-nos uma mistificação. Na verdade seria uma crueldade para aqueles que conservavam como uma coisa sagrada a memória da falecida.

Aquela jovem era mais que uma parenta na família do químico E... Ninguém que visse a alegria das médiuns, quando reconheceram a impressão da mão, poderia deixar de ficar sensibilizado. Todos persignaram-se e choraram e encararam o fenômeno como um milagre. Depois do fenômeno alguém presente propôs pormos termo às sessões, visto não podermos esperar nada de mais objetivo, positivo e convincente. Propus que continuássemos. As nossas sessões seguintes perderam todo o interesse das anteriores. Os fenômenos reproduziam-se fria e demoradamente. O Espírito de Catarina L... declarou-nos que durante um mês não nos poderia aparecer.

Outras circunstâncias imprevistas ocorreram, de modo que suspendemos as nossas sessões até época mais favorável; por último, uma desgraça inesperada obrigou-nos a desistir delas por muito tempo, talvez para sempre. Relatando esta simples história com toda a singeleza, plena convicção e fé na existência real dos Espíritos, repito que absolutamente ela

não influirá no *cético teimoso* que se tornou escravo do seu julgamento *a priori*.

Esta narrativa só pode tornar os *céticos* fanáticos até o ponto de, mesmo admitindo a realidade dos fatos, procurarem uma causa ainda mais extravagante que a de Carpenter: *irritação cerebral inconsciente*.

Para aqueles, porém, a quem o Espiritismo não é um resultado *subjetivo* do nosso cérebro e dos nossos nervos e que conhecem a necessidade e a legitimidade da individualidade como a alavanca do desenvolvimento da humanidade e do bem-estar, esses encontrarão nos fatos a prova e a confirmação das suas vistas.

Esses fatos convenceram-nos, mais que tudo, da necessidade de alargarmos o domínio da ciência e dos seus métodos e meios para as investigações do mundo invisível e desconhecido,¹⁸ de cuja existência temos em nossos corações, desde a infância, um pressentimento tão claro, simples e fervoroso.”

Capítulo IX

Teóricos: As quatro dimensões. – As experiências do Professor Mare. – Prosseguimento das experiências do autor e de Slade. – Moedas transferidas de caixas hermeticamente fechadas. – Clarividência.

Dando continuidade à exposição das experiências com o Sr. Slade, mencionarei em primeiro lugar as que imaginei como prova experimental da realidade de uma quarta dimensão.

Entre elas não há nenhuma tão instrutiva e convincente como o transporte de corpos materiais de um espaço fechado por todos os lados. Não obstante para a nossa intuição de três dimensões, este espaço aparentemente não admite outra saída senão através dos limites materiais.

Na quarta dimensão esse espaço pode ser aberto e desse modo o transporte dos corpos nesta direção pode ser levado a efeito sem embargo das paredes materiais de três dimensões. Desde que a chamada *intuição* de um espaço de quatro dimensões nos falta como seres de três dimensões, nós só podemos formar uma concepção desse proceder por analogia com a região do espaço imediatamente inferior. Suponhamos em um plano uma figura de duas dimensões fechada em todos os sentidos por uma linha e dentro da qual há um objeto móvel.

Só por um movimento no plano esse objeto não poderia sair do interior desse espaço de duas dimensões senão por uma abertura na linha que a fecha. Porém se o objeto fosse capaz de um movimento de terceira dimensão, necessitaria somente ser suspenso perpendicularmente ao plano para escapar-se e descer do outro lado da linha. Para os seres de suas dimensões, essa ascensão seria tida por um milagre. Porquanto o corpo, que eles supunham estar completamente fechado, devia ter desaparecido de certo lugar para reaparecer em outro.

Não obstante fatos idênticos terem sido freqüentemente observados em sessões espíritas e publicamente atestados por homens inteligentes e dignos do maior crédito, em todo caso,

como prefácio às descrições das minhas próprias experiências, não posso deixar de mencionar o seguinte fato observado pelo eminente químico e cientista americano universalmente conhecido e admirado, o professor Hare.¹⁹

Refiro-me à descrita pelo conselheiro Aksakof em *Psychische Studien*, editada por ele no número de julho de 1879 sob o título *Algumas Experiências do professor Hare em confirmação às do professor Zöllner*. Limito-me à primeira experiência descrita em uma carta publicada em 1º de maio de 1858 por uma testemunha de vista; o Dr. S. A. Peters, que procurou o Dr. Hare no seu laboratório com o fim de certificar-se da exatidão de alguns fenômenos dados à publicidade pelo mesmo Dr. Hare. A carta foi dirigida ao editor de *The Spiritual Telegraph* nos seguintes termos:

“Filadélfia, 18 de abril de 1858.

Sr. editor. Achando-me de visita nesta cidade, vindo do Estado de Missouri, aproveitei a oportunidade para visitar o professor Hare, a fim de verificar os progressos por ele feitos no estudo do Espiritismo.

É provável que em breve venha a publicidade uma relação das admirabilíssimas manifestações espíritas que se estão desenvolvendo no laboratório do professor. Nesta confirmarei o que vi. O Dr. Hare, o médium (um moço de 18 a 19 anos, a quem pela primeira vez eu via, chamado Ruggles) e eu éramos os únicos presentes. O médium sentou-se em frente ao espiritoscópio, que estava na mesa no meio do aposento. O Dr. Hare e eu sentamo-nos defronte e junto à mesa.

Depois de alguns minutos nos foi dito pelo instrumento que o Dr. “Peters ponha dois tubos de vidro de metal russo na caixa”. O Dr. Hare levantou-se e foi buscar dois tubos de vidro de 6 x 1/2 polegadas, hermeticamente lacrados nas extremidades, e dois pedaços de platina do feitio de balas de espingarda.

Primeiramente examinei a caixa onde devia depositar os tubos. Achava-se sobre uma mesa em frente a mim. Assemelha-se a uma escrivaninha; era de dois pés de altura por meio

de largura e tinha uma tampa que se fechava obliquamente com dobradiças e fechaduras. Nesta caixa coloquei os dois tubos de vidro e as balas de platina; nada mais havia nela.

Fechei-as. Hare e eu sentamo-nos e o médium continuou no espiritoscópio. Depois de um lapso de 55 minutos nos foi dito: *Temos um presente para o Dr. Peters; ele que o tire da caixa.* Dirigi-me à caixa, abri-a e encontrei os dois pedaços de platina dentro dos tubos hermeticamente lacrados.

Não comentarei o fato, apenas julgo do meu dever dar-lhe publicidade. Não tenho outro interesse senão tornar-me útil aos meus semelhantes.

S. A. Peters.”

Agora relatarei uma experiência por mim feita e que me convenceu completamente da realidade do que chamam *clarividência*. Em 5 de maio de 1878, às 4:30 da tarde, sentamo-nos à mesa von Hoffmann, Slade e eu. Além de algumas lousas compradas por mim, havia sobre a mesa, entre outros objetos, duas caixas de papelão nas quais durante a estada de Slade em Leipzig eu pusera algumas moedas e grudara o encaixe com uma forte tira de papel. Eu já nessa época esperava que as moedas daí fossem retiradas sem que se abrissem as caixas.

Essa experiência foi por nós abandonada em vista de nos acharmos muito preocupados com a profusão de fenômenos por nós observados. Uma dessas caixas era de forma circular e dentro se achava uma moeda grande. Essa caixa estava grudada por uma tira de papel, cuja largura era da altura da caixa e cujo comprimento excedia em muito a sua circunferência. A outra era retangular, semelhante às em que se guardam penas. Nesta tinha eu colocado duas pequenas moedas.

Como disse acima, desde 1877 eu tinha grudado as caixas e não tinha tomado nota nem do valor nem da data da cunhagem das ditas moedas e só podia certificar-me da sua existência no interior das caixas pelo ruído que produziam quando as caixas eram sacudidas. A que tinha sido encerrada na caixa grande era uma moeda de um táler (cinco marcos), na retangular, duas pequenas de cujos valores me havia esquecido inteiramente.

Depois de nos termos sentado tomei das caixas e sacudindo-as certifiquei-me da existência das moedas. Em seguida, von Hoffmann e Slade fizeram o mesmo, perguntando-me o que pretendia fazer com as caixas. Em poucas palavras declarei-lhes o meu intento, dizendo que se os seres invisíveis conseguissem, sem abrir as caixas, retirar as moedas que encerravam, seria uma das mais belas confirmações da existência da quarta dimensão.

Slade, pronto como sempre, tomou uma lousa, colocou-a com a mão direita metade embaixo da mesa; ouvimos ruído de escrita e quando ela foi retirada, achamos nelas o pedido de mais um pedaço de lápis. Em seguida Slade, que se achava à minha esquerda, novamente colocou a lousa com os dois pedaços de lápis sobre a mesa. Depois de passados alguns minutos, Slade, olhando fixamente para um lado do aposento, disse vagarosamente como que admirado e arrastando as palavras: *Estou vendo, estou vendo... funt e mil oitocentos e setenta e seis.*

Eu não podia compreender o que isso significava; ao mesmo tempo von Hoffmann e eu dissemos que *funt* significava que $5 + 1876 = 1881$. Enquanto dizíamos isto em tom de gracejo, ouvimos um objeto duro cair sobre a lousa que Slade segurava em baixo da mesa. Sendo a lousa retirada, sobre ela foi achada a moeda de cinco marcos com a data de 1876. Instintivamente agarrei a caixa em que estava a moeda e em que durante todo esse tempo pessoa alguma tocara; ao sacudi-la verifiquei que estava vazia.

Como bem se pode imaginar, a nossa alegria foi imensa diante desse resultado que prova a existência da percepção direta dos objetos fora dos meios comuns da percepção dos sentidos. A isso não se poderá chamar de “leitura do pensamento” pelo médium, pois nenhum de nós, muito menos Slade, sabia a espécie de moeda que se achava encerrada na caixa nem a data da sua cunhagem. Senti-me tão satisfeito com esse resultado que propus encerrarmos a sessão. Slade declarou-nos não se achar absolutamente fatigado pela sessão, que durara apenas dez minutos.

Conservamo-nos à mesa numa conversa animada sobre as sessões do grão-duque Constantino da Rússia e pedia Slade que nos contasse detalhadamente os fenômenos nelas desenvolvidos

e dos quais apenas soubemos pela lacônica notícia da imprensa. À vista do convite, Slade relatou-nos uma notável experiência que se efetuara em presença do grão-duque Constantino.

Por acaso tinham sido colocados dois pedaços de lápis sobre a lousa; quando ele a colocou sob a mesa, um dos lápis escrevia para a direita enquanto o outro ao mesmo tempo escrevia para a esquerda. Imediatamente pedi a Slade que tentasse a reprodução da experiência em nossa presença. Esta lembrança me ocorreu por nos terem sido pedidos dois pedaços de lápis sem sabermos para que fim. Slade imediatamente colocou a lousa com os dois pedaços de lápis debaixo da mesa e logo ouvi o ruído de escrita. Quando a lousa foi retirada, lá se achava esta comunicação em inglês: “10 – *Pfenings* 1876 – 2 *Pfenings* – 1875. Que isto sirva de prova de *clarividência*. Depois de nove dias é necessário que descanséis a fim de evitar algum mal, a vós e ao médium. Creia-me seu amigo”.

Imediatamente atribuímos a primeira parte desta comunicação às duas moedas que se achavam encerradas na caixa retangular. Ia abri-la depois de me haver certificado da existência das moedas, sacudindo-as, porém mudei de resolução e a coloquei novamente no meio da mesa. Slade e von Hoffmann sugeriram a idéia de serem retiradas as moedas da caixa como pouco antes fizemos com a moeda grande. Apenas formulado esse desejo, ouvimos a queda das moedas sobre a lousa. Segurei a caixa e a sacudi, pensando não conter ela coisa alguma. Julguem da minha surpresa vendo que dentro havia qualquer corpo, que absolutamente não podiam ser as moedas.

Já me preparava para abrir a caixa quando Slade, na forma do costume, ia interrogar, por meio da lousa, os “seus Espíritos”. Apenas colocada a lousa, ouviu-se o ruído de escrita. Na parte superior da pedra estava escrito em inglês: *Os dois pedaços de lápis de pedra estão na caixa.*

Realmente, quando abrimos a caixa lá se encontravam eles. Os fatos acima são de grande importância pelos seguintes motivos:

- 1º) Fica provado ter ocorrido a escrita sob a influência de Slade, embora ele ignore o seu sentido. É impossível que esta escrita se tenha realizado sob a sua influência “consciente”, seja o *modus operandi* qual for.
- 2º) A aparente passagem da matéria através da matéria fica provada de uma maneira indiscutível. Para poder chegar à superfície da lousa, as moedas devem ter aparentemente atravessado não só os lados da caixa como também cerca de vinte milímetros, a espessura da tábua de carvalho do tabuleiro da mesa. Os dois lápis devem ter percorrido o mesmo caminho em sentido inverso para chegarem à caixa.
- 3º) Por esta experiência tivemos uma prova robusta de *clarividência* e de maneira dupla.

A primeira vez com a moeda de cinco marcos. O conteúdo da caixa fechada apareceu sob a forma de uma imagem real da “vista intuitiva” de Slade. Ele viu os números 5 e 1876. Da segunda vez este não foi o caso, porém o conteúdo foi comunicado por meio da escrita sobre a lousa. O conteúdo da caixa retangular deve ter sido refletido em outra não tridimensional inteligência antes de poder ser esta imagem a nós transmitida por meio da escrita. Parece-me ficar provada a existência de seres inteligentes para nós invisíveis e a sua ativa participação nas nossas experiências.

Já demonstrei que o fenômeno da *clarividência* é fácil e naturalmente explicado pela quarta dimensão. Pela elevação à quarta dimensão há um aumento do raio visual sobre as três dimensões exatamente como pela elevação sobre a superfície da terra, de acordo com as leis geométricas, há aumento do raio visual sobre as duas dimensões. Deste modo a alma de Slade estava de tal modo elevada na quarta dimensão que o conteúdo das caixas se lhe tornou visível nos seus menores detalhes. No segundo caso, um daqueles seres invisíveis da quarta dimensão nos olhava de tão alto que o conteúdo da caixa retangular se lhe tornou visível e nos deu na lousa a sua descrição.

É interessante comparar-se a teoria da *clarividência* aqui descrita com a feita por pessoas que se tornaram clarividentes por meio do chamado *sono magnético* com o concurso do “magnetizador”, de acordo com a teoria acima e com o princípio de continuidade. Vemos que o seu desenvolvimento deve ser seguido de uma ampliação do círculo visual no espaço de três dimensões, isto é, os corpos devem gradualmente tornar-se cada vez mais transparentes em completa analogia com o aumento numérico dos objetos, que percebemos pela contínua elevação acima da terra como por exemplo nos balões. Esta suposição acha-se confirmada pela descrição do médium americano Davis,²⁰ que assim se refere à sua percepção durante o sono magnético:

“O meu horizonte visual começou a alargar-se. Em seguida eu podia perfeitamente distinguir as paredes da casa. A princípio pareceram-me muito escuras e opacas; em seguida, porém, se tornaram mais claras e afinal transparentes. Pouco depois eu via as paredes dos aposentos próximos que por sua vez se desfaziam como névoa diante da minha penetrante vista.

Agora podia ver a mobília e as pessoas na casa vizinha com a mesma facilidade com que via as que se achavam no mesmo aposento que eu. Neste momento ouvi a voz do presidente da sessão que me perguntava se podia ouvi-lo. Respondi-lhe afirmativamente. Perguntou-me em seguida o que sentia e se podia ver alguma coisa. À minha resposta afirmativa, desejou que eu convencesse a algum dos presentes, lendo o título de um livro por baixo de outros quatro ou cinco e de olhos fechados. Tendo-me amarrado um lenço nos olhos, colocou o livro ao nível da minha testa e li o título sem a menor hesitação.

Essa prova e outras mais foram obtidas por diversas vezes, ficando assim provada a vista independente dos órgãos materiais. A minha percepção porém continuou a desenvolver-se. A superfície da terra em um raio de muitas centenas de milhas se tornou transparente como a mais cristalina água. Eu via os miolos, as vísceras e todo o sistema anatômico dos animais que naquele momento dormiam ou pastavam nas

florestas orientais, *centenas e mesmo milhares* de milhas distantes do lugar onde me achava.”

Admitindo-se a descrição acima das representações no campo magnético, pressuposta a condição de *clarividência* e conservando-se em mente que estas experiências têm sido repetidas e confirmadas de acordo com uma lei, por outros indivíduos sob outras condições, no estado de *vidência*, ver-se-á em conexão com o sono magnético e com o aumento de duração e intensidade, aumento também de campo visual, de acordo com as leis de perspectiva em relação à elevação sobre a terra. A verificação destas leis de perspectiva para a ampliação da intuição do espaço, por mais uma dimensão, deveria antes ser tarefa de geometria, exatamente como os elementos de Euclides devem ser conhecidos dos físicos e astrônomos, antes de poderem compreender os fenômenos celestes no espaço.

Está provado que na nossa alma se desenvolvem as imagens, etc., revestidas de todos os seus atributos. Desenvolvem-se, modificam-se e desaparecem sem a intervenção da nossa vista física. Tais são os sonhos, as alucinações e as ilusões. Das causas que desenvolvem estas imagens nada sabemos e por conseguinte só podemos apresentar hipóteses. Porém se indagamos de nós mesmos em que consiste a diferença entre essas imagens e as que são produzidas diariamente em nossa vida por meio do órgão da vista, vemos que há mais regularidade, vivacidade e continuidade nestas últimas.

A causa pela qual essas imagens são reproduzidas ficará ignorada enquanto a sua “homogeneidade” não puder ser experimentalmente provada. Sabemos por experiência íntima que a nossa vontade pode, até um certo ponto, por meio da chamada força de imaginação, reproduzir a nosso bel-prazer objetos da vista da nossa própria alma. Neste caso reconhecemos a nossa própria vontade como a causa desta representação. Se porém pudermos empreender experiências que nos insinuem a possibilidade da vontade de um indivíduo, a seu bel-prazer, produzir imagens na alma de outro, estando estas imagens revestidas de todos os atributos da realidade, então por essas experiências ficaria provado que os fenômenos de um mundo real externo podem ser

reproduzidos e evocados por uma vontade individual de concerto com a inteligência em outro indivíduo.

Porém neste caso seria uma conclusão necessária de acordo com a indução dos princípios científicos aceitar também uma causa quantitativamente igual para representar a totalidade do mundo *corporal real*, isto é, a vontade individual combinada com a inteligência, embora excedesse essa vontade individual em qualquer proporção em força e em inteligência *quantitativamente*.

Mantenho ser científica a dedução supramencionada e logicamente necessária e a única possível a um intelecto racional. Newton diz o mesmo no terceiro livro dos seus *Principia*, no terceiro *Regular Philosophandi*, nos seguintes termos:

“Por conseguinte às mesmas causas devem ser atribuídos tanto quanto possível os efeitos naturais da mesma espécie, como a respiração no homem e no animal, a descida de pedras na Europa como na América, a luz num fogo como no sol, o reflexo da luz sobre a terra como sobre os planetas.”

O que resta resolver é se a experiência pode demonstrar que a vontade humana será capaz de desenvolver no cérebro humano de outro reproduções a que chamamos *objetos reais* ou *corpos*. Essas experiências publicamente feitas pelo magnetizador Hansen tiveram um resultado tão surpreendente e convincente que se torna impossível duvidar da realidade da influência da vontade inteligente de um indivíduo sobre o outro.

Conseqüentemente o nosso entendimento é obrigado, de acordo com as leis da indução científica de Newton, no terceiro *Regular Philosophandi*, a aceitar uma vontade individual junto à inteligência como causa do mundo de representações que nos cerca, o mundo real externo ou natureza. Quais as leis que determinam *diretamente* esta influência nos é por ora de importância secundária.

Isto deve ficar de pé: que um indivíduo dotado de inteligência e vontade deve pressupor-se a causa do nosso mundo real de representações. Devo aqui dizer que as induções acima não são novas nem tenho as primícias delas. A sua prioridade deve-se

incontestavelmente ao filósofo inglês Berkeley, contemporâneo e discípulo de Newton. No seu célebre tratado *Dos Princípios dos Conhecimentos Humanos*, seção 33, Berkeley diz:

“As idéias impressas em nossos sentidos pelo Autor da Natureza são chamadas *coisas reais* e as provocadas na nossa imaginação, sendo menos regulares, vividas e constantes são com mais propriedade chamadas *idéias* ou *imagens das coisas*, as quais representam e das quais são cópias.

Mas então as nossas sensações, embora vividas e distintas, não passam de idéias, isto é, existem na imaginação ou são por ela percebidas com tanta clareza como as idéias do seu próprio desenvolvimento. As idéias dos sentidos têm maior realidade nelas, isto é, são mais fortes, coordenadas e coerentes que as criadas pelo cérebro, porém isto não é um argumento a favor da sua existência sem a idéia. Dependem menos do Espírito de seres pensantes que os percebem do que são excitados pela vontade de outro Espírito mais forte, não obstante são idéias e certamente uma idéia, fraca ou forte, não pode existir sem um cérebro que a possa perceber.”

De acordo com esta dedução, Berkeley, na sua 30ª seção, escreve o seguinte, com relação às leis da Natureza:

“As idéias dos sentidos são mais fortes, vividas e claras que as da imaginação; elas têm mais firmeza, ordem e coerência e não são desenvolvidas ao acaso como geralmente as que são efeitos da vontade humana, porém numa série regular a admirável conexão que daí provém testifica o saber e a benevolência do seu Autor. As regras aceitas ou métodos estabelecidos pelos quais a nossa mente, da qual dependemos, desenvolve em nós a percepção dos sentidos, são chamados *leis da Natureza*. Estas aprendemos pela experiência que nos ensina que tais e tais idéias são seguidas de outras no curso geral das coisas.”

Capítulo X

Uma experiência para os céticos. – Uma aposta. – Censura dos Espíritos. – Um resultado inesperado. – Objeções capciosas.

Para convencer as pessoas que não tomaram parte nas sessões com Slade, sobre os fenômenos aí obtidos, especialmente o das lousas, lembrei-me do seguinte expediente:

Comprei numa papelaria um grande número destas lousas de fechar do fabricante A. W. Faber, nº 58, que internamente têm uma superfície livre de 220 x 144 milímetros e 6 milímetros de altura. A lousa fechada fica com dois lados da moldura tão justos que se torna impossível, sem abri-la, introduzir mesmo uma folha de papel. Na parte anterior e oposta àquela em que se acham as dobradiças, há duas espirais de latão que, quando a lousa está fechada, serve de porta-lápis.

Com uma destas lousas, na tarde de 6 de maio de 1878, dirigi-me à residência do meu colega Wach, professor de Direito Criminal desta Universidade, e lhe expus a minha idéia. O professor foi da minha opinião que se esta lousa depois de bem lacrada reproduzisse em presença de Slade alguma escrita, seria a prova indiscutível de um fenômeno notabilíssimo mesmo para aquele que não assistisse às sessões. O meu colega prontificou-se a tentar a experiência. A lousa, depois de colocado dentro um pedaço de lápis, foi fechada, sendo colada em cada cabeceira uma tira de papel de 35 milímetros e de 184 de comprimento.

Depois de grudado o papel, o professor lacrou os pontos afixando o seu sinete. Propus a aposição de mais dois lacres na parte anterior, o que o meu colega achou supérfluo, assegurando serem mais que suficientes as precauções já tomadas para prevenir qualquer embuste. Com esta lousa dirigi-me à casa do meu amigo von Hoffmann e lhe expliquei a minha intenção. Fomos de opinião ser esse o melhor meio de bons médiuns convencerem os incrédulos, tornando assim Slade a sua vida mais suave, ajustando estas lousas a tanto cada uma e devolvendo-as escritas.

Compreende-se que toda a garantia de quem lhe enviasse as lousas repousava nas precauções que ele próprio tomasse.

A segurança do lacre é aceita mesmo pelas autoridades postais para remessa de dinheiro. Depois da minha conversa com o meu amigo Hoffmann, guardei a lousa que este meu amigo destinava às sessões. Slade nesta ocasião não se achava presente e só o vi à noite na hora da sessão. Mostrando-lhe a lousa, expliquei-lhe a minha intenção e em seguida todos os presentes se certificaram do perfeito estado das lacragens e outras providências.

Depois de sentados à volta da mesa sobre a qual havia uma vela acesa, Slade pegou na lousa, sendo sempre observados os seus movimentos, e perguntou-me se eu não desejava também afixar o meu sinete na pedra. Havendo sobre a mesa um pedaço de lacre e tendo eu o meu sinete comigo, coloquei mais duas lacragens, tendo tido o cuidado de apertar o mais que fosse possível as duas folhas da lousa que depois de assim lacradas seria impossível passar uma folha de papel entre as partes que não tinham levado o lacre. Depois disso feito, perguntei a Slade se ele não houvera ainda tentado obter escrita em papel em vez de sobre a lousa. Slade disse-me que não, porém tentaria agora.

Tomei de meia folha de papel de carta de 291 x 143 mm, dobrei-a pelo meio e coloquei entre estas duas metades um pedaço de grafite de 5 x 1 mm, dos usados para lapiseiras. Ia colocar esse pedaço de papel debaixo da lousa quando Slade, que se achava em transe, propôs que se cortasse um pedaço de cada canto do papel, a fim de verificarmos se era o mesmo papel depois da experiência. Cortei dois pedaços dos cantos da folha de papel e guardei-os no compartimento de minha bolsa em que guardava o ouro.

Depois disso, coloquei o papel da lousa sobre a mesa. Em seguida colocamos as mãos na mesa, cobrindo eu com as minhas as de Slade. Durante alguns minutos nada sucedeu. Slade de vez em quando estremecia; porém nada de novo se notava. Slade, impacientando-se, resolveu por meio da lousa interrogar os seus Espíritos e para esse fim colocou sob a mesa uma lousa e um pedaço de lápis.

Imediatamente ouvimos o ruído de escrita seguido das três pancadas. Quando ansiosamente lemos a resposta, estava escrito: *Procurem o papel*. Levantamos a lousa e o papel havia desaparecido.

Admirei-me do fenômeno, embora já tivesse presenciado diversos da mesma espécie. Por muitas vezes olhei para o teto, esperando ver descer o papel, talvez com alguma coisa escrita. Depois de esperar por algum tempo, pedi a Slade que perguntasse aos “seus Espíritos” pelo papel. Pela lousa foi-nos respondido: *O papel acha-se escrito entre as duas folhas da lousa*.

Muito satisfeito, imediatamente tomei a lousa, sacudindo-a e facilmente percebi o ruído de um papel no seu interior. Apesar de já ser tarde (cerca de 10:50 da noite), dirigi-me à casa do meu colega Wach, a fim de fazê-lo abrir a lousa que ele houvera lacrado pela manhã. Não o encontrando em casa, deixei dito que voltaria pela manhã. Passei pela casa do meu amigo Hoffmann e o preveni de que não tinha encontrado Wach. Decidimos pedir a este último que fosse conosco à casa do conselheiro Thiersch e lá abrímos a lousa.

O conselheiro achava-se tão empenhado nessa experiência que também nos forneceu uma lousa lacrada para o mesmo fim. Eu tinha tanta confiança no êxito sempre crescente da realização dos fenômenos em nossas sessões que impensadamente firmara com o meu colega Thiersch uma aposta de 300 marcos.

No caso de falhar a experiência, eu daria ao conselheiro um milheiro de charutos desse valor, o que ele imensamente apreciava; no caso de ganhar eu a aposta o conselheiro daria a Slade 300 marcos. Pedi ao conselheiro que enviasse a sua lousa lacrada para casa de Hoffmann na noite em que em companhia de minha genitora fomos cear em casa do meu amigo, estando Slade também presente. Quando nos sentamos à mesa, mais ou menos às 8 horas, me foi entregue a lousa e mostrei-a a Slade, relatando-lhe a aposta.

Notei logo na sua fisionomia que isso o tinha desgostado e ele me disse que tentaria obter que os “seus Espíritos” escrevessem na lousa, porém desde já desistia de qualquer lucro material e me

pediu que fizesse o mesmo. Imediatamente escrevi ao meu colega prevenindo-o de que a pedido de Slade a nossa aposta ficava sem efeito. Relato este incidente para provar como são injustos os que dizem ser Slade um *ganhador sem escrúpulo* e ainda para mostrar a moral dos “seres inteligentes do espaço de quatro dimensões”, que coadjuvam a Slade. A comunicação foi dada em inglês e é exatamente a que segue:

“Queridos amigos. Diante de vocês está um trabalho do maior interesse para toda a humanidade e será melhor seguir o plano por nós oferecido de modo a melhor desenvolver o bem que há de advir das suas investigações. Nunca se gabem deste sagrado assunto nem apostem sobre ele. Ele é uma lei não feita pelo homem, porém por Deus. Nós lhes traremos luzes tão rapidamente quanto puderem recebê-las sem correrem o risco de por ela se cegarem.”

Quando, na manhã seguinte, apareci em casa do meu amigo Hoffmann com a lousa lacrada, Slade durante o almoço caiu inesperadamente em transe e de olhos fechados e com voz alterada se me dirigiu em inglês, dizendo-me o que encontraríamos quando abríssemos a lousa no pedaço de papel que lá se achava. Como quase sempre em casos idênticos, von Hoffmann anotou mais ou menos o que Slade dizia:

“Perseverai firmes, corajosos e imperturbáveis, apesar dos vossos adversários, cujos punhais contra vós desembainhados serão virados contra eles. A semente espalhada encontrará boa terra, o entendimento das pessoas boas, não obstante não poderem avaliá-la as naturezas mais baixas. No que testemunhastes para o futuro outros descobrirão nossas belezas que vos escapam atualmente. Para a ciência será um acontecimento de importância.

Nós nos alegamos em nos terem as condições atmosféricas sido favoráveis e em parte preparadas. Não podem ter outra explicação senão por exemplo as que imediatamente precedem o sono. Em nenhum destes casos podem elas ser obrigadas. Muitos dos nossos atuais inimigos serão em breve vossos amigos, como Carpenter, um dos mais importantes,

cuja disposição antagônica já agora se encontra abalada e que será em breve um dos vossos companheiros de lutas. Quanto às manifestações de ontem à noite, achareis no papel três frases em línguas diferentes. Há alguns erros em alemão e inglês. Na parte inferior achareis círculos que demonstram as diferentes dimensões do espaço. Amanhã pela manhã von Hoffmann deverá tomar parte na sessão e à noite alguma coisa de extraordinário sucederá.”

Três horas mais tarde achava-me com os meus colegas Wach e Hoffmann em casa do conselheiro Thiersch com o fim de abriremos a lousa lacrada todo esse tempo sob a minha guarda. Aberta a lousa, achamos dentro dela o papel que na véspera eu dobrara com o pedaço de grafite completamente alisado sem denunciar amarrotamento por ter sido forçado por uma abertura pequena. Isto tornar-se-ia impossível sem danificar o lacre.

Dei-lhe uma resposta evasiva. Ele propôs-me tentar a experiência coroada de tão bom êxito na noite de 13 de dezembro de 1877 em presença de W. Weber.²¹

Aceitando o seu convite, amarramos duas lousas novas, juntas, depois de termos colocado entre elas um pedaço de lápis. Lacramo-las bem. Em seguida colocamos essas lousas na parte da mesa mais afastada de nós. Apenas isto feito, foram as lousas muitas vezes erguidas acima da mesa numa das suas extremidades, o que podíamos facilmente perceber por estar o aposento bem iluminado. Imediatamente a escrita começou, o que se percebia pelo ruído. Depois das pancadas do costume, separamos as nossas mãos, levantamos a sessão e nos dirigimos à sala onde von Hoffmann e sua senhora nos esperava.

Em presença dessas pessoas foram as lousas desamarradas. Achavam-se completamente escritas em inglês. Eis a comunicação:

“Isto é uma verdade não para determinados indivíduos, porém para toda a humanidade sem restrição de posição ou raça. Embora os que a investigam sejam insultados ou perseguidos, isso não retirará deles a verdade. Pelo fato de um cego dizer que não vê a luz do sol não quer dizer que o sol

deixe de brilhar. O cego diz que o sol não brilha, porque ele não vê a sua luz. O homem que diz não ser isto verdade o diz por não ter tido uma prova da sua realidade. Não o censureis por isso, mas ajudai-o mostrando-lhe o caminho para esta verdade divina. Agora não podemos dizer mais por não haver espaço. Continuai nas vossas investigações, que recebereis a recompensa.”

Depois de aberta a lousa, tirei da minha bolsa os dois pedaços de papel por mim cortados e mostrei aos meus colegas a sua adaptação perfeita. Todas as pequenas irregularidades das pontas condiziam tão bem que não podia haver a menor dúvida de terem sido cortados da mesma meia folha de papel encontrada dentro da lousa. Reproduzo com a exatidão possível as frases que encontramos:

*Gottes Vätertrene gegt
Ueber alle Welt hinaus
Bete das sie (?) kerht
Ein in unser armes Uaus*

*Wir mussuen alle sterben
Ob arm wir oder reich
Und werden einst erwerben
Des chone Himmdreich.*

“Now, is th 4 the dimension proven? We are not working with the slate pencil or on the slate, as our powers are now in other direction.”

“Agora está provada a quarta dimensão? Não estamos trabalhando com o lápis de lousa nem na lousa, o nosso poder acha-se agora em outra direção.”

A terceira frase era em língua desconhecida. Desse modo ficou provada a exatidão do que Slade dissera sonambulizado a respeito do conteúdo da lousa, três horas antes de ela ser aberta. Se não fosse a precaução de ter eu sempre a lousa em meu poder, poderiam desconfiar ter Slade introduzido o papel entre as suas folhas, como foi o caso com os meus colegas Thiersch e Wache, pelo simples fato de achar-se a escrita no papel e não na lousa. Eu, que por diversas vezes já havia assistido a pequenas variações dessas manifestações pedidas, me sentia satisfeitíssimo. Isto para mim tinha muito mais alcance que a escrita na lousa, pois

tanto só como com o meu distinto amigo W. Weber me achava farto de comunicações pela lousa.²²

Esta última experiência foi muito produtiva nos seus efeitos:

- 1º) por ficar provado poder obter-se escrita em papel;
- 2º) por se ter obtido uma prova indiscutível da penetrabilidade da matéria;
- 3º) prova esmagadora da *clarividência* de Slade, que, não obstante não saber o que se achava escrito no papel encerrado entre as folhas da lousa, nos revelou o seu conteúdo com a máxima exatidão.

Esta prova, mais que qualquer outra por nós até agora obtida, me convenceu da alta inteligência e da disposição amigável dos seres invisíveis sob cuja direção estas experiências se tinham realizado.

Capítulo XI

Escrita através de uma mesa. – Uma prova decisiva da escrita em uma lousa, provando a ausência da participação direta de Slade.

O fenômeno físico mais admirável obtido até agora foi sem dúvida o que demonstra a facilidade com que os corpos materiais são penetrados por outros.

Assim, uma folha de papel dobrada, sem denunciar o menor amarrotamento aparente, penetrou através de uma lousa coberta no seu exterior por madeira. Na sessão de 9 de maio, das 11 às 11:15 da manhã, tivemos disto uma prova bastante evidente, isto é, da aparente supressão da lei da impenetrabilidade da matéria. Logo ao sentarmo-nos à mesa começamos a conversar a respeito do poder dos seres invisíveis e inteligentes por cujo concurso a matéria se tornava aparentemente tão penetrável quanto é permeável.

Slade mostrou-se tão admirado quanto eu, dizendo que nunca como agora tinha obtido ocasião de observar o fenômeno com tanta liberalidade. Em seguida tomou duas lousas e me pediu que segurasse uma em cima da mesa, outra embaixo, ambas contra o tabuleiro com a mesma mão.

Colocamos um pedaço de lápis sob a lousa que se achava na mesa. Slade pôs as mãos na mesa e me pediu que colocasse sobre elas a minha mão direita. Apenas assim fiz, ouvi o ruído de escrita. Em seguida as pancadas anunciaram estar concluída a escrita. Retiramos as lousas e muito naturalmente esperávamos encontrar a escrita na lousa que se achava sobre a mesa, tanto mais que ali estava ainda o lápis, mas imaginem a minha surpresa vendo a comunicação escrita na lousa que se achava *sob a mesa e de encontro a ela*. Nessa lousa se lia o seguinte:

“Não faremos muito esta manhã, desejamos poupar as vossas forças para logo à noite. Precisamos de passividade completa, do contrário não conseguiremos o que pretendemos. A mesa não nos atrapalha absolutamente. Poderíamos

escrever assim mais vezes, mas não estais preparados para isso.”

Na noite desse dia realizou-se o surpreendente transporte das argolas de madeira (6 de maio de 1878) da corda do categute para o pé da mesa.

Na noite do dia 7, às 8:30 horas, fomos para o aposento em casa do meu amigo Hoffmann para esse fim preparado; levei algumas lousas, coloquei-as sobre a mesa. Apenas sentado, Slade sonambulizou-se e de cabeça erguida e voz alterada recitou tão bela prece que nunca me esquecerei do efeito que em mim causou não só pela sua beleza como pelo fervor com que foi ela recitada. A prece era uma petição a Deus, rogando-lhe que abençoasse as nossas experiências e que consentisse na feliz conclusão dos nossos trabalhos, para felicidade da humanidade.

Slade como sempre ao acordar moveu a cabeça de um lado para outro e se levantou com um frêmito que lhe sacudiu o corpo todo e antes de abrir os olhos lhe estalaram os músculos do pescoço e maxilares. Do que dissera sonambulizado me garantiu não se lembrar. Os que têm assistido a experiências do magnetizador Hansen devem recordar-se do despertar desses magnetizados. A mesma impressão me deixou Slade ao despertar do seu sono sonambúlico.

Slade ao despertar perguntou-me a que destinávamos as novas lousas que se achavam sobre a mesa.

Capítulo XII

Uma falha no fio. – Um jato de água. – Fumaça. – Fogo por toda parte. – Explicação sobre a hipótese da quarta dimensão. – Uma sessão com luz fraca. – Movimentos de objetos. – Um corpo luminoso.

Continuo a relatar fatos por mim observados, que provam a conexão íntima de outro mundo material com o nosso e podem servir de confirmação geral às numerosas observações do Sr. Crookes e outros físicos. Até agora, em geral, só tenho relatado o desaparecimento e o reaparecimento de corpos sólidos. Os fatos que se seguem demonstrarão a aparição de *corpos fluídicos* a cuja aparição o atual estado da nossa concepção não nos permite responder à pergunta: *de onde?*

A 7 de maio de 1878, às 11:15 da manhã, depois de Slade e eu termos tomado os nossos costumados lugares, mostrei o desejo de saber o que presenciáramos nessa sessão. Slade pediu-me que eu mesmo segurasse a lousa. Assim o fiz, segurando com a mão direita uma das mãos de Slade. Apenas fiz isso, começou a escrita. Nesta ocasião confirmei uma observação já notada por mim: toda vez que eu retirava a mão de cima da de Slade, a escrita parava, recomeçando tão logo eu segurava novamente a sua mão. Tendo sido dado o sinal de achar-se concluída a comunicação, retirei a lousa de sob a mesa e achamos as seguintes palavras no lado da lousa que havia estado contra a mesa:

“Amanhã pela manhã desejaríamos ter conosco o barão H.. Durante a sessão desenvolveremos uma nova força e vos mostraremos o que podemos fazer. Amanhã vos diremos mais alguma coisa com o médium sonambulizado.”

Slade e eu levantamo-nos com o fim de procurarmos um pedaço de lápis maior, porém nesse momento fomos salpicados por uma espécie de chuvisco, que nos molhou ligeiramente, ficando o assoalho todo respingado. Durou o fenômeno cerca de um minuto.

Tendo ficado algumas gotas sobre as minhas mãos, passando-lhes a língua notei que o seu gosto era o de água pura. Devo mencionar que no aposento em que nos achávamos não havia vasilha alguma com água, embora no contíguo a houvesse. Parece-me que esse transporte de corpos líquidos de um aposento para outro pertence ao mesmo gênero de fenômenos que o transporte de corpos sólidos. Íamos sentar-nos novamente à mesa depois de secarmos as nossas roupas, quando o mesmo fenômeno se repetiu; desta vez porém em maior escala. Agora o teto e as paredes do aposento ficaram também molhados e pareceu-me, a julgar pela direção da água, proceder de diferentes jatos do meio do quarto ao mesmo tempo e de uma altura de quatro pés acima de nossas cabeças, como se um jato fosse descarregado perpendicularmente sobre um plano e daí espalhado em todas as direções.

Eu já tivera ocasião de assistir ao mesmo fenômeno em presença de Slade, ao qual assistiu também o Sr. Gillis, de S. Petersburgo. Esse fenômeno efetuou-se na sala de espera do hoteliro da estação da Estrada de Ferro da Turíngia, na qual pela primeira vez Slade entrava. Não se pode por isso alegar ter havido preparo. Esses fenômenos têm sido testemunhados por diversas pessoas.

Na manhã seguinte, às 11 horas, von Hoffmann tomou parte na nossa sessão, sentando-se à minha direita; Slade, como de costume, à minha esquerda. Depois de obtermos algumas comunicações escritas, de repente vimos surgir de debaixo da mesa e de diferentes lugares uma coluna de fumo que, a julgar pelo cheiro, devia provir de ácido sulfúrico e salitre. Imediatamente olhamos embaixo da mesa e vimos uma tênue fumaça como procedendo de um fósforo riscado. Logo em seguida se repetiu o fenômeno, porém mais pronunciadamente. Slade propôs collocarmos uma vela embaixo da mesa para vermos se os seres invisíveis seriam capazes de acendê-la.

Von Hoffmann tomou dois castiçais com velas ainda não usadas e os colocou embaixo da mesa na parte mais distante de Slade. Juntamos as nossas mãos. Logo em seguida surgiu fumo debaixo da mesa em todas as direções e um dos castiçais surgia

com a vela acesa. Depois de alguns segundos, novamente baixou e quando examinamos embaixo da mesa lá se achava uma das velas ardendo. Para certificar-me da ausência de uma alucinação, tomei de um pedaço de papel e o coloquei sobre a chama da vela, queimando assim um buraco. Em seguida tomei de um lacre, derreti-o na vela e o deixei pingar no papel e pus o meu sinete.

Depois de termos acalmado a nossa admiração, sentamo-nos novamente à mesa, colocando no centro a vela ainda acesa. Slade sonambulizou-se e de olhos fechados nos dirigiu as seguintes palavras que von Hoffmann copiou:

“Tudo aquilo que não compreendemos estranhamos. Fogo há em toda parte. Pensai no sílex do qual o extraí. Ele existe em todos os elementos à volta de vós. Que esta luz seja o vosso farol no caminho das vossas investigações, que seja ela o símbolo da luz que deve romper as trevas do mundo. A luz do cérebro iluminará o vosso caminho! Esta noite entraremos em uma nova fase.

Amanhã de manhã refaremos as nossas forças e à noite vos mostraremos ainda outra fase se a atmosfera nos for favorável.”

Realmente os nossos amigos invisíveis cumpriram a sua promessa de maneira admirável. Às 7:30 da noite nos achávamos tomando o nosso chá. Sobre a mesa estava uma grande lâmpada. Slade sentava-se em frente a mim com as costas para uma janela que tinha as cortinas cerradas. À minha esquerda, do mesmo lado da mesa, se sentava a Sra. von Hoffmann e em frente a ela o Sr. von Hoffmann. Não contávamos com manifestação alguma, visto nunca termos assistido nada de notável durante as nossas refeições, excetuando movimentos de mesa, levantamento de cadeiras e pequenos fenômenos desta ordem.

Repentinamente, a Sra. von Hoffmann deu um grito e disse ver na parede e na porta para a qual eu tinha as costas voltadas o reflexo de uma luz clara que parecia vir de um ponto embaixo da mesa. Examinamos embaixo da mesa por toda parte, mas nada vimos que nos explicasse a procedência da luz. Contando com a repetição do fenômeno, por diversas vezes olhamos para a pare-

de e eu, a fim de melhor poder apreciá-lo, voltei a minha cadeira de lado.

Pouco depois o fenômeno se repetiu e logo em seguida mais uma vez. A cor da luz era de um azul esmaecido, como procedente de uma lâmpada elétrica repentinamente acesa. Para mim o que se tornava mais notável era serem os pés da mesa nitidamente projetados, não obstante, conforme a observação que em tão curto espaço de tempo pude fazer, *os pés da mesa serem do mesmo tamanho que a sombra projetada.*

Não obstante eu poder considerar o fenômeno como um fato não provado *cientificamente* em razão de falta de precauções científicas, em todo caso considero meu *dever científico* consigná-lo de modo a provocar a atenção de futuros observadores acerca de um fato tão notável.

Se, por exemplo, a origem dessa luz fosse um ponto luminoso embaixo da mesa, a sombra dos pés da mesa deveria, de acordo com a lei da projeção das sombras, ser muito maior na parede que os próprios pés da mesa, o que qualquer pessoa pode verificar colocando uma vela embaixo de uma mesa que tenha muitos pés.

O tamanho e forma de uma sombra projetada aproximam-se, como todos sabem, tanto mais do tamanho e forma do objeto que os projeta quanto mais afastado se acha o foco luminoso; ou em outras palavras, quanto mais próximos se acham os raios do paralelo. A nitidez das linhas da sombra nos oferece ainda uma inferência do tamanho do foco luminoso.

Se, por exemplo, o diâmetro aparente do disco do sol fosse vinte vezes maior do que de fato é, as sombras projetadas pelos corpos opacos durante o dia seriam muito mais apagadas nas suas extremidades do que de fato o são.

Independente dos fenômenos de refração, um corpo projeta uma sombra exatamente do seu tamanho se os raios luminosos procedem de um ponto infinitamente remoto. Desde que, como no caso presente, as sombras dos pés da mesa eram perfeitamente idênticas em forma e tamanho aos próprios pés, segue-se que

os raios luminosos que produzem aquelas sombras deviam proceder de um foco:

- 1º) de um tamanho aparentemente muito diminuto;
- 2º) estando a grande distância.

Lugar algum embaixo da mesa satisfazia à segunda condição. Tendo também o resto do aposento sido examinado e mesmo a distância da mais remota parede da sala, não satisfazendo às condições, o dito fenômeno exige outro ponto de partida que não pode ficar nos limites do espaço de três dimensões.

Esta contradição é resolvida tão logo admitamos uma região de quatro dimensões em que vivem aqueles seres inteligentes e invisíveis, que tantas vezes nos mostram o seu poder, os quais podem também desviar raios de luz que se acham difundidos na direção da quarta dimensão de modo a convergirem na nossa direção do espaço de três dimensões.

Nós, igualmente, por meio do reflexo e refração da luz podemos desviar os seus raios de tal maneira que mudamos o seu ponto de partida para lugar diverso do verdadeiro. Desse desvio de raios luminosos depende a maioria das ilusões físico-ópticas. Sendo fenômenos luminosos semelhantes muito freqüentes em sessões espíritas, tendo sido testemunhados, entre outros, por Crookes²³ publicamente, deve ser-me permitido chamar a atenção de outros observadores para as circunstâncias acima mencionadas.

Para uma determinação aproximada de um ponto de divergência dos raios de tais fenômenos luminosos, recomendo o seguinte meio como o mais simples: Fenômenos luminosos são apreciáveis por meio de um binóculo de teatro com cujo emprego o objeto pode ser muito afastado.

Objetos a tão pouca distância como os que se acham num aposento exigem um modo particular de assestar o binóculo. A distância determinada pela peça ocular da objetiva nos proporciona o meio, de acordo com as leis da ótica, de determinar a distância do objeto, isto é, dos pontos luminosos que espargem os seus raios no espaço.

Se, porém, descobrir-se em relação aos fenômenos luminosos espíritos, que a divergência dos raios não coincide com a distância dos pontos luminosos, a diferença dessas duas distâncias indicará a extensão de uma linha alcançando a quarta dimensão e por esse meio terá sido dado o primeiro passo para precisar por meio de determinações quantitativas o campo do espaço de quatro dimensões.

Tal observação na história dos *Fenômenos de Desmaterialização* seria comparável às primeiras determinações das paralaxes na história da Astronomia, ao que devemos as primeiras concepções aproximadas da distância da Lua, o corpo celeste mais próximo de nós.

Mencionarei de passagem que os fenômenos luminosos acima descritos se repetiram em duas noites mais, a 9 e 19 de maio, em idênticas circunstâncias e em presença de muitos que se achavam reunidos para tomarem chá. Nessas ocasiões, para melhor observar Slade e o fenômeno me sentei a seu lado. A única diferença apreciável no fenômeno consistia na cor da luz, sendo nessa ocasião de um amarelo avermelhado em vez de um azul esmaecido.

Será conveniente em futuras e idênticas observações munirem-se os observadores de um espectroscópio a fim de examinarem a natureza dessas luzes. Para terminar, mencionarei uma sessão que se realizou com Slade às 5 horas da tarde de 15 de dezembro de 1877 no gabinete de costume, em casa do meu amigo Hoffmann, estando também presente a sua esposa. Achava-se o aposento fracamente iluminado, a fim de verificarmos se a presença de Slade (como se deu com a presença da Srta. Cook, uma mocinha de 15 anos, fato descrito por Crookes sob a epígrafe *Formas e rostos de Fantasma*) conseguiria provocar a aparição de um desses fantasmas.

Improvizamos um gabinete amarrando em diagonal uma corda em toda a extensão da sala em frente ao meu lugar do costume, cerca de dois metros acima do assoalho e da largura mais ou menos da mesa. Sobre a corda colocamos uma cortina, à sua direita a Sra. Hoffmann e à minha von Hoffmann. Tínhamos

colocado as mãos na mesa quando me lembrei que nos faltava uma campainha.

Nesse momento uma que se achava sobre o aparador começou a tocar à distância pelo menos de dois metros da mesa. Vimos a campainha descer do lugar onde se achava para o chão e aos pulos encaminhar-se para debaixo da mesa. Feito isto, a campainha pôs-se a tocar animadamente e uma mão repentinamente apareceu pela parte superior da cortina com a campainha e a depositou sobre a mesa entre nós.

Formulei o desejo de um momento apertar essa mão. Apenas o fiz, apareceu novamente a mão. Enquanto com a minha direita segurava ambas as mãos de Slade, com a esquerda apertava a que me aparecia por cima da cortina. Deste modo cumprimentei um amigo do outro mundo. Essa mão tinha todo o calor vital e retribuiu-me o aperto com toda a efusão. Depois de soltar a mão, tomei uma lousa de escrever e propus ao Espírito que experimentássemos as nossas forças, pedindo-lhe que procurasse arrancar-me a lousa das mãos.

Aceito o desafio, o Espírito pegou em uma extremidade da lousa enquanto eu retinha a outra. Nos diversos puxões notei os mesmos movimentos musculares como se fosse um homem que segurasse a outra extremidade da lousa. Por um forte puxão fiquei com a lousa em minhas mãos.

Enquanto pensava no que acabava de se passar, vi de repente emergir acima da cortina um corpo semicircular brilhando com uma luz fosforescente do tamanho de uma cabeça humana. Movia-se de um lado para outro acima da cortina e pareceu-nos pertencer a uma forma luminosa que se achava por detrás da tapagem.

Aproximando-se do lado onde se achava Slade, tornou-se completamente visível. Slade recuou assustado, o que nos fez rir e a forma imediatamente se afastou para trás da cortina e do lado oposto tornou a mostrar-se até meio corpo.

Não podíamos distinguir feições ou membros. Em intensidade e cor, a luz fosforescente assemelhava-se à observada nos tubos de Geissler. Senti muito não ter comigo o meu espectroscópio,

de modo a poder examinar com mais fidelidade a natureza da luz emitida.

Capítulo XIII

Fenômenos descritos por outros.

O que relatei compreende a parte essencial de fenômenos por mim observados em companhia de Slade, em mais de trinta sessões e outras reuniões. As precauções por nós tomadas foram tais que no meu entender toda a possibilidade de engano ou ilusão subjetiva fica excluída.

Não tenho, no entanto, a pretensão de pensar que estas precauções satisfarão a todos. Acho-me, por conseguinte, pronto a aceitar de boa vontade instruções e esclarecimentos a fim de precaver-me melhor para o futuro, uma vez que os meus conselheiros tenham dado prova de competência superior à minha, a fim de poder reconhecer neles aptidão para julgar de fatos e observações a que eles não assistiram e deles tiveram notícia pela primeira vez pelas minhas descrições.

Antes de o Sr. Slade deixar a Alemanha, visitou Annathal, na Boêmia, para satisfazer a um convite especial do Sr. J. E. Schmid, proprietário de uma fábrica daquele lugar.

Teve um caloroso acolhimento da família desse cavalheiro e ali se demorou uma semana. Dessa visita já o Sr. Schmid publicou o resultado em uma carta do *Psychische Studien* de julho de 1878. Devo a minuciosa descrição que se segue ao Sr. Heinrich Gossmann, guarda-livros do Sr. Schmid, que presenciou todos os fenômenos e nos relatou verbalmente quando aqui veio em visita. Satisfazendo a um pedido meu e com permissão do Sr. Schmid, mais tarde enviou-me as seguintes notas:

“O Sr. Slade chegou aqui em 14 de maio de 1876, porém se sentia tão fatigado que não pretendíamos fazer sessão nesse dia. Não obstante essa resolução, com surpresa nossa, assim que ele entrou na sala ouvimos fortes pancadas no sofá. Não pudemos admitir a hipótese de ter o Sr. Slade feito preparativo algum, pois era a primeira vez que entrava nessa casa. À pergunta se aquilo era uma manifestação, respondeu-

nos que sim, acrescentando que os Espíritos não tinham podido esperar até o dia seguinte para manifestarem-se e que muitas vezes se verificava esse fato onde havia um bom ambiente.

Tomamos lugares à volta da mesa, sem, contudo, contarmos com uma sessão em ordem. Apenas nos havíamos sentado, uma cadeira que se achava junto ao piano se encaminhou para nós sem que pessoa alguma a tocasse. Embora muito admirados, não deixamos um só instante de observar o Sr. Slade. Achava-me perto dele e inesperadamente fui suspenso no ar com a cadeira em que me sentava e carregado em um semicírculo, tendo sido quase atirado ao chão. Outras pessoas da mesma forma foram tocadas, umas de leve e outras com mais força. A mim isto sucedeu por diversas vezes.

As manifestações sucediam-se umas às outras. Cadeiras moveram-se até à mesa, sentíamos constantemente tocar os nossos joelhos; colocaram um garfo e uma faca em cima de uma toalha na extremidade da mesa como se estivessem cortando carne; em seguida, de uma extremidade da mesa atiraram um garfo a outra extremidade, descrevendo uma pequena curva.

Nos três dias seguintes fizemos sessões em outro aposento com uma mesa apropriada. Juntamos as nossas mãos e entregamos ao Sr. Slade uma lousa de escrever completamente nova. Ele colocou um pedaço de lápis e perguntou ao Espírito da sua falecida mulher se era possível a qualquer dos membros falecidos dessa família manifestar-se por aquele meio. Slade mostrou-nos que a lousa se achava inteiramente limpa e a colocou sobre a mesa encobrindo o lápis. O ruído da escrita se fez ouvir. Esta sessão, como todas as outras, se realizou durante o dia. Terminada a escrita pelo Espírito, ouvimos três pancadas. Quando erguemos a lousa, o lado que se achava de encontro à mesa estava todo escrito: uma comunicação da mulher de Slade, em inglês, e um recado do Espírito de um parente falecido, em alemão. A comunicação do pai da dona da casa era muito interessante, pois com facilidade se averiguava ser ela autêntica pelo uso de algumas

expressões que o falecido sempre empregava, tais como: “Todos nós havemos de morrer” e além disso a incontestável semelhança da letra que se achava na lousa com a do finado.

Entre outras, tivemos uma comunicação do irmão da dona da casa, “em verso”, costume que ele adotava para escrever à sua irmã quando na terra. Ela o reconheceu nisto e comparando a letra com a de cartas dele, que ainda conservava, reconheceu serem em tudo idênticas. Esta comunicação foi obtida do seguinte modo: “Uma mocinha da família que se sentava numa extremidade da mesa defronte de Slade tomou na mão esquerda, a pedido deste, uma lousa de fechar. Colocou entre as duas folhas um pedaço de lápis e juntou a mão direita à cadeia formada pelas mãos das outras pessoas presentes. Nessas condições ouvimos o ruído de escrita.

A mocinha, segundo a opinião do Sr. Slade, era médium e era esse o motivo de poder ela obter comunicação escrita sem a sua intervenção, o que não se dava com os demais. Ela percebeu pressão na parte inferior da lousa enquanto escreviam. Essas comunicações cobriam doze lousas aqui compradas para este fim. O Sr. Slade muitas vezes segurava a lousa obliquamente, não escorregando o lápis da sua superfície e continuando a escrita sem interrupção.

A hipótese tantas vezes sugerida de preparo prévio pelo Sr. Slade não resiste a um exame sério, pois cada vez que ele recebe uma resposta dos Espíritos lava a lousa, usando-a novamente. Em uma ocasião, um dos assistentes retirou a mão sem que ninguém visse; imediatamente a escrita cessou por achar-se a corrente interrompida.

O Sr. Slade, levantando os olhos, observou o que se passava e pediu ao cavalheiro que repetisse a experiência diversas vezes. Toda vez que assim se fazia imediatamente se interrompia a escrita, que era recomeçada tão logo se religavam as mãos. Houve muitas outras manifestações, por exemplo: uma campainha posta embaixo da mesa se elevou por si só a uma boa altura, tocando sempre, e em seguida desceu vagarosamente até a mesa.

Uma lousa colocada embaixo da mesa se fez em estilhaços como por um raio, os quais se projetaram em todas as direções.

Durante uma sessão uma mesa pesada, que se achava a alguma distância daquela onde nos sentávamos, veio com tal força e rapidez para o lado de um cavalheiro que se achava entre nós, que o supusemos machucado; porém a mesa apenas o tocou muito de leve. Os Espíritos deram a prova da simpatia a um médico hidropata, presente entre nós, molhando-o com um jato d'água, que provinha de um dos cantos da sala em frente ao lugar onde ele se encontrava sentado.

Em seguida o meu joelho foi apertado por uma mão molhada, de modo a sentir perfeitamente os dedos e examinando as minhas calças as achei umedecidas. Durante todo esse tempo o Sr. Slade conservava as suas mãos na mesa. Outro fato interessante foi quando o meu patrão, o Sr. Slade e eu, numa ocasião, nos achávamos com as mãos ligeiramente colocadas na mesa; esta elevou-se no ar e virou-se sobre as nossas cabeças, de modo a ficar com as pernas para cima.

A enorme força que o Sr. Slade empregava para conseguir as manifestações pode-se conceber pelo seguinte: Estando ele uma ocasião sentado e eu a pequena distância dele, esticou o braço e colocou a mão nas costas da minha cadeira. Repentinamente fui erguido no ar cerca de um pé sem visível esforço de Slade, que simplesmente levantou a mão e a cadeira a seguiu como se fora um ímã. Esta experiência ele muitas vezes fez com outros.

O Sr. Slade pegou numa harmônica embaixo da mesa, segurando-a por uma corda do lado. A sua outra mão conservava-se na mesa. Em seguida ouvimos o ruído das chaves e uma linda melodia se fez ouvir.

A experiência com as duas bússolas também foi realizada. Estas foram colocadas juntas e quando o Sr. Slade colocou as mãos sobre elas a agulha de uma delas começou a agitar-se e afinal rodou completamente em um círculo, enquanto a

agulha da outra bússola se conservava imóvel e vice-versa. De acordo com as leis de física até agora conhecidas, se o Sr. Slade tivesse algum ímã escondido consigo, o que tem sido freqüentemente conjecturado pelos seus adversários, ambas as agulhas teriam sido movimentadas simultaneamente por estarem muito juntas. Tal não foi o caso.

Uma das mais curiosas manifestações foi a seguinte: o Sr. Slade estava no meio do quarto, eu à sua direita, à minha direita o meu patrão e atrás de nós a uma janela uma mocinha. Enquanto conversávamos o meu patrão ia retirar-se do aposento com o fim de ir buscar um objeto na sala contígua. Uma pesada pedra, como se formada no ar e à vista de todos nós, caiu com grande ruído aos pés do meu patrão, fazendo um grande rombo no assoalho. Logo depois caiu segunda pedra. Isto não se deu perto de Slade, pois eu e o meu patrão estávamos entre ele e o lugar. Algumas vezes em nossas sessões vimos uma mão arrancando a lousa da mão de Slade. Aparecia rapidamente na borda da mesa e do mesmo modo desaparecia. Era uma mão forte, com todas as aparências de carne e ossos.

Em uma ocasião uma lousa foi arrancada da mão do meu patrão e fez a volta da mesa flutuando no ar à vista de todos nós. Slade veio para aqui só, sem companhia alguma.”

O professor Zöllner refere em seguida as manifestações obtidas por Slade em Berlim, das quais recebeu informação de correspondentes e pessoas que o visitaram. Entre as lousas que lhe foram trazidas ou remetidas se achava uma com comunicações em seis línguas diferentes. Estas lousas foram recebidas diretamente das mãos dos investigadores, não podendo assim o Sr. Slade substituí-las. O correspondente que enviou a comunicação escrita ao professor Zöllner foi o diretor, o Sr. Liebing, de Berlim, que obteve os detalhes do dono da lousa em cuja presença foi escrita. Não obstante ter sido preferível obter-se a comunicação diretamente deste cavalheiro, parece pela carta que acompanha a lousa (não reproduzimos a carta por muito longa), que o dito cavalheiro leu e aprovou a carta a todos os respeitos.

Este era o Sr. Kleeberg, residente em Berlim na Rua Schmid, nº 5, de uma respeitável firma daquela praça. Ele tinha um amigo, um *cético incorrigível*, que todo o tempo segurou a lousa *em plena luz do dia*, sendo que a escrita começou imediatamente.

Quando cessou esta e a lousa foi aberta, a parte inferior se achava completamente coberta com letras (como se pôde registrar). Uma longa frase em inglês, cinco pequenas em francês, alemão, holandês, grego e chinês.

Apêndices

Apêndice A

Testemunho de lorde Lindsay

Damos aqui por escrito o testemunho de lorde Lindsay, pessoa de alto valor científico na Inglaterra e que ultimamente foi eleito para o conselho da Sociedade Real de Ciências de Londres. Ele descreve a levitação do Sr. Home e o seu volteio, *flutuando no espaço* por uma janela a 70 pés do solo em uma noite de luar claríssimo. Transcrevo as suas próprias palavras:

“Assisti a uma sessão em companhia do Sr. Home, lorde Adare e um dos seus primos.

Durante a sessão o Sr. Home ficou sonambulizado. Nesse estado foi transportado ao aposento contíguo ao em que nós nos achávamos. Pouco depois vimo-lo flutuando em frente à nossa janela. A distância entre estas janelas era de 7,5 pés e não havia ponto algum de apoio entre elas.

Ouvimos o ruído de uma janela abrindo-se e em seguida vimos Home flutuar do lado de fora da nossa janela. Um luar claríssimo invadia a nossa sala. As minhas costas achavam-se viradas para a luz e vi a sombra de Home fora da janela e os seus pés seis polegadas acima do peitoril. Conserveu-se nessa posição por alguns segundos, suspendeu a vidraça e entrou na sala sentando-se em uma cadeira. Lorde Adare dirigiu-se então à outra sala a fim de examinar a janela por onde Home passara. Estava aberta cerca de 18 polegadas e ele mostrou a sua admiração por ter o Sr. Home passado por uma abertura tão pequena.

Home respondeu-lhe, ainda sonambulizado: “Eu lhe mostrarei” e então com as costas para a janela pendeu para fora como que atirado, cabeça para baixo, rígido, e em seguida voltou perfeitamente calmo. A janela está a 70 pés acima do solo. Duvido muito que mesmo o mais distinto funâmbulo

ousasse tentar semelhante empreendimento, que o único meio de ser levado a cabo seria um perigoso pulo.

Julho, 14, 1871. Lindsay.”

O Dr. Leckart, um dos inspetores dos hospitais de loucos, relata entre outros fenômenos que se realizaram na sua própria casa em presença de amigos, sendo o médium o Sr. Squire, o seguinte:

“Uma pesada cadeira de carvalho, de construção antiga e sólida, foi arrojada ao ar e atirada acima de uma cama, tendo o Sr. Squire apenas a mão esquerda sobre ela, estando a outra mão e as pernas amarradas à cadeira em que se sentava. A mesa foi duas vezes erguida à altura da cabeça do Sr. Squire e da de quem escreve estas linhas. A meu pedido essa mesa foi em seguida quebrada em fragmentos e os pedaços atirados em diversas direções. Isto se deu em meio minuto.

Depois disto eu por diversas vezes tentei quebrar a perna da mesa que restava, sem o conseguir. O Dr. Robertson diz que estes fatos se deram numa sala sem luz, porém que encarando-se a natureza dos fenômenos, as pessoas, mesmo as mais exigentes, devem convir que qualquer *embuste* no presente caso seria naturalmente impossível.”

Outra narração de lorde Lindsay:

“Um dos meus amigos estava aflitíssimo por não achar o testamento de sua avó, falecida havia 40 anos, e nem mesmo se podia encontrar a sua certidão de óbito. Fui em sua companhia à casa da família Marshall e fizemos uma sessão. Sentamo-nos à volta da mesa e em pouco tempo ouvimos as pancadas anunciando achar-se presente um Espírito. O meu amigo fez a sua pergunta mentalmente. Ele próprio contou as letras do alfabeto e algumas vezes eu o fiz, embora ignorando a pergunta. Foi-nos revelado que o testamento tinha sido lavrado por um homem chamado Walker, que vivia em Whitechapel. O nome da rua e o número da casa nos foram igualmente indicados. Fomos a Whitechapel, achamos o homem e em seguida nos foi por ele dada uma cópia do tes-

tamento. Este homem nos era inteiramente desconhecido e nem sempre vivera naquela localidade, pois conhecera melhores dias.

O médium não podia absolutamente ter sabido nada acerca do assunto e mesmo que soubesse isso nada adiantaria, pois as perguntas foram feitas mentalmente.

O homem sensato não deve rir-se das provas que lhe são apresentadas, porém estudá-las e procurar compreendê-las.”

Apêndice B

Testemunho de Samuel Bellachini, mágico da corte de Berlim

O que se segue é a tradução de um documento oficial:

“Registro de notas nº 482 para 1877, lavrado no 6º dia de dezembro de 1877 em presença do tabelião abaixo assinado, residente em Tauben Strasse, nº 42, sob a jurisdição da Real Corte Suprema de Justiça, Gustav Haagen, conselheiro, e na presença das testemunhas abaixo assinadas, conhecidas do tabelião, de maioridade, sabendo ler e escrever e aqui residentes. Karl Trumper, carteiro, Gustav Gruntz, carteiro. Os quais, como o tabelião, declaram não ter interesse algum na causa, que, de acordo com as páginas 5 a 9 do ato de 11 de julho de 1845, os obrigaria a não participar deste documento.

Compareceram hoje pessoalmente à presença do tabelião abaixo assinado, dele conhecidos e nas condições de exercerem o presente ato.

O prestidigitador e mágico da corte de Sua Majestade rei e imperador Guilherme I, o Sr. Samuel Bellachini, residente em Grossbaron Strass, nº 14, o qual proferiu a seguinte declaração sob a data de 6 de dezembro do corrente ano, em Berlim: Que a assinatura do meu nome, aqui afixada, foi escrita por mim e eu a reconheço. Lido e aprovado (Assinado) Samuel Bellachini.

Nós, o tabelião e testemunhas, certificamos que tudo se efetuou como aqui fica dito. Que foi em nossa presença, do tabelião e testemunhas, lido em voz alta à pessoa interessada, por ela aprovado e assinado do próprio punho. (Assinado) *Gustav Gruntz, Karl Trumper, Gustav Haager, tabelião.*

Por este declaro ser um ato precipitado julgar definitivamente a objetividade medianímica do médium inglês Sr. Henry Slade numa única sessão. Depois de ter eu, a pedido de diversos cavalheiros respeitáveis e também em meu próprio interesse, experimentado a mediunidade física do Sr. Slade em uma série de sessões, à luz do dia, como à noite, declaro por amor à verdade que os fenômenos havidos em presença do Sr. Slade foram por mim examinados com todo o escrúpulo e precauções, bem assim os lugares onde eles se produziam, até a mesa, *e não achei o menor indício de prestidigitação nem de aparelho mecânico algum.*

Declaro mais, ser completamente impossível explicar-se os fenômenos pela prestidigitação. Devo apelar para homens como Crookes e Wallace em Londres, Pety em Berna e Boutleroff em S. Petersburgo para explicação da sua causa.

Declaro ainda julgar a opinião de certas pessoas para o *como* desses fenômenos um tanto precipitada. Esta minha declaração é feita e assinada em presença de um tabelião. (Assinado) *Samuel Bellachini.*

Berlim, 6 de dezembro de 1877.”

Apêndice C

Admissões de John Mevil Maskelyne e outros prestidigitadores de profissão

O Sr. John Mevil Maskelyne, o bem conhecido prestidigitador do Teatro Egípcio, Picadilly, Londres, que, sem que tivesse assistido a uma única das sessões de Slade foi admitido como testemunha contra ele em Bow-Street, durante muito tempo

chamava a concorrência aos seus espetáculos, atribuindo-lhes a natureza de fenômenos espíritas.

Durante os meses de junho e julho de 1873 houve pela imprensa uma troca de escritos entre esse senhor e um espírita, no decorrer da qual este último ofereceu ao Sr. Maskelyne o prêmio de mil libras, se ele pudesse reproduzir certos fenômenos espíritas com a condição de serem reproduzidos exatamente conforme haviam sido em presença de três testemunhas das quais só uma espírita.

A aposta deu em nada, porém as cartas foram impressas e aqui damos trechos dessa correspondência com o fim de mostrarmos que afinal o Sr. Maskelyne admitiu a realidade de “alguns destes fenômenos sem o concurso de embuste” e que ele apenas protesta contra o fato de terem os Espíritos dos mortos que ver com estas coisas.

Que este não foi o final do resultado definitivo se verá. A conclusão deve ser uma única: *Há ou não embuste da parte do médium?* Se não há, o fenômeno deve ser julgado digno de ser investigado e provocar um estudo científico de inadiável importância. O cabeçalho desta correspondência impressa era: *1.000 libras de Recompensa. Maskelyne e Crookes – Um desmascarado, por Jota (provas corrigidas por Maskelyne.) – Londres, J. Bunl, 15 Southampton Row, W. C.*

Com o fim de tornar inteligível o que se segue, deve-se antes de tudo dizer que as “manifestações afirmadas no relatório da Sociedade Dialética” eram distintamente medianímicas, sendo a Comissão da referida Sociedade nomeada expressamente para o fim de investigar e relatar os fenômenos espíritas.

No dia 1º de julho de 1873, o Sr. Maskelyne em diversos trechos de uma carta a um amigo escreveu:

“Aceitando este desafio, desejo que compreendas que não afirmo que as manifestações como as descritas no relatório da Sociedade Dialética sejam produzidas por qualquer embuste; nunca neguei serem tais manifestações verdadeiras, porém digo que os Espíritos dos mortos têm mais que fazer do que andar a levantar mobília...”

Na opinião do Sr. Maskelyne os espíritas são homens da maior ingenuidade possível. No dia seguinte respondeu-lhe o seu oponente:

“Não me dou ao trabalho de discutir convosco qual a ocupação dos Espíritos no outro mundo. O que eu compreendo por poder medianímico é uma coisa que não é nem mecânica, nem magia, nem química, nem eletricidade, nem magnetismo, nem mesmo mesmerismo, nem tampouco uma combinação de todas ou algumas destas ciências; muito menos, coisa que possa ser explicada por qualquer das leis da Natureza até agora conhecidas e sem o que (o dom da mediunidade), eu o desafio a igualar ou mesmo imitar o que se chama *manifestações espíritas*.”

No dia 6, o Sr. Maskelyne escreveu de novo:

“Eu nunca disse que vós não pudésseis reproduzir alguns fenômenos de modo verdadeiro; eu mesmo tenho reproduzido alguns ou ajudado na sua reprodução e isto o faço em todas as minhas representações, não obstante não ser médium; porém se fosse um tratante, eu poderia vir a ser um e não encontraria dificuldade em enganar os espíritas de um modo assustador.”

Aqui novamente parece apenas dar uma explicação e insinua que os médiuns são uns velhacos “conscientes”. Nós apenas tratamos do fato em si. Desejaríamos saber o que pretende o Sr. Maskelyne afirmar quando diz que *em todas as suas funções ele declara aos seus espectadores que já concorreu para a realização de verdadeiros fenômenos*, o que como se vê exclui a *velhacaria*.

O seu adversário escreveu em 8 de julho:

“Vós dizeis que repetis sempre ao vosso auditório que admitis tenhamos alguns fenômenos reais. Garanto-vos que nunca cheguei a compreender o que quereis com isto dizer. Parece-me que quereis dizer que a maior parte dos fenômenos espíritas são *velhacarias*, porém que há alguns verdadeiros e que os verdadeiros são produzidos exatamente como as

vossas mágicas de palco. Além disto não consegui coligir mais nada das vossas cartas.”

Num pós-escrito da sua carta seguinte, Maskelyne diz:

“Como podem os fenômenos reais ser produzidos por prestidigitação, eu não sei. Se vós compreendeis assim o que tenho escrito devo estar em contradição e preciso então rever as minhas cartas.”

Robert Houdin,²⁴ o célebre prestidigitador francês, investigou o fenômeno de clarividência com o médium Alexis Didier. No final ele declarou francamente que o que observara estava fora do seu alcance explicar. Vejam os leitores os *Psychische Studien* de janeiro de 1878, página 43.

Licht, mehr Licht!.²⁵ Um jornal alemão publicado em Paris traz em o seu número 16 de 1880 uma carta do conhecido prestidigitador Jacobs à Sociedade Psicológica de Paris, declarando-se espírita e inculcando o modo de distinguir-se as manifestações verdadeiras das espúrias.

FIM

Notas:

-
- ¹ O Dr. Henry Slade não era, como muitos o supõem, norte-americano, mas sim inglês. Desencarnou, de maneira dolorosa, numa Casa de Saúde de Londres. (Nota do Tradutor).
 - ² Trata-se de Bernhard Riemman, matemático alemão (1826-1866). A obra citada é a *Privatdozent, Ueber die Hypothesen, welche der Geometrie zu Grunde liegen*. (N.T.)
 - ³ No desenho maior, por engano, estão os nós em simetria. Eles foram todos atados como no desenho menor.
 - ⁴ *Crinolina* – Tecido anteriormente feito de crina e posteriormente de diversas fazendas empregadas na confecção de saias,

-
- as quais tinham círculo de aço ou de barba de baleia para dar maior reforço ao vestido. (N.T.)
- ⁵ Trata-se da obra de Henry S. Olcott, ainda não traduzida em português e publicada em Hartford em 1875: *People from the Other World*. (N.T.)
- ⁶ Que fizeram com Marthe Béraud? Até exame ginorretal! Aqui entre nós, que fizeram com Carmine Mirabelli? Quase que o punham a nu, amarravam-no, cerceavam-lhe todos os movimentos, internaram-no até no Hospício do Juqueri. Enquanto isso, faziam os pesquisadores da Ciência Psíquica, até certo ponto com razão, porque a cautela contra a fraude é um direito, e um direito de todos – *energúmenos*, como muito bem lhes chama o Dr. Eurico Góis, apedrejavam a casa de Mirabelli, os quais, não satisfeitos com a vilania, chegaram, em despeito religioso, a espancar o próprio médium! Em matéria de calúnia, por que não passou Francisco Cândido Xavier? Sim, o martirologio dos médiuns, a que se refere Zöllner, daria realmente um *grosso volume*! (N.T.)
- ⁷ Sucedido em Viena de Áustria.
- ⁸ Em idênticas circunstâncias, insinuando-se que talvez o Sr. Crookes nas suas investigações com o Sr. Home tivesse consentido no uso de uma tábula como principal parte de algum aparelho, respondeu Crookes: “Não acreditarão os meus críticos que possuo bom senso? E não poderão eles imaginar que as mesmas precauções que lhes ocorreram assim que principiam a analisar o meu relatório, justamente por tão corriqueiras, deviam ter-me ocorrido durante as minhas aturadas e pacientes investigações?”
- ⁹ Sendo tão freqüente o movimento dos corpos pesados sem o contacto de Slade, encarávamos o movimento da mesa como o início do desenvolvimento de um outro fenômeno.
- ¹⁰ A concepção da solidez ou rigidez recentemente introduzida é outra expressão para significar outra face do problema físico. Não obstante, a concepção geométrica de solidez pode ser definida como a imutabilidade dos pontos de um sistema de pon-

tos; conquanto isso, a introdução que abrange esta concepção só provém da experiência do mesmo modo que a concepção do movimento. Vide Helmholtz: *Sobre a Origem e a Significação dos Axiomas Geométricos* (*Popular Scientific Essays*, Nov, 3, 1876). Do mesmo modo Wilhelm Fiedler: *Geometria e Geomecânica* no *Fourth Yearly of Natural Philosophy at Zurich*, vol. do 21º ano, mesmo número: *Acerca da Simetria*, por Fiedler, nº 2, pág. 186 e seguinte.

- ¹¹ *Categute* – Corda fina, feita em geral da tripa do carneiro, empregada em cirurgia, para suturas ou ligaduras. (N.T.)
- ¹² Refere-se à discussão que teve sir W. Thomson sobre uma teoria que ele com toda a seriedade sustentou em longos artigos. Declaram-se da sua opinião E. du Bois-Raymond e Helmholtz (reclamando este a prioridade da idéia) até que afinal Thomson em um longo artigo declarou ser tudo caçoada da sua parte. Para combater esta teoria escreveu o professor Zöllner *Da Natureza dos Cometas*.
- ¹³ *Handbook of Statistics of Solid Bodies*, especialmente tratando da sua aplicação na arquitetura, vol. III, Berlim, 1808. Mesmo assunto: *Edimburgh Encyclopedia*. Compare *Dicionário de Física de Gehler*, vol. II, pág. 138.
- ¹⁴ *Dicionário de Física de Gehler*, vol. V, pág. 1004. Comparação de forças:
De um homem – 1, segundo Coulomb.
De um homem – cavalo – 4.8, segundo Brunacci.
De um homem – cavalo – 6.1, segundo Wessermann.
- ¹⁵ Berzelius foi o primeiro que reconheceu a necessidade de admitir-se a existência da *força catalítica* para se explicarem certos fenômenos físicos e químicos.
- ¹⁶ Much no *Dicionário de Física*, de Gehler, volume V, pág. 1007.
- ¹⁷ *Psychische Studien* – periódico mensal criado pelo filósofo russo Alexander Aksakof em 1871. O seu nome completo era *Psychische Studien Monatliche Zeitschrift* e foi posteriormente

mudado para *Zeitschrift Für Parapsychologie*. Essa revista era o repositório das investigações e reflexões feitas pelo filósofo e alguns colaboradores acerca dos fenômenos psíquicos estudados por diversos cientistas e filósofos na Europa durante a segunda metade do século XIX. Muitos dos artigos publicados nessa revista serviram de base para uma das obras mais importantes de Aksakof: *Animismo e Espiritismo*. (N.T.)

¹⁸ Esse alargamento do domínio da ciência e dos seus métodos é o que vem sendo feito, atualmente, pelo prof. Joseph Banks Rhine, nos EUA., através das pesquisas parapsicológicas. (N.E.)

¹⁹ Robert Hare, doutor em medicina, professor de química na Universidade de Pensilvânia, nascido em 1781 e falecido em 15 de maio de 1858. No *Dicionário Biográfico Literário*, de Poggendorf, do qual extraí o que acima foi transcrito, encontra-se um catálogo dos tratados de Física e Química de Hare, enchendo uma coluna inteira. Em livros de Física o seu nome sobrevive – no chamado *Espiral de Hare*, um elemento galvânico no qual uma placa de zinco e outra de cobre, separadas por maus condutores, são enroladas uma sobre a outra com o fim de formar a maior superfície possível. Com este aparelho previu Hare que com as construções das baterias contínuas podiam ser obtidos efeitos muito fortes de luz e calor.

O tratado de Hare ao qual nos estamos referindo foi publicado no *Philosophical Magazine*, de Tilloch, no ano de 1837, sob o título de *Nova Bateria Voltaica*.

Nos seus últimos anos de existência o professor Hare, como um verdadeiro homem de ciência, empreendeu as mais minuciosas experiências e investigações dos fenômenos espíritas, oferecendo o seu país um vasto campo para estas investigações. Ele mostrou a sua proficiência mesmo na invenção de aparelhos próprios para as investigações. A um destes ele chamou *Espiritoscópio*. Consiste em um índice idêntico aos usados nos primitivos aparelhos telegráficos. Uma descrição detalhada desse engenhoso aparelho, com fotografia, no qual o movimento do índice fica completamente oculto ao médium,

acha-se no panfleto *Investigações Experimentais das Manifestações Espíritas*, pelo Dr. Robert Hare, professor de Química, etc., etc. Edição alemã por Alexander Aksakof, Leipzig, 1874, Mutze.

Nota do tradutor: A obra de Hare a que se refere Zöllner é a publicada em 1855 em Filadélfia: *Experimental Investigations of the Spirit Manifestations, Demonstrating the Existence of Spirits and their Communication with Mortals*.

- ²⁰ O autor refere-se ao famoso Andrew Jackson Davis (11 de agosto de 1826 - 13 de janeiro de 1910), autor de obras importantes, nascido em Blooming Grove no Estado de Nova York, considerado o Allan Kardec dos anglo-saxões. Jackson Davis, que teve uma longa existência, já aos 18 anos de idade possuía a clarividência, que assombrava a quantos dela tomavam conhecimento. Formou-se em medicina com perto dos sessenta anos. A sua autobiografia está na sua obra: *Magie Staff* (N.T.).
- ²¹ Duas lousas solidamente amarradas juntas com um pedaço de lápis entre elas e sem que nenhum de nós tocasse nelas. Assim obtivemos escrita.
- ²² Já citei experiências desta natureza mesmo com duas lousas amarradas uma à outra sem que Slade as tocasse e em presença de W. Weber.
- ²³ Nota sobre uma Investigação de Fenômenos chamados Espíritas por William Crookes,* membro da Sociedade Real de Ciências de Londres, 1864. W. Crookes enumerou e descreveu treze classes de fenômenos por ele verificados e observados na sua própria casa, estando presentes somente amigos seus e o médium.

Da classe 8^a: Aparições luminosas. Diz ele: Sendo estes um tanto esmaecidos, é necessário que o aposento esteja às escuras. Escusado é lembrar aos meus leitores que todas as precauções foram por mim tomadas, a fim de não sermos enganados por óleo fosforizado ou outros meios. E ainda a maior parte destas luzes são de tal natureza, que tenho procurado imitá-las sem porém tê-lo conseguido.

Com as maiores precauções, vi um corpo sólido luminoso do tamanho e quase da forma de um ovo de perua flutuar sem rumo em todas as direções do aposento, algumas vezes muito alto e outras vezes descendo ao chão.

Conservou-se visível por mais de 10 minutos e antes de desaparecer bateu na mesa três pancadas que produziram o mesmo ruído de um corpo sólido. Durante esse tempo o médium conservava-se recostado em uma cadeira de braços, aparentemente em estado de insensibilidade. Tenho visto pontos luminosos moverem-se pelo aposento e descansarem sobre a cabeça de diversas pessoas. Responderam a perguntas minhas levantando e abaixando fortes focos de luz diante dos meus olhos um certo número de vezes. Tenho visto centelhas de luz voarem da mesa até o teto e em seguida descerem e baterem na mesa com um ruído bem perceptível. Recebi uma comunicação alfabética que me foi transmitida por um facho luminoso enquanto a mão se movia entre essas luzes. Vi uma nuvem luminosa flutuar até um quadro. Sob a mais severa precaução, mais de uma vez foi colocado nas minhas mãos um corpo sólido, cristalino e luminoso por uma mão que não pertencia a nenhum dos circunstantes. Com luz vi uma nuvem luminosa flutuar sobre um girassol num dunquerque, quebrar uma folha e levá-la a uma senhora. Por diversas ocasiões vi uma nuvem idêntica e bem visível tomar a forma de uma mão e carregar em diversas direções pequenos objetos.

* Nota do tradutor: A obra a que o tradutor em língua portuguesa, no seu fervor doutrinário, dá o longo título de *Nota sobre uma Investigação de Fenômenos chamados Espíritos* nada mais é do que aquela que William Crookes publicou em Londres em 1874: *Researches into the Phenomena of Spiritualism* (Pesquisas acerca dos Fenômenos de Espiritualismo). Essa obra foi publicada em língua portuguesa pela editora FEB, sob o título *Fatos Espíritos*.

²⁴ Robert Houdin é o autor da obra *Confidences et Révélations. Comment on Devient Sorcier*, Paris, 1868. (N.T.)

²⁵ *Licht, mehr Licht!* (Luz, mais luz!) – Frase de Goethe. (N.T.)